



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Observação e Análise das Equipas Adversárias: complementar o jogar ao analisar.

Relatório de Estágio Profissionalizante no Departamento de *Scouting* do Lusitano Futebol Clube com vista à obtenção do grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento Desportivo ao abrigo do Decreto-lei nº74/2006 de 24 de Março.

Orientadores:

Professor Doutor António Natal Campos Rebelo
Professor Doutor Pedro Miguel Moreira Oliveira e Silva

Diogo Braz
Porto, Outubro 2016

AGRADECIMENTOS

Durante a elaboração deste trabalho contei, direta e indiretamente com a ajuda e o apoio de várias pessoas. Este é o espaço reservado, onde dedico e faço uma homenagem a todos os que me auxiliaram nesta longa jornada.

Ao Professor Doutor António Natal pelo seu saber, orientação disponibilidade e por ter sido uma pessoa fundamental nos conselhos dados que me permitiram evoluir e tornar este trabalho uma realidade.

Ao Professor Doutor Pedro Silva por ter dado continuidade à orientação do meu trabalho, tendo sido uma pessoa exemplar na forma como me aconselhou, orientou e ajudou para que pudesse concluir o meu relatório.

Um agradecimento especial ao Lusitano Futebol Clube e todos os seus elementos pela facilidade com que trataram todos os meus assuntos, ao Mestre Pedro Martins pela disponibilidade e conselhos oferecidos, aos treinadores Rui Cordeiro, Sérgio Fonseca, Carlos Sousa, Joel Pinto e Augusto Cardoso e ao João Luís pela sua constante predisposição em ajudar.

Aos meus pais, irmã e avó por tudo o que significam para mim, pela ajuda, apoio e por se certificarem de que nada faltava para que pudesse concluir este meu percurso académico. Obrigado por acreditarem em mim!

À Cláudia por toda a força, dedicação, paciência, pelo apoio e por me incentivares mesmo quando eu demonstrava alguma displicência em realizar o trabalho. Obrigado pelo teu amor e por estares sempre do meu lado quando mais precisei!

Aos Metralhas Bruno, Jardel, Miguel, Paulo e David pela grande amizade que nos caracteriza e que em parte me incentivou a concluir este trabalho!

Ao Mateus, Diana, Pipa, Catarina, Pedro, Xana, Marco, Natacha, Patrícia, Analissa, Marcel, Xana, Melo, Olga, Trinta, Ana, Carlitos, pela amizade, pela ajuda e por me aturarem!

Um grande Obrigado à Anabela Carvalho pela paciência que teve e pela ajuda que me deu na realização deste relatório!

RESUMO

O futebol por ser um dos desportos mais praticados no mundo é também um dos mais estudados. A evolução que esta modalidade tem registado deve-se, em grande parte, à forma como o processo de treino é estruturado e conduzido em direção aos objetivos da competição. A observação e a análise de jogo que atualmente são realizadas por um elemento da equipa técnica- o *scouter*, têm vindo a ter um papel preponderante neste planeamento e organização do treino já que contribuem para preparar melhor a competição e aumentar o rendimento desportivo da equipa.

O presente relatório é o culminar de um estágio profissionalizante no âmbito do 2º ciclo de Treino de Alto Rendimento Desportivo, na FADEUP, no departamento de *Scouting* da equipa sénior do Lusitano Futebol Clube durante uma época desportiva que teve dois objetivos essenciais: verificar as implicações que a observação e a análise de jogo das equipas adversárias tem na preparação para o jogo de confronto direto entre essas mesmas equipas e analisar as vantagens e desvantagens de realizar funções de jogador e *scouter* simultaneamente.

No final desta experiência, onde pudemos constatar que a análise de jogo é um processo de enorme complexidade resultante do facto de envolver uma modalidade desportiva de enorme imprevisibilidade técnico-tática de acontecimentos, podem-se extrair algumas conclusões, baseadas não só numa revisão de literatura, mas também nas opiniões dos treinadores e num processo de reflexão pessoal: (1) a observação e análise de jogo têm impacto na planificação e estruturação do treino e são utilizadas para prever e anular os aspetos característicos dos adversários; (2) a conjugação das funções de *scouter* e jogador pode apresentar vantagens ao nível do rendimento do atleta, mas é impraticável em escalões profissionais; já que o elevado nível de exigência da modalidade requer do atleta uma concentração total na sua função enquanto jogador. Palavras-chave: FUTEBOL; ANÁLISE DE JOGO; OBSERVAÇÃO, *SCOUTING*, TREINO

ABSTRACT

By being one of the most played sports in the world, soccer is also one of the most studied. The evolution that this sport has registered is due mostly to the way that the training is structured and led towards competitive goals. The observation and game analysis that are currently developed by a member of the coach team – the scouter, have been representing an important role in this training planning and organization, since they contribute to better prepare the competition and enhance the performance of the team.

This report is the culmination of an internship, regarding the second cycle in High Performance Sports Training in FADEUP, inside the *Scouting* department of Lusitano's Futebol Clube senior team, that lasted one season and had two major goals: verifying the implications that observation and game analysis of the opponent teams have in the preparation for the game of direct confrontation between those same teams, as well analyzing the pros and cons of performing both functions of player and scouter simultaneously.

In the end of this experience, we concluded that game analysis is a process of an enormous complexity because it involve a sport of big technical/tactical unpredictability of events and, therefore, we can extract some conclusions based not only in a literary review, but also in the opinion of coaches and in a process of personal reflection: (1) observation and game analysis have impact in training planning and organization and are used to anticipate and to cancel the opponent's characteristics; (2) the symbioses of the functions as player and scouter, could present advantages at the level of the athlete's performance, but is impractical in professional teams, as the level of requirement of the sport requires from the athlete a complete focus in is job as a soccer player.

Keywords: SOCCER; GAME ANALYSIS, OBSERVATION, SCOUTING, TRAINING.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO	iii
ABSTRACT	v
ÍNDICE.....	vi
ÍNDICE DE FIGURAS.....	ix
ÍNDICE DE QUADROS.....	x
ÍNDICE DE ANEXOS.....	xi
ABREVIATURAS	xii
1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Introdução	3
1.2 Ações e Tarefas	7
1.3 Objetivos	9
1.4 Finalidades	11
2 Enquadramento da prática profissional.....	13
2.1 Contexto Legal e Institucional	15
2.2 Contexto de Natureza Funcional	16
2.3 Macro Contexto	17
2.3.1 Análise de Jogo/ Feedback/ Treino	18
2.3.2 Análise de jogo e <i>Scouting</i>	21
2.3.3 Análise de Jogo – O que observar?	25
2.3.4 Análise de Jogo e Avaliação Tática Com Base Nos Princípios Fundamentais do Jogo.....	41
3 Realização da prática profissional	47
3.1 Realização da prática profissional.....	49
3.2 Caracterização do Lusitano Futebol Clube de Vildemoinhos	50
3.2.1 História.	50

3.2.2	Palmarés	53
3.2.3	Órgãos Sociais	55
3.3	Passado recente do Lusitano Futebol Clube.....	57
3.4	Caracterização do plantel sénior do LFC e do Campeonato Portugal Prio	61
3.5	A Evolução do <i>Scouting</i> e <i>Caracterização do Departamento de Scouting</i> do Lusitano Futebol Clube	66
3.6	Conceção da prática profissional	71
3.7	Questões essenciais	73
3.7.1	Como conciliar as funções exercidas enquanto <i>scouter</i> /analista de jogo e jogador?	74
3.7.2	O que observar?	79
3.7.3	O que fazer antes, durante e após a análise do jogo?	83
3.7.4	Qual a melhor forma de transmitir a informação referente à análise de jogo?	86
3.7.5	Qual a constituição do relatório de observação/análise ao jogo?.....	88
3.7.6	Como organizar e estruturar a semana, tendo em conta as diversas funções realizadas?	90
3.8	Problemas em estudo nas diversas atividades exercidas	92
3.9	Atividades realizadas no contexto de estágio.....	95
3.10	Dificuldades.....	105
3.11	Sistema de avaliação e controlo do trabalho desenvolvido..	109
4	Conclusões e perspetivas para o futuro.....	111
4.1	Conclusão	113
4.2	Perspetivas para o futuro	117
5	Síntese final	119
	Referências Bibliográficas	127
	Anexos.....	cxxxvii

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Princípios Táticos Fundamentais do jogo de Futebol em função das fases (A – defensiva e B – ofensiva) e da gestão do espaço de jogo (Costa et al., 2009b).	45
--	----

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1	Troféus e conquistas a nível competitivo dos diversos escalões de futevol do LFC desde a sua criação até à atualidade.	53
Quadro 2	Membros da Assembleia Geral, Direção, Conselho Fiscal, Conselho Técnico e Conselho Disciplinar do LFC.....	55
Quadro 3	Lista dos jogadores do plantel sénior do LFC.....	62
Quadro 4	Disposição das diferentes equipas pelas séries existentes, no Campeonato Portugal Prio, Época 2015/ 2016.	64
Quadro 5	Exemplo do “corte de pontos” para metade, que ocorre na transição, da fase regular, para a fase de manutenção do Campeonato Portugal Prio.65	
Quadro 6	Estruturação e planificação semanal das tarefas, durante o estágio profissionalizante realizado no LFC.....	91
Quadro 7	Categorias, sub-categorias, variáveis latentes e variáveis observadas relacionadas aos Princípios Táticos Fundamentais do Futebol (I. Costa et al., 2009b)	cxxxix
Quadro 8	Indicadores de desempenho dos Princípios Táticos Fundamentais do jogo de Futebol (I. Costa et al., 2009b).	cxli
Quadro 9	Categorias, sub-categorias, variáveis latentes e variáveis observadas relacionadas à Localização e ao Resultado da Ação Tática (I. Costa et al., 2009b).	cxlvii
Quadro 10	Conceito, funções, características e objetivos da Análise de Jogo explicadas por diversos autores.	cxlix

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1	Quadros relativos à avaliação do comportamento tático de jogadores de futebol baseada em princípios fundamentais do jogo.....	cxxxix
Anexo 2	Definição de Análise de Jogo.	cxlix
Anexo 3	Primeira Análise de Jogo realizada enquanto scouter, em formato PDF.	cli
Anexo 4	Análise de Jogo em formato Power Point, que persistiu até ao final da época.....	clv
Anexo 5	Imagens representativas dos programas utilizados na realização dos resumos dos jogos - Corel Video e Photoshop.....	clvii
Anexo 6	Programa usado para reproduzir os vídeos observados (BsPlayer).....	clviii
Anexo 7	Exemplo de 3 crónicas ARDF realizadas para o jornal Dsport.	clix

ABREVIATURAS

LFC	-Lusitano Futebol Clube
ARDF	-Alto Rendimento Desportivo no Futebol
CPP	-Campeonato Portugal Prio
AVFC	-Académico Viseu Futebol Clube
GPAI	- <i>Game Performance Assessment Instrument</i>
TSAP	- <i>Team Sports Performance Assessment Procedure</i>
FADEUP	Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

1 INTRODUÇÃO

1.1 Introdução

*Não há nada como começar para ver como é árduo
concluir.*

Hugo, Victor (1802/1885)

Os jogos desportivos coletivos, nos quais se inclui o futebol, caracterizam-se pela sua dinâmica e complexidade resultante da interação permanente entre os seus constituintes (J Gréhaigne, Godbout, & Bouthier, 1999), pelas enormes exigências físicas e por uma intensa participação psíquica (Teodorescu, 1977).

As ações de jogo realizam-se num contexto diversificado, configurado a partir de uma intrincada trama de relações de oposição e de cooperação (J Garganta & Gréhaigne, 1999). Os jogadores e as equipas procuram resolver em diferentes situações, muitas vezes simultaneamente, cascatas de problemas que encerram uma elevada imprevisibilidade (Metzler, 1987).

Para Castelo (2009), o Futebol é um jogo desportivo coletivo cuja dinâmica resulta da competição entre duas equipas pela conquista da posse da bola, com o objetivo de introduzir a bola o maior número de vezes possível na baliza adversária e evitar que esta entre na sua própria baliza, respeitando as regras de jogo.

Nesta perspetiva, uma das principais missões dos técnicos desportivos relaciona-se com a capacidade de sistematizar a dinâmica funcional da sua equipa, procurando potenciar as relações entre jogadores no sentido de melhorar a *performance* coletiva (Davids, Button, & Bennet, 2008), para que, quando chegue o dia do jogo, a sua equipa seja superior e cumpra o objetivo pré-estabelecido pela equipa técnica.

Apesar de ser uma linha orientadora, esta missão de sistematização da dinâmica funcional da própria equipa, só por si, não orienta o aumento de

performance da equipa. Por mais que o treinador implemente as suas ideias e o seu modelo de jogo na equipa e nos treinos, será insuficiente se não houver o mínimo de conhecimento acerca da equipa adversária.

Ao longo dos anos tem existido uma tentativa de tornar a fronteira do desconhecido, acerca de todos os aspetos que envolvem o jogo, cada vez menor, já que uma decisão errada por parte de qualquer pessoa interveniente no processo de treino e de jogo pode significar a derrota (Oliveira, 1993).

Assim, de modo a diminuir a incerteza e aumentar o conhecimento acerca das equipas adversárias, tem vindo a conceder-se cada vez mais relevância à análise de jogo. De forma particular no futebol, a observação das equipas adversárias tem tido um crescimento acentuado ao longo dos anos porque tem permitido, aos treinadores, preparar melhor a sua equipa e os seus treinos. Complementarmente, esta análise de jogo tem vindo a desenvolver o seu potencial integrador no sentido de dotar os treinadores de informações pertinentes que fundamentem as opções de treino e a adoção de estratégias de jogo (Carling, Williams, & Reilly, 2005)

De acordo com (Carling et al., 2005), atualmente se um treinador não utiliza a Análise de jogo como ferramenta para seu auxílio, é considerado como negligente pela comunidade futebolística.

Durante muito tempo considerou-se que para uma equipa sair vitoriosa do jogo, a condição mais valorizada e enfatizada, seria a de ter os melhores jogadores. Entretanto, aspetos como a metodologia de treino começaram a assumir preponderância e uma cota parte na responsabilidade dos sucessos ou insucessos da equipa. Daí que, atualmente ter bons jogadores e treinar bem são dois aspetos importantes, mas não são suficientes, para garantirem por si só o sucesso da equipa (Ribeiro, 2009).

De acordo com Moutinho (1991), a análise de jogo é considerada pelos especialistas, um momento imprescindível e fundamental do processo de preparação nos jogos desportivos coletivos. Além de ser uma ferramenta indispensável na preparação dos jogos, também se apresenta como um processo de vital importância para o fornecimento de feedback no decorrer do treino e também do jogo/competição (Franks, 1997). É frequentemente referido

que conforme se quer jogar assim se deve treinar, o que sugere uma relação de interdependência e reciprocidade entre a preparação e a competição (J Gréhaigne et al., 1999). Através desta relação, o que foi observado e analisado no jogo pode ser aplicado na organização, planificação, segmentação e estruturação do treino de modo a que o treinador possa orientá-lo para que os atletas saibam anular os pontos fortes dos adversários, bem como, explorar os seus pontos mais débeis. Portanto, conhecendo o modelo de jogo da equipa adversária, o treinador prepara melhor a sua equipa, diminuindo o fator surpresa e a imprevisibilidade.

Podemos afirmar que, se há alguns anos a análise de jogo entrava no rol das questões puramente teóricas, hoje em dia enquadra-se como uma realidade prática (Olsen & Larsen, 1995).

De acordo com J. Garganta (1996), o estudo dos jogadores e das equipas tem vindo a constituir-se como um argumento de crescente importância nos processos de preparação desportiva. A pesquisa de informação sobre os adversários, normalmente designada por *Scouting*, tem sido usada pelos treinadores para identificar características de jogo do próximo adversário e deste modo preparar a sua equipa para o confronto (Franks, 1997; McGarry & Franks, 2003).

O *Scouting* inclui a análise da performance adversária, individual e coletiva, dotando o treinador de informações que o capacitem para o desenvolvimento estratégico-tático de um jogo (M. Hughes & Franks, 2008). Através deste meio, são estudados, entre outros parâmetros, o sistema tático, os métodos de jogo, os esquemas táticos e as particularidades dos jogadores das equipas adversárias (Pacheco, 2005). De um modo geral, o *Scouting* permite traçar um perfil da equipa adversária de forma a explorar os seus pontos fracos e a contrariar os seus pontos fortes. (Carling, 2005; J. Garganta, 1998).

Porém, a análise das equipas adversárias é apenas uma parte desta tarefa, a observação da própria equipa, quer a nível individual, quer a nível coletivo, são também componentes importantes da natureza multifacetada do *Scouting*.

Devido a este crescimento acentuado que se tem vindo a registar ao nível da análise de jogo no futebol e estando cientes da importância que a análise de jogo tem para o sucesso dos objetivos da equipa, tem surgido um novo cargo profissional ou uma nova profissão que é a de analista de jogo ou *scouter*.

Nos primórdios do futebol, a equipa técnica era composta apenas pelo treinador principal mas com a evolução científica e a aquisição de novos conhecimentos houve a necessidade das equipas técnicas serem constituídas por mais elementos e por diferentes profissionais. Foram criadas novas profissões como treinadores adjuntos, preparadores físicos, treinadores de guarda-redes e mais recentemente *scouters*,... que permitiram libertar o treinador principal de outras funções, possibilitando a este estar mais focado na sua função principal de liderar e conduzir a equipa aos objetivos traçados.

Os clubes de futebol profissionais têm vindo a utilizar esta ferramenta de *scouting* com uma maior frequência e o Lusitano Futebol Clube (LFC) apesar dos seus recursos materiais e logísticos reduzidos, tem procurado utilizar este instrumento de análise de jogo.

Assim no âmbito do estágio profissionalizante, pareceu-nos pertinente desenvolver atividades no departamento de *Scouting* do LFC enquanto *scouter*, tentando conhecer as exigências e o que esta “nova” profissão tem para oferecer, tendo como objetivo perceber, trabalhar e ajudar a evoluir este departamento, para que o clube conquiste mais vitórias e almeje objetivos e metas cada vez maiores.

1.2 Ações e Tarefas

Neste estágio que decorreu no período compreendido entre Novembro de 2015 e Maio de 2016, foram desenvolvidas diversas ações e tarefas, respondendo a diferentes funções inerentes ao departamento de *Scouting* do LFC:

- A observação e análise do comportamento das equipas adversárias quer a nível tático e técnico como do modelo de jogo, através de observação indireta com a ajuda de suporte de vídeo;
 - Análise da equipa sénior do LFC através da visualização de vídeos de jogos da própria equipa. Estudo dos seus erros, jogadas que deram resultados positivos/negativos, posição certa/errada dos jogadores no campo e aspetos a alterar;
 - Reuniões com a equipa técnica para informar da análise realizada, para que possam planear, planificar e ajustar o treino, de modo a corrigir os erros e arranjar estratégias que permitam levar de vencida o adversário.
 - Exercício simultâneo de funções de jogador integrante do plantel sénior do LFC e de *scouter*.
 - Função de intermediário entre equipa técnica e jogadores, informando a primeira acerca de problemas ou eventuais situações que sejam dignas de nota com determinados atletas e comunicar a alguns jogadores informações que o treinador precise que sejam transmitidas com um caráter mais pessoal.
- Realização de uma rubrica, intitulada “Alto Rendimento Desportivo no Futebol”, publicada no jornal desportivo da região de Viseu (Dsport), onde eram discutidos temas relativos à fisiologia no Futebol;
- Realização do resumo dos jogos do LFC, através da montagem dos vídeos dos jogos para uma posterior apresentação às redes sociais;
- Este estágio foi concluído com a realização de um Relatório de Estágio, com o objetivo e a finalidade de caracterizar e descrever todo o processo do mesmo, a entregar na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

1.3 Objetivos

Tendo em conta estas ações e tarefas, onde a análise de jogo tem o papel primordial, o objetivo mais importante e geral, a que se pretendeu dar uma resposta neste estágio, foi o de identificar quais as implicações que a análise de jogo tem na preparação do treino e do jogo e também como é que os jogadores assimilam essas informações, nem sempre devidamente percecionadas e as transportam para o jogo.

Para além de querer identificar as implicações da análise de jogo no resultado, outros objetivos adjacentes são dignos de nota:

- Adquirir experiência ao nível da análise de jogo e enquanto *scouter*;
- Compreender a estrutura, organização, recursos materiais e humanos do departamento de Scouting do LFC e de que forma o trabalho desenvolvido no estágio pode ajudar a cumprir os objetivos deste departamento;
- Desempenhar as funções de jogador e *scouter* com o máximo nível de empenho, sem nunca deixar que uma função entre em conflito com a outra;
- Ser capaz de realizar uma análise de jogo, que vá ao encontro das ideias do treinador e que retrate todos os aspetos característicos dos adversários;
- Ter a capacidade de reconhecer quais as situações de jogo que se devem colocar na sua análise e ser capaz de a dividir pelos diferentes momentos do jogo;
- Realizar um *Power Point* de análise de jogo onde se incorpore a informação de forma organizada e estruturada, de modo a que o seu conteúdo seja claramente transmitido e facilmente assimilado pelo treinador e jogadores;
- Conseguir organizar e planear a semana de trabalho tendo em conta as diversas funções e atividades exercidas;

- Perceber se o *Scouting*, na sua componente de análise e observação de jogo é indispensável para a preparação e planificação do treino e do jogo e se é um indicador de sucesso;
- Perceber se no final deste estágio, a experiência foi enriquecedora e se foram adquiridos conhecimentos adicionais, fazendo um balanço dos pontos positivos e negativos da época desportiva;
- Iniciar a preparação pessoal do estagiário para uma possível carreira na área da análise de jogo.

1.4 Finalidades

O presente relatório tem como finalidade reportar na sua íntegra o processo de estágio, os seus constituintes, ensinamentos e comportamentos adquiridos, ou seja, tudo o que foi realizado nesta prática profissional.

Assim, para além de uma revisão de literatura que permite suportar e enquadrar o tema abordado, contém reflexões pessoais acerca das experiências vividas no estágio, dificuldades encontradas, conclusões, avaliações do mesmo e perspectivas futuras.

Tendo em conta os objetivos descritos anteriormente e visando estas finalidades, o presente relatório está estruturado de acordo com os seguintes pontos:

Inicia-se com uma Introdução onde se apresenta o estágio e a justificação da sua realização, as expectativas e os objetivos propostos, enquadrando de forma geral o tema;

Segue-se o Enquadramento da prática profissional, onde é caracterizado o contexto em que este estágio se insere, fazendo-se uma revisão de literatura que permite fornecer uma base teórica orientadora da elaboração do relatório. Neste ponto ainda se encontram inseridos os contextos legais, institucionais e funcionais.

A Realização da prática profissional, onde se descreve todo o trabalho desenvolvido no estágio, as questões colocadas, dificuldades experienciadas, resultados, avaliações, bem como as conclusões apresentadas de seguida.

Conclui-se este relatório com uma Síntese onde, de uma forma resumida, retrata tudo o que foi abordado no relatório.

Em Anexo serão colocados todos os documentos que serviram de suporte à realização do estágio.

2 ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

2.1 Contexto Legal e Institucional

O Estágio Profissionalizante foi realizado no LFC, que atuou como a instituição acolhedora, incluído no prisma do Mestrado de Treino de Alto Rendimento da Universidade do Porto (FADEUP).

Esta oportunidade surgiu pelo facto de o estagiário em questão estar a desempenhar funções de jogador, no plantel sénior desta equipa e ter proposto a sua participação, concretizada através de um protocolo de colaboração específico, desempenhando funções de *scouter*/analista/observador na equipa técnica. Esta decisão foi totalmente apoiada pelo orientador da FADEUP - Professor Doutor António Natal Campos Rebelo e mais tarde pelo Professor Doutor Pedro Miguel Moreira Oliveira e Silva - e pelo Mestre Pedro Manuel Lopes Martins, enquanto supervisor.

Tal como já referido, o estágio decorreu entre novembro de 2015 e maio de 2016. Abrangeu a observação indireta de equipas adversárias em 44 e a observação direta e indireta de 22 jogos/jornadas da própria equipa (LFC). Todas as observações indiretas foram analisadas através de suporte de vídeo. Além destas componentes, foram realizadas ainda, 21 análises de jogo e respetiva elaboração de relatórios de observação dos adversários.

2.2 Contexto de Natureza Funcional

Neste estágio foram desenvolvidas diferentes tarefas que visaram, no essencial, prestar apoio ao quase inexistente departamento de *Scouting* do LFC, nomeadamente:

- na observação indireta, por meio de suporte de vídeo, das equipas adversárias, inseridas na Série D no Campeonato Portugal Prio;
- elaboração de documentos em *PowerPoint*, a apresentar ao plantel, com a análise/relatório sintetizados, de modo a que a transmissão de informação acerca do adversário seja melhor assimilada por parte dos jogadores;
- apoio à equipa técnica em diferentes e variadas áreas, desde uma análise individual e pormenorizada a um certo jogador ou ao comportamento de uma dada equipa a um determinado sistema de jogo;
- elaboração do resumo de cada jogo de todas as jornadas da equipa do LFV a apresentar às redes sociais;
- Preparação de uma crónica de fisiologia desportiva a entregar no jornal desportivo da região de Viseu (Dsport) acerca da *performance* no Futebol, intitulada Alto Rendimento Desportivo no Futebol.

2.3 Macro Contexto

Para ser um bom observador é preciso ser um bom teórico.

Darwin, Charles (1809/ 1882)

Neste capítulo, pretende-se realizar uma revisão da literatura acerca dos temas abordados durante a realização da atividade profissional, nomeadamente o conhecimento que serviu de base ao desempenho das funções exercidas no departamento de *Scouting* do LFC.

Tendo a noção que neste macro contexto toda a informação é simultaneamente teórica e empírica, ou seja, resultante de investigações anteriores, rapidamente se percebe que nem tudo o que esteja escrito na literatura se possa aplicar a todos os contextos. Em qualquer prática desportiva ou profissional haverá sempre situações novas, que não se enquadrem em nenhum referencial teórico, ou que podem variar em relação às informações apresentadas neste capítulo o que não signifique que estejam erradas.

Contudo, neste capítulo procuraremos apresentar uma revisão da literatura que serviu de apoio e de suporte à parte prática deste estágio.

2.3.1 Análise de Jogo/ Feedback/ Treino

A análise de jogo a partir do comportamento dos jogadores tem-se assumido como um aporte significativo de informação para a evolução do treino e da competição (Sousa, Garganta, & Fonseca, 2002). De acordo com Silva (2006), a análise de jogo engloba a valorização, recolha, registo, armazenamento e tratamento dos dados a partir da observação das ações de jogo, sendo atualmente uma ferramenta imprescindível para o controlo, avaliação e reorganização do processo de treino e competição. De acordo com J. Garganta (1997), a análise de jogo permite interpretar a organização das equipas, interpretar as ações que concorrem para a qualidade do jogo, planificar e organizar o treino, estabelecer planos táticos adequados em função do adversário, regular o treino, tendo sempre como intuito caminhar no sentido de melhor preparar a equipa para os confrontos com os demais adversários. Além dos autores acima referenciados, o Quadro 10 (em Anexo 2) mostra algumas noções de diversos académicos relativamente à análise de jogo.

Em síntese, a análise de jogo tem como principais funções diagnosticar, coligir e tratar os dados recolhidos e disponibilizar informação sobre a prestação dos jogadores e das equipas, permitindo identificar as ações realizadas por aqueles e as exigências que lhes são colocadas para as produzirem (Franks, Hodges, & McGarry, 1998).

Por isso, um dos papéis do treinador é o de instruir e ensinar aos jogadores o que fazer, como fazer e o que não se deve fazer. A instrução e a demonstração são normalmente fornecidas para melhorar a prática, garantindo ao atleta informação importante no que diz respeito à execução de uma ação específica, e/ou objetivo da ação. Isto implica providenciar informação em relação a padrões de movimento ótimo e *feedback* para os erros em relação a determinados objetivos (Franks et al., 1998).

O *feedback* é um fator muito importante na melhoria da *performance* desportiva (Liebermann et al., 2002). Murtough and Williams (1999) consideram o *feedback* como a variável mais importante na aprendizagem do Futebol a

seguir à prática. O *feedback* fornecido aos jogadores acerca da sua própria *performance* é uma condição necessária para que estes sejam guiados de forma a que possam interiorizar determinada tarefa motora que o treinador queira que os atletas assimilem e aprendam. O conhecimento sobre o “como fazer” determinada ação é crucial para o processo de aprendizagem e, por isso, em certas circunstâncias, o não fornecimento de tal conhecimento ou o fornecimento de *feedback* irrelevante, pode ser um obstáculo para o processo de aprendizagem (Franks & McGarry, 1996). Cabe ao treinador saber avaliar quais os *feedbacks* importantes a passar aos seus jogadores, ou seja, aqueles que na sua opinião irão contribuir para o sucesso do atleta e da equipa.

Durante o treino, a instrução é crucial na busca de uma *performance* desportiva ótima e, quanto mais eficaz for a instrução mais a ação do treinador contribuirá para a melhoria do rendimento do atleta (Franks et al., 1998; Hodges & Franks, 2002); A instrução e o *feedback* orientados pelo treinador devem respeitar as ideias que o mesmo queira implementar na sua equipa e nos seus jogadores, no processo de treino e na competição. Estas ideias dependem, largamente, da quantidade e qualidade de informação obtida, com base nos seus próprios jogos, bem como nos do adversário.

Segundo Sousa et al. (2002), a análise do jogo a partir do comportamento dos jogadores, tem-se assumido como um aporte significativo de informação para a evolução do treino e da competição. O treinador necessita de uma interpretação da realidade da equipa e do seu comportamento ao longo do jogo de forma a perceber os pontos de organização e necessidades de melhoria, permitindo transferir esta avaliação para o treino e reduzir as desregulações comportamentais coletivas (Costa, Garganta, Greco, Mesquita, & Seabra, 2010). Seguindo esta linha de pensamento, podemos afirmar que a análise de jogo desempenha um papel de extrema importância para o processo de treino, bem como a instrução por meio de *feedback*, sendo imperial serem utilizados e aplicados ao longo de toda a época desportiva.

Posto isto, podemos afirmar que existe uma relação de extrema dependência e convivência entre as noções de análise do jogo, *feedback* e processo de treino. Com a análise de jogo, procura-se a diminuição do

desconhecido, permitindo aos treinadores estarem mais aptos para se adaptarem e contrariarem o modelo de jogo das equipas adversárias. Esse conhecimento acerca do adversário é posto em prática na sessão de treino, pelo treinador, planificando os exercícios desenhados, tendo em conta as informações observadas. Cabe ao treinador, utilizar o *feedback* durante o treino, que permitirá aos jogadores, interiorizar melhor a mensagem e os comportamentos que o treinador deseja implementar.

2.3.2 Análise de jogo e *Scouting*

O *Scouting* é uma modalidade particular de observação-análise que visa dotar o treinador de informações precisas sobre o adversário, que o capacitem para o desenvolvimento estratégico-tático de um jogo, tirando partido das informações recolhidas, ou seja, preparar a equipa para todas as ocorrências e com essa preparação desenhar soluções estratégicas que permitam resolver de uma forma cada vez mais eficaz os problemas de jogo (Lopes, 2005).

A informação retirada sobre as características do jogo do próximo adversário, frequentemente deduzida a partir da sua observação contra um adversário diferente, tem sido usada pelos treinadores para preparar a sua equipa para o confronto (Franks & McGarry, 1996). De acordo com Oliveira (1993) e Silva (2006), aspetos como a análise da própria equipa e a análise da equipa adversária parecem constituir-se fundamentais para a regulação do processo de treino.

Através do *scouting* são estudados, entre outros parâmetros, o sistema tático, os métodos de jogo, os esquemas táticos e as particularidades dos jogadores das equipas adversárias (Pacheco, 2005), bem como a qualidade do treinador adversário (Castelo, 2004). Basicamente, o *scouting* permite traçar um perfil da equipa adversária de forma a explorar os seus pontos fracos e a contrariar os seus pontos fortes (Ariel, 1983; Carling, 2005; J. Garganta, 1998).

O *Scouting* é realizado através da observação. É, de facto, com este método que o Homem recolhe os mais variados tipos de interação com o meio envolvente (Sarmiento, 2012). A observação não é um dom natural mas uma atividade altamente qualificada para a qual é necessário, não só um grande conhecimento e uma compreensão de fundo, como também a capacidade de desenvolver raciocínios originais e a habilidade para identificar acontecimentos significativos (Bell, 1997). Ou seja, um *scouter* tem que ser competente para observar e analisar situações que possam vir a ser vantajosas para a sua equipa, dignas de serem registadas e ser capaz de filtrar aquelas que vão ser prejudiciais ou que apenas não valem a pena ser mencionadas.

Quanto mais dados sobre um adversário forem observados, armazenados, processados e recuperados, maior será a capacidade de prever aquilo que este irá fazer em termos estratégicos (Ariel, 1983). Para isto ocorrer, será necessário realizar mais do que uma análise ao adversário. Teodorescu (2003) considera ser necessário observar o adversário entre duas a três vezes para que os dados recolhidos tenham validade.

Surge então um problema para o treinador visto que este, geralmente, não consegue realizar observações diretas dos adversários, uma vez que não é capaz de estar em dois lugares ao mesmo tempo. Ou seja, é incapaz de estar a orientar a sua equipa na competição e estar a observar os futuros adversários visto que ambos costumam jogar em horários muito semelhantes. Apesar de não conseguir uma observação direta dos oponentes, o treinador deverá enviar um observador/*scouter* de confiança que observe e registe o jogo do adversário, de modo a que a informação necessária fique guardada, para que possa ser analisada mais tarde, de uma forma mais detalhada.

Existe atualmente, concordância relativamente ao facto de cada equipa apresentar um modelo de jogo próprio e ter uma identidade e características que são diferentes de todas as outras e que se mantêm constantes ao longo da competição. Esta é uma das razões pela qual os *scouters* observam os adversários; procuram encontrar processos padronizados característicos das equipas que possam ajudar a prever a sua *performance* (Franks et al., 1998). No entanto, a variabilidade de comportamentos que os jogadores e equipas demonstram, quando jogam contra diferentes adversários em diferentes jogos, dificulta a tarefa de identificar “assinaturas de desempenho”, ou seja, traços comuns de comportamento que se manifestam ao longo de vários jogos (McGarry, Anderson, Wallace, Hughes, & Franks, 2002). Perante esta situação, apresenta-se uma questão de grande dificuldade para os *scouters*, quais são os processos que são padronizados e que estão presentes em todos os jogos e, quais são aqueles que o treinador adversário achou necessário ajustar porque iam ao encontro das características especiais de um outro oponente? De modo a responder estas perguntas, foram realizados diversos estudos, na última década, permitindo entender as relações interpessoais intra-equipa e inter-

equipas (Travassos, Araújo, Vilar, & McGarry, 2011; Vilar, Araújo, Davids, & Travassos, 2012), bem como as relações entre as equipas, de acordo com o contexto competitivo (Duarte et al., 2012; Sampaio & Maças, 2012). Todos estes estudos tiveram um objetivo em comum, que foi o de identificar padrões de coordenação espaço temporal que expressassem a dinâmica relacional entre jogadores e equipas num momento específico do jogo. Seguindo esta linha de pensamento, Bauer and Ueberle (1988), citados por Pacheco (2005), explicam que quando fazemos a análise de um adversário é necessário ter em conta que das vezes estes utilizam sistemas, métodos e ações estratégico-táticas diferentes conforme os jogos se disputem no seu terreno ou no terreno das equipas que enfrentam.

A análise do adversário é uma das partes mais importantes na vertente do *scouting* e pode ser interpretada e utilizada de diferentes formas por parte dos treinadores. Alguns treinadores, independentemente da equipa adversária, do momento do período competitivo, da classificação das equipas em confronto, etc, não estabelecem qualquer modificação na funcionalidade geral e específica da sua equipa, não procuram adaptar a expressão tática da sua equipa à expressão tática da equipa adversária, tendo por objetivo manter os padrões de eficácia anteriormente atingidos e evitar qualquer tipo de modificações que poderiam, em sua opinião prejudicar essa eficácia. No entanto, outros treinadores que dão importância à expressão tática da equipa adversária, podem, a partir do seu conhecimento, elaborar as melhores soluções de adaptação da sua própria equipa à funcionalidade geral e específica da equipa adversária, por forma a que esta seja expressa em condições o mais favoráveis possíveis (Castelo, 2004).

Partindo da conclusão, de que a análise de jogo dos adversários representa um ponto bastante importante, Carling (2005) afirma que hoje em dia, os treinadores concedem mais importância à análise de jogo da sua própria equipa do que à análise da equipa adversária. Esta noção parece apresentar-se com validade lógica visto que, os treinadores preocupam-se mais em impor o seu modelo de jogo do que submeter-se ao das equipas contrárias. Assim, os treinadores, em primeira instância, têm como objetivo impor a sua forma de jogar,

balizada pelo seu modelo de jogo, utilizando a análise de jogo como meio para perceberem se este está a ser implementado de forma correta ou se, pelo contrário, terão de reformular determinados aspetos (Ribeiro, 2009).

2.3.3 Análise de Jogo – O que observar?

As exigências que se apresentam num jogo de Futebol, no alto rendimento, também influenciam, alguns dos profissionais que trabalham fora das quatro linhas. Tentando responder a estas exigências, os treinadores e pesquisadores têm utilizado vários recursos para obterem informações fidedignas sobre o desempenho do(s) jogador(es) e/ou da(s) equipa(s) durante as partidas (M. Hughes, 1996). Pode afirmar-se que, é cada vez mais importante, analisar todos os aspetos do jogo visto que, tal como já referido, é insuficiente a observação e análise direta do treinador no dia da competição.

Uma pesquisa realizada por Franks and Miller (1986) evidenciou que mesmo os treinadores mais experientes e de nível internacional têm dificuldades de memorizar e relembrar de forma precisa as sequências de acontecimentos complexos que ocorrem durante um longo período de tempo. Na maioria das vezes eles centram as suas observações em pequenas partes da ação, normalmente onde se encontra a bola ou em situações críticas, o que implica na perda de muitas informações que ocorrem ao seu redor. Os resultados dessa pesquisa apontaram um índice de retenção de apenas 30% dos eventos de maior importância no jogo.

Por esta razão, tem-se dado maior atenção, a todo o tipo de informação, proveniente do jogo, em que o treinador procura aumentar os conhecimentos acerca do processo, do conteúdo e da lógica do jogo, bem como obter informações que o ajudem a modelar as situações de treino para a aquisição da eficácia competitiva desejada (J. Garganta, 1998; J. Gréhaigne, Bouthier, & David, 1997)

Reconhecida a importância da análise de jogo, para obtenção de informações a respeito do desempenho dos jogadores e das equipas, direciona-se a atenção para a procura dos melhores procedimentos e recursos para concretizar tal desígnio (Lames & Hansen, 2001).

A análise de jogo tem vindo a basear-se na análise notacional, através do registo das ações técnicas predominantes, bem como, da análise sequencial,

em que se procuram analisar os comportamentos táticos dos jogadores (Costa et al., 2010).

Para J. Gréhaigne et al. (1997), a análise notacional é utilizada a partir dos dados numéricos obtidos de forma quantitativa na observação a fim de estudar e avaliar a qualidade do jogo. A análise notacional também estuda, a interação entre jogadores, movimentações e comportamentos individuais e coletivos (M. Hughes & Bartlett, 2002).

De acordo com Mendo (1999), a análise sequencial, refere-se a um conjunto de técnicas, capazes de confrontar unidades de conduta às suas relações, associações ou dependências sequenciais, podendo-se prever alterações de comportamento em função de ocorrências prévias identificadas.

Estas duas metodologias de observação e análise de jogo permitem o armazenamento de informações para posterior interpretação e diagnóstico (I. Costa, J. Garganta, P. Greco, & I. Mesquita, 2009). Além disso, na perspectiva da pesquisa ou de formação de banco de dados, a análise notacional e sequencial, também fornecem informações a respeito das tendências e das características evolutivas do jogo (Anguera, 1992).

As variáveis que têm sido mais utilizadas, para descrever o desempenho no jogo são: os golos, as finalizações, os cantos, os cruzamentos, os dribles, os passes, a posse de bola, os roubos de bola, a duração do ataque, os passes em profundidade, a distribuição de bola em função do espaço de jogo, etc. (M. Hughes, 1996; M. Hughes & Bartlett, 2002). A análise destas variáveis tem auxiliado na identificação de problemas e na avaliação da qualidade de jogo, contribuindo para sistematizar conteúdos, definir objetivos, e construir e selecionar exercícios para o ensino e treino em futebol (Costa, Garganta, Greco, & Mesquita, 2009). Estes instrumentos de identificação de problemas e avaliação da qualidade de jogo concentram-se, principalmente, na análise e na quantificação de dados técnicos e biomecânicos do movimento, bem como do desempenho obtido na execução das habilidades técnicas (Di Salvo et al., 2007; Nevill, Balmer, & Williams, 2002; Rampinini, Coutts, Castagna, Sassi, & Impellizzeri, 2007), não se mostrando suficientemente aplicáveis, em termos

teóricos e argumentativos na avaliação das habilidades táticas individuais ou coletivas em desportos de equipa (Suzuki & Nishijima, 2004).

A análise de jogo tem vindo a evoluir e a importância destes indicadores quantitativos de jogo têm vindo a diminuir ao longo dos anos. Alguns pesquisadores têm concentrado a sua atenção na análise de variáveis relacionadas com os aspetos táticos do jogo de futebol, com base na caracterização dos comportamentos dos jogadores, a partir da observação das equipas em confronto (Costa, Garganta, Greco, & Mesquita, 2009).

No futebol, as capacidades táticas e os processos cognitivos subjacentes à tomada de decisão são considerados requisitos essenciais para a excelência do desempenho desportivo (McPherson, 1994). Esta premissa é reforçada pelo fato de a maior parte das ações decorrentes de um jogo, acontecerem sem que os participantes estejam em contacto direto com a bola. De facto, alguns estudos descritivos têm apontado que na maior parte do tempo útil de jogo, tanto o jogador quanto a equipa jogam sem ter a posse da bola. Dos noventa minutos regulamentares, em média, um jogador e uma equipa passam, respetivamente, 97% e 50% do tempo sem a bola (J. Garganta, 1997);

Os praticantes com um limitado domínio das habilidades técnicas são capazes de jogar se apresentarem um nível razoável de compreensão tática (Oslin, Michell, & Griffin, 1998); porém o parco conhecimento tático pode comprometer o uso oportuno e ajustado das habilidades técnicas (Mesquita, Graça, Gomes, & Cruz, 2005).

J. Garganta (1997) considera que durante uma partida de futebol, surgem inúmeras situações cuja frequência, ordem cronológica e complexidade não podem ser previstas, exigindo uma elevada capacidade de adaptação e de resposta imediata por parte dos jogadores e das equipas a partir das noções de oposição/cooperação presentes em cada fase do jogo. A singularidade e a diversidade do fluxo de acontecimentos de jogo, que permitem a marcação de golos na baliza adversária e o seu impedimento na própria baliza (objetivos do jogo de futebol), são construídas a partir das ações e interações dos jogadores (Júlio & Araújo, 2005).

A análise tática é conseguida através da identificação, da organização espacial dos jogadores no campo face às circunstâncias da partida relativa às movimentações da bola e às alternativas de ação, tanto dos companheiros como dos adversários (Duprat, 2007). A análise assente numa perspetiva tática, confere um destaque especial às movimentações dos jogadores e ao respetivo posicionamento no campo, que se refletem na capacidade de ocuparem e/ou criarem espaços livres em função dos princípios táticos adequados aos diferentes momentos do jogo (Costa, Garganta, Greco, Mesquita, & Muller, 2009).

J. Garganta and Pinto (1994) definem os princípios táticos como um conjunto de normas sobre o jogo que proporcionam aos jogadores a possibilidade de atingirem rapidamente soluções táticas para os problemas advindos das situações que defrontam. Uma vez entendidos e adotados pelos jogadores, os princípios táticos auxiliam a equipa no melhor controlo do jogo, na qualidade da posse de bola, na gestão do ritmo do jogo, nas tarefas defensivas, nas transições entre fases e, na procura facilitada do golo (Costa, Garganta, Greco, Mesquita, et al., 2009).

Por esta razão, podemos dizer que quanto mais eficaz for a implementação destes princípios táticos no jogo e quanto maior for a capacidade de assimilação destes princípios por parte dos jogadores e da equipa, maior irá ser o desempenho e a *performance* dos mesmos, no jogo.

2.3.3.1 Princípios Táticos do Jogo

Os princípios táticos decorrem da construção teórica a propósito da lógica do jogo, operacionalizando-se nos comportamentos tático-técnicos dos jogadores. Solicita-se portanto, a conscientização dos jogadores sobre os mesmos, para simplificar a transmissão e a operacionalização dos conceitos, ajudando na seleção e na execução da ação necessária à situação. Os princípios táticos possuem certo grau de generalização das movimentações e se relacionam estreitamente com as ações dos jogadores, com os mecanismos motores e com a consciência e o conhecimento tático (Castelo, 1994).

A caracterização e a abordagem destes princípios táticos tem sido um tema de estudo de diversos autores (Castelo, 1994; J. Garganta & Pinto, 1994), que têm usado diferentes denominações para os designar. Da globalidade e congruência de ideias apresentadas pelos autores, estas parecem englobar-se à volta de três construções teóricas, que se relacionam com a organização tática dos jogadores no campo de jogo e que são identificados como: princípios gerais, operacionais e fundamentais.

Os princípios gerais recebem esta denominação pelo facto de serem comuns às diferentes fases do jogo e aos outros princípios (operacionais e fundamentais), pautando-se em três conceitos advindos das relações espaciais e numéricas, entre os jogadores da equipa e os adversários, nas zonas da disputa de bola. Estes são: não permitir a inferioridade numérica; evitar a igualdade numérica e; procurar criar a superioridade numérica (J. Garganta & Pinto, 1994; Queiroz, 1983).

Segundo Bayer (1994), os princípios operacionais são as operações necessárias para tratar uma ou várias categorias de situações. Portanto, estes relacionam-se com os conceitos atitudinais para ambas as fases do jogo, sendo que, na defesa, deve anular as situações de finalização, recuperar a bola, impedir a progressão do adversário, proteger a baliza e reduzir o espaço de jogo adversário e; no ataque: conservar a bola, construir ações ofensivas, progredir pelo campo de jogo adversário, criar situações de finalização e finalizar à baliza adversária (Costa, Garganta, Greco, & Mesquita, 2009).

Por fim, os princípios fundamentais representam um conjunto de regras de base que orientam as ações dos jogadores e da equipa nas duas fases do jogo (defesa e ataque), com o objetivo de criar desequilíbrios na organização da equipa adversária, estabilizar a organização da própria equipa e propiciar aos jogadores uma intervenção ajustada no “centro de jogo” (Costa, Garganta, Greco, & Mesquita, 2009). Os princípios fundamentais na defesa são: contenção, cobertura defensiva, equilíbrio, concentração e unidade defensiva e no ataque: penetração, mobilidade, espaço, cobertura ofensiva e unidade ofensiva (Castelo, 1999; Costa, Garganta, Greco, & Mesquita, 2009; J. Garganta & Pinto, 1994).

2.3.3.1.1 Princípios Táticos Fundamentais da Fase Ofensiva

Castelo (1994) diz-nos que os princípios táticos fundamentais da fase ofensiva de jogo contribuem para que os jogadores, tanto os mais distantes como os mais envolvidos diretamente no “centro de jogo”, orientem as suas atitudes e comportamentos técnico-táticos em prol dos objetivos da equipa, ou seja, conduzam a bola para as áreas mais vitais do campo de jogo e marquem golo.

O cumprimento de tais princípios táticos permite à equipa obter condições favoráveis em termos de espaço e tempo para a realização da tarefa, isto é, maior número de jogadores no “centro de jogo”, maior facilidade para executar as ações tático-técnicas ofensivas e maior possibilidade de criar instabilidade na organização defensiva da equipa adversária (I. Costa, J. Garganta, P. Greco, & I. Mesquita, 2009a).

Princípio da Penetração

Este princípio caracteriza-se pela evolução do jogo, em situações onde o portador da bola consegue progredir em direção à baliza ou à linha de fundo adversária, procurando áreas do campo que ofereçam maior risco ao adversário e são suscetíveis à continuidade da ação ofensiva, à finalização ou à marcação do golo.

O objetivo principal deste princípio é a finalização. As preocupações fundamentais do portador da bola são as de rematar se houver possibilidade ou progredir com a bola para zonas favoráveis para realizar esta ação. Este procura a desorganização da defesa adversária, criando situações vantajosas, permitindo aos jogadores subirem no terreno de jogo e executarem a finalização (Costa et al., 2009a).

Respeitando este princípio, cabe aos sucessivos portadores da bola, desenvolver e realizar um conjunto de atitudes e comportamentos técnico-táticos. Estes podem-se caracterizar por: a tomada de decisão, onde o portador da bola toma a iniciativa sendo imprevisível, procurando desequilibrar a defesa em contenção e alterar a direção do ataque e/ou aumentar a velocidade do jogo, em função da reação da defesa; orientar as ações técnico-táticas para espaços vitais do terreno, evitando zonas de inferioridade numérica; variar o ângulo e a direção do ataque, procurando desequilibrar a organização defensiva adversária; temporizar o processo ofensivo, esperando pelo posicionamento dos companheiros e segurando a bola, utilizando comportamentos técnico-táticos de proteção e conservação do esférico; acelerar o processo ofensivo através de dribles e progressões que diminuem o espaço entre o portador da bola e a linha de fundo adversária, propiciando cruzamentos ou deslocamentos em direção à área penal adversária; dribles aos adversários que permitem ao portador da bola executar um passe/assistência para um companheiro dar sequência ao jogo ou finalizar à baliza; ou ainda em situação de 1X0 quando o atacante de posse de bola “ataca” o espaço em direção à baliza adversária (Costa et al., 2009a).

Princípio da Cobertura Ofensiva

Este princípio está relacionado com as ações de aproximação dos companheiros da equipa ao portador da bola, de forma que ele tenha opções ofensivas para dar sequência ao jogo, através do passe ou por uma ação de penetração na defesa adversária (Costa et al., 2009a).

No decorrer do processo ofensivo, ao mesmo tempo que um jogador recebe a bola, este deve receber imediatamente opções por parte dos colegas

de equipa que estão mais próximos, sejam estes de apoio ou cobertura, proporcionando várias opções de solução momentânea (Costa et al., 2009a).

As diretrizes deste princípio pressupõem: a diminuição da pressão dos defesas adversários sobre o portador da bola, facilitando-lhe a resolução mental e motora da situação; oferecer ao portador da bola mais uma opção praticamente segura de solução da situação; incutir confiança ao portador da bola para que este tenha e assuma uma maior iniciativa e risco; o aumento oportuno da manutenção da posse de bola; e a simplificação da resposta técnico-tática do portador da bola à situação de jogo (Costa et al., 2009a).

As ações relacionadas com este princípio podem ser percebidas no jogo quando os companheiros do portador da bola se posicionam no campo de jogo de forma a receber a bola e a dar continuidade à jogada, realizando, por exemplo, tabelas e/ou triangulações com o portador da bola. Considera-se que o jogador cumpriu o princípio da cobertura ofensiva quando ele se posiciona no “centro de jogo” e abre possibilidade de uma linha de passe ao portador da bola, permitindo-o passar-lhe a bola (Costa et al., 2009a).

Princípio da Mobilidade

Este princípio está relacionado com a iniciativa de ataque do(s) jogador(es), sem a posse de bola, em procurar posições ótimas para receber a bola. De entre as várias movimentações realizadas pelo jogador no campo de jogo, denominamos de mobilidade de rutura a movimentação do atacante nas “costas” do último homem da defesa, de forma a criar instabilidade nas ações defensivas da equipa adversária e a aumentar substancialmente as hipóteses de marcar um golo. Concebe-se também que essas movimentações favorecem o aparecimento de novos espaços de jogo que propiciam melhores condições ao portador da bola, para dar sequência à ação ofensiva em direção à baliza adversária e/ou para que outros jogadores da equipa se movimentem no espaço de jogo efetivo (Costa et al., 2009a).

As diretrizes deste princípio objetivam em primeira instância a variabilidade das posições, a criação de linhas de passe em profundidade e a

rutura da estrutura defensiva adversária, para que com o efeito pretendido possa aumentar o ritmo de jogo e alcançar o desequilíbrio defensivo adversário (Costa et al., 2009a).

As ações inerentes ao princípio da mobilidade podem ser percebidas no jogo por meio dos deslocamentos dos jogadores em relação à linha de fundo ou à baliza adversária. As movimentações em direção à linha de fundo podem ser denominadas por ações de mobilidade divergente, onde há uma procura por linhas de passe, ampliação do campo de jogo na sua profundidade e largura, e/ou destabilização da defesa adversária. Além desta, existem ações de mobilidade convergente, que são movimentações que o atacante realiza em direção à baliza adversária com o intuito de obter espaço e condições extremamente favoráveis para a marcação do golo (Costa et al., 2009a).

Podemos dizer que há sucesso das ações de mobilidade quando o atleta consegue receber a bola numa situação mais vantajosa no ataque e a sua movimentação obriga o defensor a acompanhá-lo, deslocando-o do seu posicionamento de cobertura defensiva, ou quando um passe é feito para o espaço criado pela ação de mobilidade, propiciando criar ameaças ao sistema defensivo adversário (Costa et al., 2009a).

Princípio do Espaço

Worthington (1974), diz-nos que o princípio de espaço configura-se a partir da procura incessante dos jogadores, sem a posse de bola, por posicionamentos mais distantes do portador da bola, criando dificuldades defensivas à equipa adversária que diante da ampliação transversal e/ou longitudinal do campo de jogo, deverá optar por marcar um espaço vital de jogo ou o adversário.

As diretrizes deste princípio envolvem a compreensão do espaço para o jogo, especialmente para uma determinada ação ofensiva e estão diretamente associadas aos conhecimentos teóricos que os jogadores possuem sobre a tática de jogo. Partindo deste conhecimento tático, este princípio será fundamental para ajudar os jogadores a ocupar e a explorar os espaços vitais,

que propiciam maiores e melhores oferecimentos de linhas de passe em profundidade e largura e que são importantes para a criação de um maior número de opções táticas ofensivas (Solomenko, 1982).

As ações deste princípio fundamental, iniciam-se após a recuperação da posse de bola, quando todos os jogadores da equipa procuram e exploram posicionamentos que favorecem a ampliação de espaço de jogo ofensivo, tendo como orientação os comportamentos técnico-táticos dos seus companheiros e adversários em função da localização do esférico. Castelo (1996), esclarece-nos estas ações explicando que, o afastamento de alguns jogadores do “centro de jogo” cria espaços para os seus companheiros beneficiarem de corredores livres em direção à baliza adversária ou facilita a ocorrência de situações de 1X1, com vantagem clara para o jogador do ataque.

Estas ações do princípio de espaço, se forem realizadas corretamente, irão contribuir bastante para o sucesso no jogo. Se os jogadores, através das suas movimentações, criarem espaços livres que permitam ao portador da bola avançar no espaço, quer através de drible ou através de passe, haverá mais hipóteses e espaço para a equipa finalizar com eficácia (Costa et al., 2009a).

Princípio da Unidade Ofensiva

Este princípio está diretamente relacionado com a compreensão tática de jogo que os jogadores apresentam, bem como o modelo de jogo concebido para a sua equipa. É com base no conhecimento dos jogadores sobre a importância das suas movimentações, dos seus limites e das suas posições em relação aos companheiros, à bola e aos adversários que este princípio é estabelecido (Hainaut & Benoit, 1979; Teissie, 1969). A equipa tem que ser capaz de jogar como um todo indissolúvel, onde deve procurar a coesão, a efetividade e o equilíbrio funcional entre as linhas longitudinais e transversais da equipa em ações ofensivas, tendo que haver também, um elevado entendimento tático por parte dos jogadores com o objetivo de não desmembrar a solidez do conjunto.

Segundo Castelo (1996), as diretrizes deste princípio pressupõem uma organização em função do espaço de jogo e das funções específicas dos

jogadores, na qual eles devem cumprir um conjunto de tarefas técnico-táticas durante a fase ofensiva que ultrapassa claramente a missão preponderante de cada jogador na sua atividade real.

As ações características do princípio da unidade ofensiva caracterizam-se, no avanço da última linha de defesa permitindo que a equipa jogue em bloco; saída da última linha de defesa dos setores defensivos e aproximação da mesma, à linha do meio-campo; avanço dos jogadores da defesa, permitindo que mais companheiros participem nas ações no centro de jogo e; movimentação dos laterais em direção ao corredor central quando as ações de jogo são desenvolvidas no lado oposto (Costa et al., 2009a).

Durante o jogo, estas ações podem ser verificadas a partir do posicionamento dos jogadores no campo de jogo, de forma a favorecer uma circulação contínua, fluente e eficaz da bola, evitando ao máximo a sua perda. Além disso, este conjunto de ações, se forem efetuadas corretamente, irão transmitir confiança e segurança aos companheiros situados no “centro de jogo”, permitindo a criação de desequilíbrios e instabilidade da organização defensiva adversária (Costa et al., 2009a).

2.3.3.2 Princípios Táticos Fundamentais da Fase Defensiva

De acordo com Worthington (1974), os princípios táticos específicos da fase defensiva, auxiliam todos os jogadores, sejam os mais distantes ou os mais diretamente envolvidos no “centro de jogo”, a coordenarem as suas atitudes e os seus comportamentos técnico-táticos dentro da lógica de movimentações preconizada para o método defensivo da equipa, procurando essencialmente, a execução rápida e efetiva das ações de defesa que levem a consecução dos dois principais objetivos defensivos: defesa da própria baliza e recuperação da posse de bola.

Se estes princípios forem cumpridos, os jogadores serão auxiliados a melhorar e a corrigir o seu posicionamento em relação ao adversário, à equipa,

à bola e à própria baliza, bem como redirecionar o ataque adversário para zonas menos letais e diminuir o raio de ação e o tempo de resposta do oponente.

Princípio da Contenção

O princípio da contenção refere-se, à ação de oposição do jogador da defesa sobre o portador da bola, visando diminuir o espaço de ação ofensiva, restringindo as possibilidades de passe a outro jogador atacante, evitando o drible que favoreça progressão pelo campo de jogo em direção à baliza e, prioritariamente impedindo a finalização (Castelo, 1996).

As diretrizes deste princípio preconizam a marcação rigorosa e individual sobre o portador da bola, a paragem ou atraso da ação ofensiva da equipa adversária, a restrição das linhas de passe e de finalização à baliza, o impedimento da progressão longitudinal pelo campo de jogo, a indução do jogo para um determinado lado do campo e o ganho de tempo para a organização defensiva de modo a aumentar a probabilidade de defender eficazmente e recuperar a bola (Worthington, 1974).

As ações características da contenção geralmente ocorrem no corredor central ou nos laterais, numa zona próxima à sua área defensiva, onde os jogadores devem realizar uma marcação ao portador da bola, impedindo a ação de penetração; proteger a bola impedindo ao adversário alcançá-la; realizar “dobras” defensivas ao jogador que conduz o esférico; fazer faltas técnicas para conter a progressão da equipa adversária, quando o seu sistema defensivo se encontra desorganizado (Costa et al., 2009a).

Princípio da Cobertura Defensiva

Este princípio está relacionado às ações de apoio de um jogador “às costas” do primeiro defensor, de forma a reforçar a marcação defensiva e a evitar o avanço do portador da bola em direção à baliza (Costa et al., 2009a).

O jogador que se encontra em cobertura defensiva tem por objetivo servir de novo obstáculo ao portador da bola, caso este ultrapasse o jogador que está

em contenção, além disso, este também pode orientar o jogador de contenção sobre as movimentações técnico-táticas dos adversários de forma a estimulá-lo a tomar a iniciativa de combate às ações ofensivas do portador da bola (Bangsbo & Peitersen, 2002).

Os autores supracitados juntamente com Worthington (1974), explicam-nos que há fatores relativos aos aspetos extrínsecos e intrínsecos do jogo que devem ser considerados pelos jogadores no momento da realização da cobertura defensiva, em virtude de influenciarem a distância e o ângulo entre o jogador de contenção e o jogador de cobertura, determinando a eficácia das ações desempenhadas. Esses fatores dizem respeito à zona do campo onde está a ser realizada a cobertura, às condições do terreno de jogo, às condições climáticas, à comunicação entre os atletas e às capacidades táticas, técnicas, físicas e psicológicas que os seus companheiros de equipa e os seus adversários possuem e apresentam no jogo.

As ações que melhor descrevem este princípio passam por uma ação de cobertura ao jogador de contenção; tem que haver um posicionamento por parte do atleta que permita obstruir eventuais linhas de passe para os jogadores adversários; realizar marcação do oponente(s) que pode(m) receber a bola em situações vantajosas para o ataque e; encontrar-se posicionado corretamente e adequadamente, permitindo a marcação ao portador da bola, sempre que o seu companheiro em contenção for driblado (Costa et al., 2009a).

Princípio do Equilíbrio

Para a implementação deste princípio, os jogadores têm que ter noções implícitas acerca dos seus aspetos estruturais e funcionais. O primeiro aspeto pauta-se na premissa que a organização defensiva da equipa deve possuir superioridade, ou no mínimo, igualdade numérica de jogadores de defesa no “centro de jogo” posicionados entre a bola e a própria baliza; o segundo aspeto está associado às ações de reajustamento do posicionamento defensivo em relação às movimentações dos adversários (Costa et al., 2009a).

O objetivo deste princípio é assegurar estabilidade defensiva no “centro de jogo” através dos companheiros de equipa que realizam ações de contenção e cobertura defensiva. Castelo (1996) diz-nos que ao assumir um posicionamento ajustado em relação a outros colegas, o jogador que realiza as ações do princípio do equilíbrio tem melhores condições de transmitir aos seus companheiros segurança na criação de condições desfavoráveis ao portador da bola e aos seus colegas, aumentando, consequentemente, a previsibilidade do jogo ofensivo adversário e a possibilidade de recuperação da posse de bola.

As diretrizes deste princípio englobam, portanto, a cobertura de espaços e marcação dos jogadores livres sem posse de bola, cobertura de eventuais linhas de passe e, em alguns casos, a redução do ritmo de jogo, forçando o adversário a aceitar certa cadência de jogo (Costa et al., 2009a).

As ações táticas podem ser detetadas através de movimentações que permitam assegurar estabilidade defensiva, movimentações de recuperação defensiva feita por trás do portador da bola; posicionamento que possibilite obstruir eventuais linhas de passe longo e marcação de jogadores adversários que apoiam as ações ofensivas do portador do esférico (Costa et al., 2009a).

Princípio da Concentração

Segundo Bangsbo e Peitersen (2002), o princípio da concentração está incutido nas movimentações dos jogadores em direção à zona do campo de maior risco à baliza, com o objetivo de aumentar a proteção defensiva, de reduzir o espaço disponível de realização das ações ofensivas do adversário no “centro de jogo” e de facilitar a recuperação da posse de bola.

As suas diretrizes orientam-se na tentativa de direcionar o jogo ofensivo adversário para zonas menos vitais do campo de jogo e de minimizar a amplitude ofensiva na sua largura e profundidade, evitando que surjam espaços livres, principalmente nas “costas” dos jogadores que realizam a contenção e equilíbrio e a cobertura defensiva.

As ações que caracterizam este princípio podem ser observadas quando os jogadores da defesa, posicionados mais distantes do portador da bola

conseguem se “aglomerar”, adotando posicionamentos menos distantes entre si, de forma a limitar as opções ofensivas do adversário, numa determinada zona do campo. Essas ações englobam movimentações que propiciam reforço defensivo na zona de maior perigo para a equipa, marcação de jogadores adversários que procuram aumentar o espaço de jogo ofensivo, movimentações que ajudam ao aumento no número de jogadores entre a bola e a baliza e que condicionam as ações de ataque da equipa adversária para as extremidades do campo de jogo e ainda a, organização dos posicionamentos após perda da posse de bola, com o objetivo de reorganizar as linhas de defesa (Costa et al., 2009a).

Princípio da Unidade Defensiva

Este princípio, à semelhança do da unidade ofensiva, requer uma forte compreensão do jogo por parte dos atletas e do modelo de jogo adotado para a equipa. A perceção da linha defensiva como um todo deve ser uma noção incutida nos jogadores, onde estes têm que estar atentos à importância das suas movimentações, dos seus limites e das suas posições em relação aos companheiros, à bola e aos seus adversários (Hainaut & Benoit, 1979; Teissie, 1969).

As diretrizes deste princípio visam assegurar as linhas orientadoras básicas que coordenam as atitudes e os comportamentos técnico-táticos dos jogadores que se posicionam fora do “centro de jogo”. Segundo Castelo (1996), estas diretrizes também permitem que a equipa consiga equilibrar ou reequilibrar constante e automaticamente a repartição de forças do método defensivo, consoante as configurações momentâneas do jogo.

As ações características pautam-se pela movimentação dos laterais em direção ao corredor central quando as ações do jogo são desenvolvidas no lado oposto; compactação defensiva da equipa na zona que representa perigo e; movimentação dos jogadores que compõem as linhas transversais da defesa de forma a reduzir o campo de jogo do adversário (utilizando a lei do fora-de-jogo) (Costa et al., 2009a).

Neste princípio, a lei do fora-de-jogo é um recurso bastante importante para a equipa que se encontra a defender, visto que através da sua efetiva exploração e execução, a última linha de defesa consegue reduzir o espaço de jogo efetivo do adversário e imprimir maior pressão no “centro de jogo” (Costa et al., 2009a). Assim ao realizar movimentações efetivas e adequadas a esta regra e considerando as características do princípio da unidade defensiva, a equipa consegue pressionar o portador da bola e os jogadores que o auxiliam nas manobras ofensivas (Costa et al., 2009a). O facto desta ação de pressão e redução do espaço diminuir o tempo que o portador da bola e os companheiros têm para tomarem as decisões e efetuarem as ações, pode levá-los a cometer erros técnico-táticos que beneficiam a recuperação da posse de bola ou a chegada de mais defensores para ajudar nas ações defensivas (Costa et al., 2009a).

2.3.4 Análise de Jogo e Avaliação Tática Com Base Nos Princípios Fundamentais do Jogo

O conhecimento dos princípios táticos pode ajudar no processo de avaliação tática do desempenho dos jogadores. Partindo do princípio, de que os comportamentos dinâmicos de uma equipa, assim como a eficácia no jogo, podem ser apreciados a partir das variáveis quantitativas e qualitativas das ações dos jogadores nas relações de cooperação e oposição, pressupõem-se que a compreensão dos princípios táticos constitui-se uma ferramenta útil para ajudar nessa avaliação. Posto isto, podemos afirmar que a elaboração, construção e validação de instrumentos capazes de quantificar ou avaliar a aplicação dos princípios táticos de jogo torna-se importante, a fim de que se possa chegar a uma resposta ou resultado que auxilie o comportamento tático do jogador no campo de jogo (Costa et al., 2009a).

A avaliação tática no âmbito do futebol tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores que objetivam construir muitos instrumentos capazes de avaliar adequadamente os constrangimentos relacionados com o desempenho dos jogadores durante o jogo (Tenga, Kanstad, Ronglan, & Bahr, 2009). Os instrumentos utilizados para a avaliação tática, descritos na literatura, distinguem-se com base em dois tipos de conhecimento avaliados: o conhecimento declarativo e o processual.

O primeiro refere-se à capacidade do praticante em declarar de forma verbal e/ou escrita qual a melhor decisão a ser tomada numa determinada situação de treino ou de jogo e o porquê desta decisão (Tenenbaum & Lidor, 2005).

O processual está relacionado à capacidade do jogador em operacionalizar respostas apropriadas aos problemas advindos das situações de treino e jogo, estando intimamente ligado à ação motora (Williams & Davids, 1995).

A base pela qual, o conhecimento tático declarativo do praticante é avaliado assenta-se principalmente na apresentação de diapositivos com situações pré-definidas de jogo e na utilização de questionários e entrevistas

(French & Thomas, 1987; Mangas, Garganta, & Fonseca, 2002). Este tipo de estudo tem contribuído para a avaliação do conhecimento que suporta a realização da ação em situações de jogo (Bard & Fleury, 1976). No entanto, na opinião de alguns autores, estes testes de conhecimento declarativo, não permitem obter informação representativa acerca da capacidade de pensamento e de tomada de decisão do praticante em função de uma situação real de jogo, pois apresentam limitações que se pautam pela dificuldade em simular com fidedignidade o comportamento do jogador em cenários reais do jogo ou de treino, nos quais os aspetos ambientais influenciaram as suas decisões (Blomqvist, Vanttinen, & Luhtanen, 2005).

Relativamente ao conhecimento tático processual, destacam-se três instrumentos que estão diretamente relacionados com o processo de ensino e de treino: o GPAI – *Game Performance Assessment Instrument* (Oslin et al., 1998); o TSAP – *Team Sports Performance Assessment Procedure* (J. F. Gréhaigne, Godbout, & Bouthier, 1997) e; a bateria de testes KORA (Memmert, 2002).

O GPAI permite identificar comportamentos dos jogadores no jogo, incluindo não só os de natureza técnica, mas também os de natureza tática. O TSAP oferece informações acerca do desempenho dos jogadores no que refere aos comportamentos realizados durante a fase ofensiva de jogo. O KORA centra a sua análise em dois aspetos táticos nas quais as estruturas do jogo caracterizam-se pela invasão do campo adversário (oferecer-se e orientar-se, reconhecer os espaços do jogo (I. Costa, J. Garganta, P. Greco, & I. Mesquita, 2009b).

O KORA e o GPAI representam avanços ao nível da avaliação do comportamento tático do jogador, no jogo, no que diz respeito às interações da partida e à consideração das movimentações de todos os jogadores envolvidos, com e sem posse de bola. Já o TSAP apresenta uma avaliação mais próxima aos comportamentos desempenhados pelos jogadores de Futebol, na medida em que considera o próprio ambiente e o espaço de jogo, bem como o estatuto posicional dos jogadores (Costa et al., 2009b).

Não obstante a estas contribuições, estes instrumentos de avaliação tática, apresentam algumas limitações. Em relação aos dois primeiros (TSAP e GPAl), estes não são sensíveis à identificação de variáveis nucleares que representam a especificidade do jogo de Futebol e, relativamente ao KORA, este mostra debilidade, já que há uma ausência de consideração das interações de jogo e de avaliação dos comportamentos relacionados com a fase defensiva.(Costa et al., 2009b)

Face a estas limitações, torna-se clara a necessidade de se conceber instrumentos de avaliação capazes de retratar a essencialidade do jogo e de estabelecer uma conexão entre a avaliação do jogador e os conteúdos desenvolvidos no processo de ensino e treino (J. Gréhaigne & Godbout, 1998; Tenga et al., 2009). Os instrumentos de avaliação que vão de encontro a estas exigências têm que ter na sua essência, o respeito pelos princípios táticos fundamentais do jogo de Futebol.

De acordo com Veal (1993), as avaliações dos comportamentos dos jogadores, geralmente ocorrem com base em testes que estão dissociados dos aspetos que retratam o sucesso no jogo. Por causa dessa incongruência, a principal desvantagem está associada à fraca relação dos seus resultados com a capacidade do praticante em realizar a ação no local certo e no tempo apropriado, quando confrontado com a idêntica situação de jogo (Costa et al., 2009b).

Por esta razão, J. Gréhaigne and Godbout (1998) e Blomqvist et al. (2005) têm referido que os instrumentos de avaliação do comportamento tático no Futebol, devem procurar retratar os aspetos essenciais do jogo e do processo de treino e ensino, quando o objetivo desse processo é propiciar melhorias no desempenho dos jogadores. Blomqvist et al. (2005), tentam oferecer sugestões, sustentando que a avaliação realizada através do jogo é a forma mais válida de avaliar o conhecimento dos praticantes, onde o desempenho pode ser inferido por meio de registos dos comportamentos apresentados durante o jogo e/ou através dos resultados das ações.

Ao ter em conta estas necessidades de retratação da especificidade do jogo e da conexão da avaliação com os conteúdos desenvolvidos no processo

de ensino e treino, é possível afirmar que os instrumentos de avaliação no Futebol devem assumir uma caráter mais heurístico, de forma a colmatar as exigências e conseguir retratar o desenvolvimento e o desempenho do jogador no jogo (Tenga et al., 2009).

A avaliação do comportamento tático no Futebol, baseada nos princípios fundamentais do jogo, compreende benefícios no que diz respeito à especificidade do jogo, à avaliação do desempenho do praticante em contexto de jogo, à sintonia com conteúdos desenvolvidos no processo de treino, à objetividade da medida, à consideração da oposição e à avaliação de jogadores de diferentes níveis de formação (Costa et al., 2009b).

De acordo com Costa et al. (2009b), para que a avaliação do comportamento tático dos jogadores seja válida, esta deve ter como variáveis latentes, os dez princípios fundamentais da fase ofensiva e defensiva, apresentadas no Quadro 5 A incorporação destes princípios na avaliação do comportamento tático dos jogadores de Futebol, justifica-se devido às suas normatizações e referências espaciais permitirem aos jogadores a gestão de todo o espaço de jogo, quer na fase ofensiva como na defensiva. (Figura 1).

A partir da combinação entre a operacionalização dos princípios fundamentais do jogo de Futebol e a gestão de espaço de jogo, algumas ações táticas podem ser observadas no jogo e descritas, permitindo que tais princípios sejam identificados e possam fazer parte da avaliação do comportamento tático do jogador de Futebol (Costa et al., 2009b).

O Quadro 7 (em Anexo 1) mostra em função das categorias, subcategorias e variáveis latentes, quais ações táticas podem ser consideradas como variáveis observadas em situações de jogo.

Partindo do pressuposto, que o comportamento dos jogadores se adequa às sucessivas alterações produzidas no jogo ou no treino, alguns indicadores de desempenho também podem ser concebidos, na tentativa de ponderar e compreender a eficiência e a eficácia das respostas em função das exigências da situação. Os indicadores de desempenho para as ações táticas características dos princípios táticos fundamentais do jogo de Futebol foram descritos e podem ser consultadas no Quadro 8 (em Anexo 1). Estes indicadores

contribuem para a compreensão da eficiência de realização da ação tática, assim como as informações qualitativas advindas da sua localização no campo de jogo podem fornecer informação adicional sobre a eficiência do comportamento desempenhado pelo jogador (Quadro 9/Anexo 1). No que refere à eficácia do comportamento, dez possibilidades de resultados foram organizadas em função das fases de jogo e dos seus objetivos e foram apresentadas no Quadro 9 (em Anexo 1). Essas possibilidades compreendem as variáveis latentes que compõem o instrumento de avaliação do comportamento tático do jogador de Futebol.(Costa et al., 2009b)

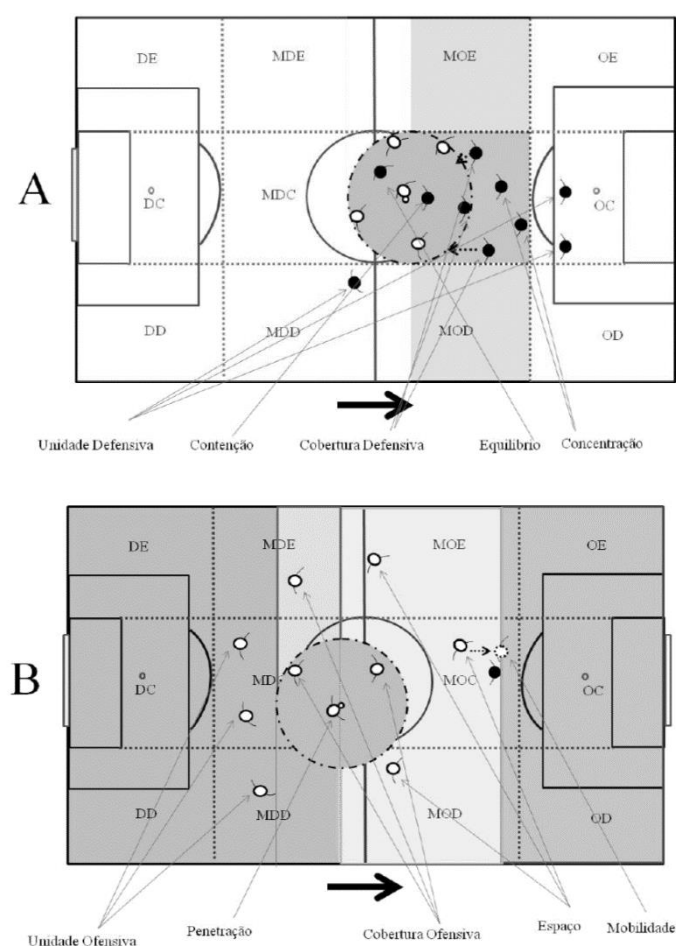


Figura 1 Princípios Táticos Fundamentais do jogo de Futebol em função das fases (A – defensiva e B – ofensiva) e da gestão do espaço de jogo (Costa et al., 2009b).

3 REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

3.1 Realização da prática profissional

A teoria sem a prática vira “verbalismo”, assim como a prática sem teoria vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.

Freire, Paulo (1921/ 1997)

No presente capítulo, procura-se descrever e refletir acerca da prática profissional realizada, caracterizando, na sua essência, o estágio profissionalizante, realizado no Lusitano Futebol Clube.

Seguidamente, pretende-se descrever o clube em acolhimento, mais concretamente, a sua história, palmarés, órgãos sociais e o plantel sénior da presente época desportiva de 2015/ 2016. Será ainda apresentada uma descrição e caracterização do departamento de *Scouting*, do LFC. Relativamente à componente prática do estágio, serão apresentadas e descritas, todas as etapas, funções e atividades realizadas no LFC, as questões que se levantaram e enunciaram, alguns problemas que se colocaram à sua concretização, dificuldades sentidas e experienciadas, estratégias que permitiram alcançar os objetivos propostos e o sistema que permitiu a avaliação e controlo do trabalho desenvolvido.

3.2 Caracterização do Lusitano Futebol Clube de Vildemoinhos

*A História é émula do tempo, repositório dos factos,
testemunha do passado, exemplo do presente, advertência do
futuro.*

Cervantes, Miguel (1547/1616)

3.2.1 História¹

“Quando em 1916, a 14 de Agosto, um grupo de homens e rapazes fundou na povoação de Vildemoinhos, o Lusitano Futebol Clube, naturalmente com o gosto pelo desporto e nomeadamente pelo Futebol, longe de si estaria, com certeza, a noção exata do que poderia vir a ser o desporto decorridos quase cem anos.

Naquele tempo, num amadorismo total a nível nacional e até mundial, o desporto era mais puro e portanto mais rico, mas era, embora pareça um paradoxo, concomitantemente mais pobre em recursos humanos, técnicos, administrativos, financeiros, em instalações desportivas e em tudo o resto.

O tempo decorreu, e com ele tudo se modificou de tal forma que hoje, um clube desportivo, embora com as características ímpares do Lusitano, carece já duma organização quase perfeita, para poder sobreviver, dar continuidade aquilo que foi o sonho dos antepassados, e levar por diante os interesses que a causa desportiva exige e necessita, para um desenvolvimento físico da juventude e dos atletas.

É sabido por muitos Trambelos, que o futebol foi “enraizado” na aldeia por Joaquim Lopes Duarte, filho de abastado lavrador Trambelo (nome dado às pessoas que habitam a localidade de Vildemoinhos, casa do LFC) que cursando no Colégio da Via Sacra, na época ali o viram praticar, levou certo dia uma bola para a sua terra. A instituição dos seus conterrâneos facilmente assimilou o “jogo

da bola” e o percurso normal de tal acontecimento levou ao longo dos tempos, à oficialização do Lusitano Futebol Clube.

A sua apresentação deu-se em Viseu e o célebre dia da primeira vitória jamais será esquecido, no Campo da Ribeira, sobre a “seleção de Viseu”, o então denominado Sport Lisboa Viseu.

Seguiram-se tardes de afirmação das notáveis qualidades dos trambelos para a modalidade, não só no distrito, como nos campos de Coimbra, Aveiro e Guarda, onde se internacionalizaram em jogo contra um grupo salamantino (Salamanca) e venceram.

Torna-se obrigatório recordar, um Emídio, um Xinó, os irmãos Pires, um Manuel Cruz e mais alguns da época que fizeram galardoar o clube com a sua superioridade no distrito ao ponto de não perder um só jogo em duas épocas seguidas.

Em 1936, motivos de vária ordem, forçaram o Lusitano a suspender a atividade mas, Vildemoinhos não era capaz de suportar a suspensão por largo tempo, tal como Viseu, que também lamentava, pois o futebol local sentia a falta e os efeitos negativos da suspensão.

Do rejuvenescimento a que forçou a modalidade, da sua tenacidade e do seu sacrifício, resultaram dois baluartes que o impõem no desporto português: o campo dos Trambelos e essa glória nacional que é Carlos Lopes, “descoberto” e lançado pelo Lusitano que nem só ao Futebol “empresta” a sua vitalidade.

Não se estranha, porém, que apenas 10 anos após a sua fundação, o Lusitanos Futebol Clube, tenha conquistado o seu primeiro grande troféu, ao vencer o Campeonato Distrital da 1ª Divisão, ascendendo assim pela primeira vez na sua história ao Campeonato de Portugal, onde foi então o representante do distrito de Viseu.

Em 1934, a equipa de Vildemoinhos aparece pela primeira vez, no então chamado Campeonato da 2ª Liga, maior escalão onde o Lusitano alguma vez atuou, e por onde andou durante duas temporadas.

Seguiram-se as inúmeras presenças na 3ª Divisão Nacional e mais alguns títulos na 1ª Divisão Distrital. Ao todo, são 14, os títulos de campeão distrital,

conquistados pelo Lusitano, sendo que apenas um deles foi na 2ª Divisão Distrital.”

¹ Retirado do *síte* do LFC (www.lusitanofutebolclube.pt)

3.2.2 Palmarés

O LFC conta com vários prémios e conquistas desde a sua fundação e em diferentes escalões. No Quadro 1 estão descritos os palmarés do LFC e destes destacam-se a participação do plantel sénior no Campeonato da 2ª Liga nas épocas de 1934/35 e 1935/36, sendo este o maior patamar atingido até então.

Quadro 1 Troféus e conquistas a nível competitivo dos diversos escalões de futevol do LFC desde a sua criação até à atualidade.

Conquistas	Época(s) Desportiva(s)
Campeão Distrital da 1ª Divisão (atual Divisão de Honra)	1926-27; 1928-29; 1930-31; 1931-32, 1932-33; 1934-35; 1935-36; 1953-54; 1959-60; 1966-67; 1973-74; 1977-78; 1990-91 e; 2012-13
Campeão Distrital da 2ª Divisão	1999/2000
Vencedor da Supertaça AF Viseu	2013/2014
Vencedor da Taça Sócios Honorários	1982/1983
Vencedor da Taça Sócios de Mérito	1985-86 e 1995-96
Vencedor das Taças Preparação	1931-32 e 1933-34
Campeão Distrital de Juniores	1946-47; 1948-49; 1951-52; 1980-81 e; 2008-09
Campeão Distrital de Juvenis	1962-63; 1968-69 e; 2010-2011
Campeão Distrital de Iniciados	2008-09 e 2011-12
Campeão de Reservas	1982/1983
Representante de Viseu no Campeonato de Portugal	1927-28; 1928-29; 1929-30; 1931-32; 1932-33 e; 1933-34
Campeonato da 2ª Liga	1934-35 e 1935-36

Campeonato Nacional da 2ª Divisão (Atual Campeonato Portugal Prio)	1951-52; 1963-64; 2013-14; 2014- 2015 e; 2015-16
Campeonato Nacional da 3ª Divisão	1949-50; 1950-51; 1952-53; 1953-54; 1954-55; 1955-56; 1956-57; 1957-58; 1959-60; 1960-61; 1961-62; 1962-63; 1964-65; 1965-66; 1966-67; 1967-68; 1969-70; 1974-75; 1975-76; 1976-77; 1978-79; 1979-80; 1980-81; 1981-82; 1982-83; 1983-84; 1984-85; 1991-92; 1992-93; 1993-94 e; 1994-95
Campeão Distrital de Escolas	2009/2010
Campeão Distrital de Infantis Sub-12	2010/2011

3.2.3 Órgãos Sociais

A organização e estrutura do LFC conta com vários membros distribuídos por diferentes departamentos. O Quadro 2 refere-se aos órgãos sociais eleitos e que atualmente estão a exercer o seu mandato, que prevalece por 3 anos. Deste quadro é de salientar alguns membros importantes para o clube como o presidente e vice presidente da direção, António Loureiro e José Gonçalves e o vogal do conselho disciplinar João Luís, que além deste cargo, ocupa também o de diretor de comunicação do LFC.

Quadro 2 Membros da Assembleia Geral, Direção, Conselho Fiscal, Conselho Técnico e Conselho Disciplinar do LFC

Assembleia Geral	Presidente: Dr. Bruno Manuel Henriques Sousa
	Vice-Presidente: José Ferreira Cândido
	1º Secretário: António Miguel Lopes Peres
	2º Secretário: João Henrique Almeida Oliveira
Direção	Presidente: António Manuel Esteves Loureiro
	Vice-Presidente: José António Rodrigues Gonçalves
	1º Secretário: Carlos Alberto P. R. Gonçalves
	2º Secretário: António José Nogueira Pereira
	Tesoureiro: Nuno Valentim Cardoso Sales Miranda
	Vogal: Carlos Lopes
	Vogal: Francisco José Peres Cândido
	Vogal: Paulo Alexandre Marques Pereira
	Vogal: Manuel Teixeira Lopes Norte
Conselho Fiscal	Presidente: Silvino Almeida Peixoto
	Vogal: Manuel António Pires Sobral

	Vogal: João Fernando Sousa Ferreira
Conselho Técnico	Presidente: José António Toipa Lopes
	Vogais: Carlos Gomes, José Luís Vasconcelos; Rita Pereira, Eugénia Costa, Filipe Silva, Flávio Rodrigues; António Barros, Jorge Gonçalves, Pedro Santos, Paulo Morgado, Paulo Cardoso, Rui Figueiredo, Miguel Amaral, Fernando Lourenço, Lino Real, Ricardo Toipa, João Gomes, Hélder Lopes, Nuno Nunes, Óscar Couto e Paulo Ferreira
Conselho Disciplinar	Presidente: Dr. Arlindo Jesus Almeida
	Secretário: António José Pinto Matos
	Vogal: João Luís Pereira Gonçalves

3.3 Passado recente do Lusitano Futebol Clube

É preciso muitíssima história para forjar uma pequena tradição.

James, Henry (1843/1916)

O Lusitano Futebol Clube (LFC) está situado numa aldeia pacata (Vildemoinhos) no centro de Viseu e, é considerado por muitos um clube humilde e cumpridor composto por pessoas rigorosas e sérias. É um clube que não tem muita experiência a nível nacional apesar dos seus 100 anos de existência, mas nestes últimos anos tem vindo a registar uma evolução digna de nota.

Conseguiu a sua ascensão aos campeonatos nacionais há três anos, registando o seu primeiro desempenho e participação nesta competição na época 2013/2014, onde se tem mantido deste então. Esta ascensão ao agora denominado Campeonato Portugal Prio foi o resultado da conquista do campeonato distrital da Divisão de Honra de Viseu na época desportiva de 2012/2013. Nestes três anos contou com a presença na fase de manutenção nas épocas de 2014/2015 e na presente época de 2015/2016 e registou a comparência na fase de subida à 2ª Liga, na temporada passada 2014/2015

Enquanto jogador, o autor deste relatório já está inserido no plantel sénior da equipa do LFC desde a época de 2010/2011, onde teve o prazer e a oportunidade de presenciar e contribuir para esta evolução e crescimento quer em termos futebolísticos, quer em termos de estrutura, organização, logística e recursos materiais.

A cidade de Viseu é a “casa” de muitos clubes de Futebol, mas todos estes, incluindo o LFC, têm vivido à sombra daquele que, para quase todos, é o “grande” clube de Viseu, que é o Académico de Viseu Futebol Clube (AVFC). Apesar de o LFC ser o clube mais antigo do distrito de Viseu, o AVFC ganhou mais fama e notoriedade devido à sua presença na 1ª Liga, na década de 70 e

pelo facto de treinar e jogar no estádio da Cidade de Viseu (o maior do distrito). Muitos destes clubes que estão sediados na cidade de Viseu continuaram e continuam a demonstrar uma fraca ambição em atingir patamares superiores no escalão sénior.

Contrariando esta tendência, houve um sentimento por parte de todos os adeptos, sócios, simpatizantes e intervenientes na organização do clube de que o LFC, dada a sua história, merecia deixar as divisões distritais e tomar “o seu devido lugar” nos campeonatos nacionais. A direção do LFC decidiu pôr em prática esse pensamento de que o clube devia estar num patamar superior, mudando a sua mentalidade e elaborando um plano de ação, querendo retirar a ideia de este ser um clube com aspirações humildes, passando a ter metas e objetivos mais desafiantes.

Todo este plano de ação começou a ganhar forma com a contratação do treinador Rui Cordeiro. Este técnico começou a executar funções a meio da época de 2011/2012, rendendo o então atual treinador, Silvério. Nessa época desportiva a equipa sénior do Lusitano não foi além de um 4º lugar no campeonato da Divisão de Honra da Associação de Futebol de Viseu.

No ano seguinte, o treinador Rui Cordeiro foi capaz de planejar a época inteira, escolher os seus adjuntos, o número de treinos por semana que queria e os jogadores mais capazes de desempenhar funções, que entravam de acordo com o modelo de jogo que o treinador queria implementar na equipa. Estas ações tiveram o importante apoio da direção do clube que fez todos os possíveis para realizar as exigências propostas pelo treinador. Nessa época de 2011/2012, a equipa sénior do LFC acabou por ganhar o campeonato e carimbar a sua ascensão aos campeonatos nacionais. Segundo muitos treinadores adversários, a equipa foi campeã por demonstrar um plantel muito equilibrado, onde todos os jogadores podiam jogar sendo capazes de cumprir com muita eficiência a sua posição dentro de campo.

A equipa do LFC tinha então conseguido satisfazer o desejo de todos os intervenientes no clube: voltar aos campeonatos nacionais.

Como foi referido anteriormente, na primeira época desportiva inserida nos campeonatos nacionais, a equipa sénior do LFC conseguiu a manutenção com alguma segurança e tranquilidade.

Posto isto, novos objetivos foram propostos e a ambição e o querer desta entidade desportiva que é o LFC, começou a aumentar.

Na época seguinte, a meta a alcançar seria ficar nos dois primeiros lugares do campeonato na fase regular, dando assim acesso à fase de subida à 2ª Liga, garantindo automaticamente a manutenção. Não fugindo à regra, o objetivo foi alcançado. A equipa sénior conseguiu sagrar-se campeã da sua série conseguindo assim um lugar na disputa pela ascensão ao patamar superior (2ª Liga). Contudo, face ao diminuto orçamento disponível para o plantel sénior do LFC comparado com as outras equipas nesta série e face ao fraco nível de experiência do clube ao nível dos campeonatos nacionais, entre outros aspetos, a equipa não foi além de um 8º Lugar (último) nesta série.

Apesar desta posição desmotivante, todos os jogadores, diretores, presidente e equipa técnica saíram com um sentimento de dever cumprido.

Nestes três anos transatos ficou registada uma evolução considerável, mas foi na presente época de 2015/2016 onde o clube depositou as maiores esperanças.

Com um orçamento bastante superior ao ano antecedente, a direção do LFC propôs à equipa técnica e aos jogadores do plantel sénior novos objetivos e metas ainda mais aliciantes. Ficou esclarecido em toda a sua plenitude de que a equipa obrigatoriamente, teria que ficar nos dois primeiros lugares do campeonato na fase regular, garantindo de antemão a manutenção no Campeonato Portugal Prio. Um objetivo que não foi mencionado literalmente, mas que ficou subentendido por todos os jogadores, foi o de tentar almejar a subida de divisão à 2ª Liga. Esta meta implícita, mas percebida por todos os jogadores chegou um pouco em tom de surpresa, visto que há apenas três anos este clube encontrava-se nas divisões distritais de Viseu. Não obstante, com o passar do tempo e através da observação dos treinos e jogos de pré-época houve uma mudança de pensamento e atitude por parte dos jogadores passando, estes, a acreditar que o plantel tinha muita qualidade e que o objetivo

inicialmente proposto implicitamente, não era assim tão descabido e que era passível de ser cumprido.

Todavia, a evolução que o clube tinha vindo a apresentar a nível sénior, sofreu uma estagnação nesta época desportiva. Apesar de ter um orçamento maior, um plantel com qualidade superior, relativamente ao da época transata (de acordo com a opinião dos jogadores e direção), mais condições a nível logístico e mais apoios camarários, a equipa sénior do LFC não conseguiu ficar nos dois primeiros lugares na fase regular, falhando assim o acesso à fase de subida bem como a subida à 2ª Liga. Contudo, a equipa conseguiu acabar a fase de Manutenção em 3º lugar, garantindo assim, a permanência no Campeonato Portugal Prio.

Convém referir que esta época desportiva ditou o fim do percurso de cinco anos do treinador Rui Cordeiro que cessou as suas atividades enquanto líder da equipa técnica do plantel sénior do LFC quando faltavam sete jogos para o término da fase regular. A equipa encontrava-se na sexta posição da tabela classificativa, a três pontos do 2º lugar que dava acesso a um lugar na fase de subida. A sua vaga foi preenchida pelo treinador Sérgio Fonseca. Foi a única alteração na equipa técnica, visto que o treinador adjunto, Carlos Sousa e o treinador de guarda-redes, Augusto Cardoso, continuaram a executar as suas funções respetivas até à altura. Esta equipa técnica manteve-se até ao final da época.

3.4 Caracterização do plantel sénior do LFC e do Campeonato Portugal Prio

Caracterização do Plantel

O Quadro 3 descreve o plantel da época desportiva de 2015/2016, com a indicação do nome e idade de cada jogador pelo seu nome, ou da sua alcunha, dada pelos restantes colegas de equipa, a sua posição característica dentro de campo, bem como o seu número de competição. No quadro temos também os minutos de utilização, de cada jogador, nesta edição do Campeonato Portugal Prio.

Quadro 3 Lista dos jogadores do plantel sénior do LFC

Número	Nome	Idade	Posição	Minutos
1	Nuno Ricardo	36	Guarda-redes	1260
87	Guilherme Maló	28	Guarda-redes	1530
3	Calico	28	Defesa Central	2443
22	Miguel Rodrigues	21	Defesa Central	1102
61	Paulo Oliveira	21	Defesa Central	1981
33	Thiago Pereira	32	Defesa Central	936
86	Hugo Costa	26	Defesa Lateral	900
21	Mangualde	34	Defesa Lateral	2180
26	Hugo Pires	28	Defesa Lateral	1180
5	Diogo Melo	27	Médio Defensivo	2641
6	Carlitos	25	Médio Defensivo	1198
28	Ivo Xina	26	Médio Centro	1651
10	Nuno Binaia	28	Médio Centro	2585
14	Trinta	25	Médio Centro	295
19	Varela	19	Médio Ala	220
11	José Rui	33	Médio Ala	1054
8	Marco Toipa	28	Médio Ala	222
7	Marcel Ribeiro	26	Médio Ala	2232
23	Hélder Rodrigues	26	Médio Ala	2145
88	Bassalia Ouattara	24	Médio Ala	149
17	Pires	28	Ponta-de-lança	584
9	Diogo Braz	23	Ponta-de-lança	2235

Caracterização do Campeonato Portugal Prio

No início desta época de 2015/2016, o agora chamado Campeonato Portugal Prio, era denominado Campeonato Nacional de Seniores. Este campeonato é constituído por 8 séries, com 10 equipas cada uma (Quadro 4).

Existe uma fase regular, onde cada equipa defronta os respetivos nove adversários, por duas vezes, uma em sua casa e outra fora do seu reduto. Ao fim da fase regular, os 2 primeiros classificados de cada série, disputam a fase de subida, enquanto as restantes 8 irão lutar para a manutenção.

A fase de subida é dividida em 2 séries, norte e sul (a série norte é constituída pelos dois primeiros classificados das séries A, B, C e D e a série sul é constituída pelos dois primeiros classificados das séries E, F, G e H). No final desta fase, o 1º classificado de cada série sobe automaticamente à 2ª liga, enquanto os segundos classificados irão se enfrentar num jogo a duas mãos e apenas o vencedor subirá à 2ª liga. Posteriormente, os primeiros classificados de cada série irão jogar para ver quem será campeão.

Na fase de manutenção, as restantes 8 equipas vêm os seus pontos partidos a metade (se durante a fase regular estas equipas apresentarem um número de pontos que seja par, a divisão a meio, ocorre com naturalidade, mas se o resultado dos pontos na 1ª fase for ímpar, o corte para metade origina números com casas decimais, o que não pode acontecer, arredondando sempre para o número inteiro acima), (cf quadro 5). Os dois últimos classificados descem à distrital, do respetivo distrito e o antepenúltimo irá enfrentar outra equipa que tenha ficado na mesma posição noutra série, num confronto a duas mãos. A equipa que sair vitoriosa dos dois embates, fica com a manutenção garantida, enquanto a outra equipa é despromovida aos distritais. As equipas que ocuparem os lugares entre a 1ª e a 5ª posição têm a permanência garantida neste campeonato.

Quadro 4 Disposição das diferentes equipas pelas séries existentes, no Campeonato Portugal Prio, Época 2015/ 2016.

Série A	Bragança
	Camacha
	Limianos
	Marítimo B
	Minas Argozelo
	Mirandela
	Neves
	Pedras Salgadas
	Vianense
	Vilaverdense
	AD Oliveirense
Série B	Arões
	Fafe
	Felgueiras 1932
	Mondinense
	S. Martinho
	Torcatense
	Trofense
	Varzim B
	Vizela
	Amarante
	Cinfães
Série C	Coimbrões
	Gondomar
	Pedras Rubras
	Salgueiros
	Sobrado
	Sousense
	Sobrado
	Tirsense
	Anadia
	Bustelo
	Cesarense
Série D	Estarreja
	Gafanha
	Lusitânia de Lourosa
	LUSITANO
	Mortágua
	Oliveira de Frades
	Sanjoanense
	AD Nogueirense
	Académica Coimbra SF
	Angrense
	Ideal
Série E	Oliveira do Hospital
	Operário
	Pampilhosa
	Praiense
	Sabugal
	Tourizense

Série F	Águias Moradal
	Alcanenense
	Benfica Castelo Branco
	Caldas
	FC Crato
	Naval
	Peniche
	Sertanense
	União de Leiria
	Vitória Sernache
	1º Dezembro
Série G	Casa Pia
	Coruchense
	Elétrico
	Loures
	Malveira
	Real
	Sacavenense
	Sintrense
	Torreense
	Almancilense
	Atlético Reguengos
Série H	Barreirense
	Castrense
	Cova da Piedade
	Juventude Évora
	Louletano
	Lusitano VRSA
	Moura
	Pinhalnovense

Quadro 5 Exemplo do “corte de pontos” para metade, que ocorre na transição, da fase regular, para a fase de manutenção do Campeonato Portugal Prio.

Pontos no final da fase regular	Pontos no início da fase de manutenção
20 Pontos	10 Pontos
30 Pontos	15 Pontos
19 Pontos	10 Pontos
17 Pontos	9 Pontos

3.5 A Evolução do *Scouting* e Caracterização do Departamento de *Scouting* do Lusitano Futebol Clube

As verdadeiras conquistas, as únicas de que nunca nos arrependemos, são aquelas que fazemos contra a ignorância.

Bonaparte, Napoleão (1769/1821)

Introdução ao *Scouting*

O Futebol é uma modalidade desportiva, que começou a ser praticada, há muitos anos. Registos mostram que já no século II e III A. C., se realizavam atividades muito parecidas com o Futebol. Perante as modificações constantes (a nível de normas de jogo) a que este desporto esteve sujeito ao longo dos anos, foi em 1863 que foram impostas as regras, de base deste desporto.

Apesar de ter sido no ano de 1863, que se elaboraram as regras do Futebol moderno, este desporto tem vindo a sofrer constantes alterações ao nível do seu regulamento, das metodologias de jogo, no número de praticantes, nos instrumentos utilizados, etc, de modo a melhorar o processo de treino e jogo.

Uma das ferramentas, cada vez mais utilizada no processo de treino e jogo no Futebol atual, é o *Scouting*.

Nos tempos primordiais do Futebol moderno o *Scouting*, ou a análise de jogo não eram utilizados. O embate entre duas equipas ocorria de uma maneira em que cada um dos treinadores apresentava pouco, ou nenhum conhecimento acerca do adversário. A preocupação dos treinadores estava apenas, na orientação da sua equipa e a condição absoluta para ganhar um jogo seria ter os melhores jogadores. Pouca, ou nenhuma importância era dada à equipa adversária.

Com o passar do tempo, com o aumentar do conhecimento científico e com o incremento da qualidade de jogo por parte das diferentes equipas, os treinadores começaram a procurar, novas estratégias que permitissem derrotar

os diferentes adversários. Uma dessas estratégias seria aumentar o conhecimento acerca dos diferentes oponentes.

Até então, os treinadores deslocavam-se para os jogos apenas cientes das capacidades da sua própria equipa, negligenciando e desconhecendo o adversário. Segundo Johann Goethe, um escritor e cientista que viveu entre 1749 e 1832, *“não há nada mais assustador que a ignorância em ação”*.

O desconhecido pode ser assustador porque é imprevisível. Perante determinada situação o treinador tem que ser capaz de responder em pouco espaço de tempo ao estímulo apresentado em contexto de jogo (este estímulo pode ser: a equipa adversária apresenta um sistema, ou modelo de jogo, que no momento estaria a desequilibrar a defesa do treinador em questão e seria necessário efetuar alterações de modo a combater a eficiência adversária; a equipa adversária poderia apresentar um jogador muito forte nas bolas paradas e seria necessário uma marcação individual a este mesmo atleta,...), e esta situação pode por vezes, acarretar uma pressão demasiado alta para um treinador aguentar.

Chegando à conclusão de que a preparação e planificação do jogo com base na sua equipa e na equipa adversária é condição necessária e essencial, os treinadores começaram a dar uma maior importância ao *Scouting*.

Departamento de Scouting do LFC

A sabedoria resulta da observação e da experiência!

Saint-Beuve, Charles (1804/ 1869)

Nas últimas décadas, a utilização do *Scouting*, nos diferentes clubes, tem vindo a registar um aumento drástico. Partindo do pressuposto de que, o *Scouting* é uma ferramenta que ajuda as equipas a alcançarem o sucesso desportivo e a vitória, os clubes têm vindo a demonstrar, particular interesse em utilizá-lo, na sua estrutura e no seu modo de trabalhar.

Contrastando a estes benefícios, o *Scouting* acarreta custos, principalmente, monetários, não suportados por muitas equipas, principalmente a nível distrital. Contudo, como este mestrado se denomina de Treino de Alto Rendimento Desportivo e o estágio foi realizado no LFC, um clube que pertence aos campeonatos nacionais, este obstáculo de o *Scouting* trazer custos monetários, não se colocou no presente caso.

A utilização do *Scouting*, por parte da equipa técnica, na equipa sénior do LFC, é bastante recente. Esta ferramenta de *Scouting*, só começou a ser implementada, na época de 2011/ 2012, pelo treinador que deixou o comando da equipa técnica do LFC, no decorrer da época desportiva de 2015/ 2106. Este treinador, apesar de ser jovem, apresentava muitas ideias inovadoras e elevados conhecimentos científicos de Futebol.

Logo após a sua chegada, o treinador quis que houvesse alguém que, observasse e gravasse os jogos das equipas adversárias, de modo que, tivesse conhecimento acerca do modelo de jogo dos oponentes.

Essa pessoa que realizava as observações era o *scouter* do LFC. Este realizava a observação direta dos adversários, aos domingos à tarde, quando estavam a ser disputados todos os jogos do CNS. O *scouter* deslocava-se ao campo do oponente, que viria a enfrentar a equipa sénior do LFC, na semana subsequente àquela em que estava a ser realizada a observação. Este *scouter* não se apresentava no estádio, dizendo que era um membro da estrutura da

equipa sénior do LFC, pois correria o risco de não entrar nas instalações. Esta situação poderia ocorrer, visto que o trabalho que ele iria realizar no estádio poderia contribuir para a vitória da equipa do LFC sobre a equipa observada e as pessoas que compõem e que são parte integrante no clube observado, poderiam não achar essa atitude de bom grado, pois estariam a dar ferramentas ao adversário para que levasse a sua própria equipa de vencida.

Para evitar esta situação, em que a entrada do *scouter* poderia ser impedida por parte dos responsáveis do clube adversário, o *scouter* tentava ser o mais discreto possível nas filmagens e se fosse confrontado pelos responsáveis do clube, este negava qualquer afiliação ao LFC.

Estas filmagens continuaram durante 4 anos, até à época atual de 2015/2016. Mesmo com o abandono do treinador principal, as gravações de vídeo, dos jogos, das equipas adversárias continuaram a ser realizadas.

Até à rescisão de contrato do treinador principal, o departamento de *Scouting*, era constituído apenas pelo *scouter* e pelo próprio treinador principal.

Como foi descrito anteriormente, o *scouter* realizava a observação dos jogos dos adversários, na medida em que esta tarefa era impossível de ser realizada pelo treinador principal, que no mesmo horário, estaria a orientar a equipa sénior do LFC.

O *scouter*, além de realizar a observação dos jogos dos oponentes, ainda teria a responsabilidade de trabalhar e modificar os vídeos, de modo a que não existissem tempos mortos, para que toda a extensão do ficheiro do jogo fosse de tempo efetivo de jogo. Por fim, de modo a facilitar a análise e a interpretação dos vídeos, o *scouter* dividia o ficheiro pelos diferentes momentos do jogo. Os momentos de jogo eram analisados e separados pela Organização Defensiva, Organização Ofensiva, Transição Defensiva, Transição Ofensiva, Bolas Paradas Ofensivas e Defensivas.

O restante trabalho de análise e interpretação dos dados, relativos ao vídeo do jogo dos adversários, era realizado pelo próprio treinador principal.

Segundo este treinador, era do seu interesse ser o próprio a realizar a análise do adversário, visto que as informações das características dos oponentes seriam melhor compreendidas e interiorizadas pelo treinador principal

de modo a que, posteriormente, na transmissão destes conteúdos à equipa fossem melhor explicados e que apenas fosse divulgada a informação que o treinador quisesse que os jogadores assimilassem.

De acordo com o exposto anteriormente, o *scouter* realizava as observações diretas dos adversários do LFC, registando o jogo através de uma câmara de vídeo, mas como a vertente do *Scouting* não se restringe à observação do adversário, o LFC tinha um elemento que realizava a gravação, em suporte de vídeo, do próprio jogo da equipa sénior do LFC. O treinador principal, além de realizar a análise relativa aos adversários, achava importantíssimo analisar e mostrar ao plantel os erros, os aspetos a melhorar e as situações em que a equipa esteve bem, no seu próprio jogo, de modo a que os jogadores tivessem uma ideia mais concreta daquilo que realizavam dentro de campo para, posteriormente, interiorizarem, analisarem e tirarem ilações, de modo a que melhorassem o seu desempenho e rendimento nos treinos e jogos seguintes.

O departamento de *Scouting* do LFC é extremamente pequeno e pouco desenvolvido, em termos de infraestruturas e pessoal, sendo constituído apenas por três pessoas ligadas ao clube, sendo uma delas, tal como já referido, o próprio treinador principal. Na presente época desportiva de 2015/ 2016, com a realização do estágio que deu origem a este relatório, foi possível integrar no departamento de *Scouting* do LFC mais um elemento realizando funções que serão descritas mais à frente no relatório.

Tendo a plena consciência de que o LFC é um clube humilde e que há apenas três anos estava nos campeonatos distritais, onde a presença do *Scouting* era pouca ou nula, é seguro dizer que ao longo destes anos o clube tem evoluído ao nível da observação e análise de jogo. O pensamento de todos os intervenientes no clube é de que o LFC continue a evoluir, e que o departamento de *Scouting* continue a progredir, de modo a que a equipa do LFC seja cada vez mais capaz de conhecer e contrariar os pontos fortes dos adversários, bem como apresentar resultados, cada vez mais ambiciosos e auspiciosos.

3.6 Conceção da prática profissional

No âmbito do presente estágio profissionalizante, a principal função e tarefa exercida foi a de observação e análise dos jogos realizados pelos adversários da equipa sénior do LFC, no Campeonato Portugal Prio, bem como a observação e análise da própria equipa do LFC.

Este trabalho diário de observação, análise e reflexão, era resumido e sistematizado num documento *PowerPoint*, posteriormente apresentado à equipa técnica onde eram inseridos vídeos que demonstrassem aspetos característicos dos oponentes. Os seus modelos de jogo; os seus comportamentos quando tinham a posse de bola e quando não a tinham, como agiam nas bolas paradas, ofensivas e defensivas, as reações à perda da bola, bem como outros aspetos dignos de nota, como por exemplo, os lances individuais de jogadores que pudessem desequilibrar a nossa equipa.

Concomitantemente com a função principal foram realizadas diversas atividades complementares que permitiram que este estágio profissionalizante fosse ainda mais enriquecedor a nível de experiências e conhecimento adquirido.

Em parceria com o jornal desportivo da região de Viseu, *DSport* foi possível proceder à realização de uma crónica desportiva por semana acerca de aspetos importantes da fisiologia aplicada ao futebol.

Por último, em coordenação com o departamento de comunicação foi possível auxiliar no recorte dos vídeos dos jogos da equipa sénior do LFC, de modo a apresentar ao público através das redes sociais, um resumo do jogo disputado no respetivo fim-de-semana.

Tendo a plena consciência de que as funções secundárias não exigiam tanto trabalho ao nível de observação e análise de jogo como a função principal, estas atividades paralelas provaram ser extremamente recompensadoras, na medida em que permitiram experienciar novas vivências e adquirir conhecimentos adicionais na área do jornalismo desportivo e na montagem de vídeo.

Um profissional que esteja inserido na área de *Scouting* ou em qualquer área profissional tem que ser capaz de realizar múltiplas tarefas (*multitasking*), por vezes ao mesmo tempo, não estando “preso” naquela atividade que tenha “mais importância” ou que seja a principal. Todo o profissional encontra-se inserido numa dimensão vasta e complexa, onde o conceito de “*multitasking*” se encontra sempre presente. Pelo facto de o profissional não ter que estar focado apenas numa atividade e ser capaz de realizar várias paralelamente, é que o desempenho destas funções secundárias foram tão importantes, na medida em que me permitiram evoluir nesse aspeto de “*multitasking*”.

3.7 Questões essenciais

A dúvida é o princípio da sabedoria.

Aristóteles (384/322 a.C.)

No decorrer do estágio profissionalizante, que se realizou no LFC foram aparecendo diversas questões acerca do “porquê?”, “onde?”, “quando?”, “como?”, “o que fazer?”, etc., daquilo que estava e viria a ser desempenhado.

Estas questões não só estiveram presentes durante todo o processo de estágio, mas também apareceram antes e após o seu decurso.

Logo desde o início surgiram diversas questões, visto que iria realizar uma atividade completamente estranha e nova.

A ignorância pode ser assustadora, por isso se conseguirmos diminuir esse fator de incerteza e desconhecimento o que vier para a frente vai deixar de ser tão medonho e passa a ser encarado com mais naturalidade e confiança.

Para isso, a colocação de questões é importantíssima porque permite-nos refletir, questionar, antecipar e resolver de antemão, eventuais problemas que possam aparecer mais tarde, contribuindo assim para um maior crescimento a nível pessoal e profissional.

Seguidamente irei enunciar algumas questões que foram surgindo, bem como as respostas que fomos construindo. Estas respostas tiveram como fundamento saberes já adquiridos em anos anteriores, ou experiências pessoais que fui vivenciando ao longo do estágio.

3.7.1 Como conciliar as funções exercidas enquanto *scouter*/analista de jogo e jogador?

Esta foi uma das questões que se colocou de imediato, ainda antes do começo do estágio. “será possível complementar a análise de jogo com a função de jogador de Futebol sem que haja atritos, ou diminuição de performance nestes dois capítulos?”

Executar funções enquanto jogador não era estranho para o estagiário, visto que joga Futebol há cerca de 14 anos. Já estava entrosado no ambiente desportivo da modalidade de Futebol há tempo suficiente para saber o que esperar e o que era esperado de si.

Outro aspeto que se encontrava a seu favor era o facto de já ser atleta do LFC há 6 anos. Estes 6 anos permitiram-lhe conhecer a organização, bem como a sua estrutura e as pessoas responsáveis pela entidade desportiva que é o LFC.

Este conhecimento acerca da organização do LFC facilitou em muito a sua integração no departamento de *Scouting* do LFC, pois já tinha uma ideia de como funcionava o processo da análise e observação dos jogos. Por outro lado, como já era atleta do treinador que iniciou a época 2015/2016 há 4 anos, já detinha o conhecimento do modelo de jogo deste treinador, podendo assim adaptar a observação e análise dos jogos às ideias do mesmo.

Como foi descrito anteriormente, mas cumprir esta função de *scouter* viria a ser uma situação nova para o estagiário.

A atividade de realizar análise ao jogo não lhe era totalmente estranha porque ao estar dentro de campo, em situação de jogo, um jogador apercebe-se de certos comportamentos técnico-táticos das equipas adversárias e da própria equipa que lhe permitem realizar uma análise daquilo que se apresenta à frente do jogador, modificando assim o seu comportamento, realizando uma resposta mais adequada aos estímulos apresentados, dentro de campo.

Contudo, é seguro dizer que ao estar a realizar um jogo, a quantidade de informação retida e processada pelo atleta é muito reduzida, na medida em que

o jogador tem a sua atenção focada mais na bola e nos movimentos técnico-táticos que tem que realizar para ajudar a equipa a cumprir os objetivos delineados para o jogo em questão.

Apesar da reduzida informação retida pelo atleta em contexto de jogo, em relação à análise de jogo, jogar Futebol oferece-nos uma globalidade de experiências e conceitos, que fazem com que uma atividade/profissão como a de *scouter*, não nos fosse totalmente estranha.

Contudo, o facto de jogar e ter sido jogador de Futebol não significa que já tivesse adquirido todos os conhecimentos relativos à análise de jogo, servindo apenas como uma pequena introdução para aquilo que viria a ser o trabalho principal realizado neste estágio.

Um dos principais objetivos deste estágio era proporcionar evolução enquanto *scouter* e alargar o conhecimento e experiência relativamente à análise de jogo, porém havia outra meta que queria ver testada. Essa meta passava por sentir se o trabalho realizado enquanto analista de jogo iria contribuir para a melhoria da performance enquanto jogador de futebol. Sabendo de antemão que este objetivo não era passível de ser comprovado estatisticamente, queria ver se iria ocorrer algum melhoramento na perceção/análise ao jogo e se isso iria contribuir para a melhoria do desempenho no papel de jogador.

A resposta a este último objetivo só surgiu no final da época desportiva, onde foi possível fazer um balanço mais detalhado da época. Não obstante, ao longo do ano e com o decorrer dos jogos, foi possível observar e experienciar uma evolução considerável do rendimento do estagiário enquanto atleta.

Como a análise do adversário era realizada na semana que antecedia a competição, no dia do jogo já estava ciente e mais capaz de identificar o modelo de jogo e os processos técnico-táticos que a equipa adversária demonstrava em campo.

Partindo do princípio de que o Futebol é um desporto imprevisível onde quase tudo pode acontecer e todos podem ganhar e por vezes não há nada que o melhor observador-analista do mundo possa fazer para prever determinadas situações no jogo, não podemos descartar o facto de cada equipa apresentar um

certo modelo de jogo e um conjunto de características e que portanto, são passíveis de previsão.

Pelo facto de certas equipas terem certos aspetos que as identificavam dentro de campo, enquanto jogador já era capaz de os identificar, analisar e responder mais adequadamente aumentando assim a minha prestação enquanto atleta.

Para corroborar este aumento de prestação, além de se basear naquilo que sentia, o estagiário baseou-se também na opinião de pessoas que fazem parte do clube, quer seja jogadores, treinadores, direção e mesmo de adeptos. Todos eles afirmaram que esta tinha sido a sua melhor época desportiva enquanto jogador do LFC tendo registado o maior número de golos da sua equipa (12) e de ter sido um dos jogadores mais utilizados (2235 min).

Adicionalmente, a sua prestação enquanto líder dentro de campo aumentou. Como estava familiarizado com o estilo de jogo dos adversários era uma das pessoas mais capazes de dar conselhos aos seus colegas acerca de movimentos, posições e jogadores adversários que pudessem desequilibrar a sua equipa. Esta situação de liderança foi muito notória, pelo que foi nomeado pelo treinador um dos capitães da equipa, ocupando a posição de sub-capitão.

Esta experiência de conjugar ambas as funções de *scouter* e jogador, trouxe bastantes benefícios a nível de experiência e conhecimento porém, antes do estágio o estagiário começou a levantar as minhas dúvidas.

Houve incertezas, na medida em que não se sabia se iria ser capaz de jogar e fazer as análises aos jogos sem que uma função prejudicasse a outra; houve receio que a sua *performance* enquanto atleta decrescesse e; houve apreensão, pois não se sabia se iria ser capaz de separar a forma como me comportava com o treinador enquanto seu atleta e enquanto membro da sua equipa técnica.

Os dois primeiros pontos enunciados no anterior parágrafo já foram respondidos e foram sujeitos a uma reflexão pessoal no texto mais acima.

O último ponto que diz respeito à relação com o treinador provou ser uma das, ou talvez a maior dúvida que o estagiário apresentava no início do estágio.

O treinador na sua essência tem que apresentar diversas características e componentes para ser um treinador de sucesso. Tem que ter capacidade de liderança, ser capaz de impor as suas ideias e fazer com que todo o plantel o siga e esteja de acordo com ele, respeitando-o; tem que ser um gestor, pois necessita de planejar e esquematizar todo o macrociclo desportivo, mesociclo e microciclos, locais dos treinos, por vezes tratar da logística, etc.; além destes aspetos, o treinador também precisa de ser um pedagogo, um professor, que ensine os seus atletas acerca de “o que fazer?”, “como fazer?”, “quando fazer?” e o “porquê?”.

Complementando a estes pontos o treinador tem que ser um solitário, capaz de gerir as relações interpessoais com os seus jogadores, muitas das vezes distanciando-se dos mesmos, de modo a que a confiança dos jogadores sobre o treinador não se exceda podendo comprometer o trabalho e a capacidade de liderança do treinador.

Posto isto, enquanto jogador, o estagiário tentou sempre ter a mesma relação com o treinador que tinha em anos anteriores. Mas uma situação que não pode evitar foi o maior número de conversações que passou a ter com o treinador dentro de campo, em contexto de treino. As conversas deixaram de ser apenas sobre o seu rendimento desportivo e passaram a ter mais um tema, que era a análise do adversário. Havia discussões acerca de aspetos característicos dos oponentes e como certos exercícios podiam treinar e simular alguns aspetos do modelo de jogo dos adversários. Estes diálogos com o treinador não aconteciam sempre dentro de campo, aliás a maior parte deles eram discutidos fora do treino de modo a que houvesse uma certa distância, referenciada acima.

Concluindo este ponto acerca da relação com o treinador, pode-se afirmar que apesar do aumento de conversações dentro de campo, o estagiário soube separar as duas funções de *scouter* e jogador tendo uma postura totalmente profissional em ambas as partes.

Fazendo um ponto de situação geral, acho que não houveram grandes atritos dignos de nota, apenas foram experienciadas algumas dificuldades que irei referenciar mais à frente.

Na minha opinião, foi uma experiência diferente mas bastante enriquecedora onde os pontos positivos se sobrepuseram por larga escala, aos pontos negativos e acho que esta relação e interdependência de funções provou ser uma mais-valia, quer no percurso enquanto jogador, quer no início de atividade enquanto *scouter*.

3.7.2 O que observar?

A análise de jogo do adversário está dependente da interpretação do *scouter* e do conteúdo inserido pelo mesmo no relatório/Power Point de observação. Este conteúdo terá que englobar os aspetos que caracterizem a equipa que está a ser analisada de modo a que representem ao máximo, o modo de jogar do oponente para que o treinador possa adequar a tática e o modelo de jogo para levar de vencida o adversário.

Esta questão de “o que observar?” parece bastante simples, mas no começo do estágio apresentou-se como sendo um grande problema.

Detinha-se a plena noção de que se teria que incluir no Power Point de observação situações que demonstrassem um certo padrão organizacional que se traduzisse numa regularidade de comportamentos do adversário e que teria que excluir certos acontecimentos esporádicos que iriam apenas confundir o treinador e os jogadores. Por vezes, eram colocadas certas situações particulares porque derivavam da capacidade técnica individual de um certo jogador que poderia vir a desequilibrar a própria equipa.

Porém, como nunca se tinha realizado uma análise de jogo desta dimensão, o estagiário estava um pouco inseguro porque não sabia se iria ser capaz de analisar e interpretar os pontos chave quer da própria equipa, quer das adversárias, necessários a uma análise de jogo bem-sucedida.

Já foram referidos mais acima, no capítulo do macro contexto, instrumentos de observação, avaliação e análise de jogo, como o GPAI, o KORA, o TSAP e a avaliação com base nos princípios táticos do jogo. Contudo, devido ao fraco desenvolvimento e estrutura do departamento de *Scouting* do LFC, nenhum destes instrumentos foi utilizado neste estágio.

Uma pessoa, na sua atividade profissional tem que arranjar soluções e ter outros recursos quando os melhores não estão disponíveis. Assentando nesta ideia, houve a obrigação de procurar outros meios de análise e avaliação que permitissem ter sucesso.

A solução encontrada foi a realização da análise ao jogo com base na observação dos diferentes momentos do jogo dos adversários e do LFC. Momentos esses que são: organização defensiva e ofensiva; a transição defensiva e ofensiva e; as bolas paradas ofensivas e defensivas.

Eram colocados no Power Point pequenos vídeos que elucidavam certos aspetos técnico-táticos, inseridos nestes seis momentos do jogo.

Para um melhor esclarecimento irão ser descritos os diferentes momentos do jogo, de uma forma mais detalhada.

Organização Ofensiva

O momento de organização ofensiva, é caracterizado pelos comportamentos que a equipa assume, aquando da posse de bola com o objetivo de preparar e criar situações ofensivas de forma a marcar golo (Oliveira, 2004).

Transição Defensiva (Ataque/ Defesa)

O momento de transição ataque/defesa é caracterizado pelos comportamentos que se devem assumir durante os segundos após se perder a posse de bola. Estes segundos revelam-se de particular importância, uma vez que ambas as equipas, se encontram momentaneamente, desorganizadas para as novas funções que têm que assumir, como tal, ambas tentam aproveitar as desorganizações adversárias (Oliveira, 2004).

Organização Defensiva

O momento de organização defensiva caracteriza-se pelos comportamentos assumidos, pela equipa, quando não tem a posse da bola, com o objetivo de se organizar, de forma a impedir, a equipa adversária de preparar, de criar situações de golo e de marcar golo (Oliveira, 2004).

Transição Ofensiva (Defesa/ Ataque)

O momento de transição defesa-ataque é caracterizado pelos comportamentos assumidos, durante os segundos imediatos à conquista da posse da bola. Estes segundos são importantes porque, tal como na transição ataque-defesa, as equipas encontram-se desorganizadas para as novas funções e o objetivo é aproveitar a desorganização adversária, para proveito próprio (Oliveira, 2004).

Esquemas táticos ofensivos e defensivos

Os esquemas táticos são normalmente designados de bolas paradas e dividem-se em, defensivos e ofensivos.

Dado serem parte integrante no jogo através dos quais se conquista muitas vezes o golo, importa que no processo de observação e análise de jogo se considerem estes momentos (Castro, 2014).

Estes esquemas podem ser identificados em jogo quando há uma pausa, que poderá ser breve ou prolongada, que possibilita o reposicionamento dos jogadores e a utilização de movimentações específicas, normalmente treinadas (Bessa, 2009). Como tal, estas paragens dizem respeito aos pontapés de canto, pontapés livres, pontapés de grande penalidade, lançamentos de linha lateral, pontapés de saída e pontapés de baliza” (Rocha, 2009).

Estas ações de bola parada podem-se mostrar bastante benéficas, principalmente nos ofensivos visto que, quando se defrontam equipas mais defensivas os esquemas táticos ofensivos oferecem uma oportunidade de criar perigo e marcar golo.

Portanto, são evidentes as vantagens a retirar destes esquemas táticos. De acordo com Rocha (2009), algumas dessas vantagens são:

- São sempre executados com a bola parada por conseguinte o problema do controlo da bola é eliminado;
- Os adversários têm sempre que se colocar a pelo menos 9,15 metros, por conseguinte, não existe pressão sobre a bola;

- Um grande número de atacantes pode deslocar-se para posições perigosas, para a equipa adversária;
- Os jogadores colocam-se em posições pré-planeadas para maximizar as suas capacidades individuais;
- O treino sistemático destas situações produz níveis de sincronização dos movimentos;
- Quando é a equipa adversária a usufruir deste tipo de vantagens, os esquemas táticos defensivos permitem a criação de situações benéficas tanto para assegurar a defesa da baliza, como na tentativa de ganhar a posse de bola (Castelo, 1996).

3.7.3 O que fazer antes, durante e após a análise do jogo?

A atividade de análise de jogo é algo complexa e requer do *scouter* uma planificação e estruturação da mesma, de modo a que a análise de jogo realizada vá ao encontro das necessidades e às especificidades, quer do treinador, quer dos atletas.

Desde o início do estágio, houve uma preocupação com o “o que fazer?” antes, durante e após à análise de jogo.

Antes

Visto que não era possível realizar a observação direta dos adversários, a primeira preocupação do estagiário era arranjar o suporte de vídeo que continha o jogo dos oponentes.

Para aceder ao vídeo do adversário solicitava-se ao *scouter* do LFC, que se deslocava ao estádio dos oponentes para filmar a partida guardando posteriormente o conteúdo, num disco externo.

O vídeo dos jogos do LFC eram gravados pelo diretor de comunicação do LFC.

Os jogos do CPP realizavam-se por norma, ao domingo. Era extremamente importante ter o vídeo dos jogos, quer dos adversários, quer do nosso próprio jogo (realizado no mesmo Domingo), na segunda-feira subsequente.

Estes vídeos teriam que estar na posse do estagiário logo a seguir ao jogo para que pudesse analisar e entregar o respetivo relatório ao treinador do LFC, o mais cedo possível.

Os relatórios das análises aos jogos eram realizados e entregues ao treinador logo no início da semana (entre segunda e terça-feira), de modo a que o treinador pudesse ajustar o processo de treino de acordo com as informações neles fornecidas. Quanto mais cedo fosse entregue o relatório de análise aos jogos, mais tempo teria o treinador para planear o trabalho semanal, preparando melhor a equipa para a competição.

Durante

Na realização da análise de jogo houve a preocupação de recortar certos aspetos do jogo que se consideravam pertinentes e com valor para serem mostrados, posteriormente ao treinador e à equipa.

Ao observar os jogos iam-se registando, numa folha de papel os minutos em que decorriam situações de jogo dignas de serem analisadas, para uma moldagem posterior (através do *Paint* ou *Windows Live Movie Maker*), de modo a serem inseridas no *Power Point* de análise de jogo.

Outra questão que se colocou, inserida no decorrer da análise, foi: determinar: - “quais os jogos e quantos jogos observar?”

A resposta a este problema foi encontrada, não tanto pelo conhecimento científico disponível, ou por uma análise estatística que demonstrasse o número de jogos necessários a observar para obter uma análise fidedigna, mas consoante o material e recursos disponíveis, que muitas das vezes eram escassos.

Por isso, de um modo geral eram analisados os últimos 2 jogos da equipa que o LFC iria defrontar bem como os confrontos anteriores entre essa mesma equipa e a do LFC.

Poderiam ocorrer certas exceções, por exemplo: se a equipa adversária jogasse em casa/fora contra o LFC, dar-se-ia mais ênfase a uma análise de jogos anteriores do adversário, onde se procurava identificar os comportamentos do oponente, a jogar em casa/fora do seu reduto. Outra exceção ocorria quando se analisavam os jogos do adversário procurando as diferenças no modelo e na forma de jogar do oponente em função do tipo de piso em que o jogo se realizava (relva sintética ou relva natural).

Após

Depois do relatório de análise de jogo ser entregue, tentava-se sempre ter o trabalho adiantado, procurando e preparando informações acerca do

adversário seguinte, de modo a que quando realizasse a análise subsequente, esta fosse mais elaborada e descritiva do modelo de jogo e das características do oponente.

Um dos pontos mais importantes e característicos de qualquer tarefa profissional realizada é o *feedback* do público a quem é destinada essa tarefa. Por isso, tentou-se sempre perceber o que o treinador, a equipa técnica e o plantel tinha a dizer acerca do trabalho efetuado e procurou-se sempre ajustar a análise, tendo em conta as críticas por eles feitas, de modo a que demonstrasse uma evolução constante, indicadora de um maior sucesso.

3.7.4 Qual a melhor forma de transmitir a informação referente à análise de jogo?

Devido à inexperiência que se apresentava na área de análise de jogo, a questão acima referenciada, apresentou-se como um dilema no início do estágio.

A preocupação pautou-se em arranjar um meio de transmissão de informação que permitisse aos atletas e à equipa técnica assimilar melhor a informação que se quisesse transmitir.

Porém, devido ao facto de não se ter conhecimento e experiência nesta área, optou-se por uma forma de apresentação que se considerasse mais adequada, baseando-se também nas exigências do treinador.

A forma de apresentação do relatório de análise de jogo foi preparada através de imagens e esquemas elucidativos acerca de aspetos importantes e característicos do modelo de jogo e componentes técnico-táticos da equipa adversária.

Esta apresentação por imagens era entregue em suporte *PDF* ao treinador (Anexo 3), tendo corrido bem nas primeiras semanas, visto que o treinador apenas se baseava no conteúdo da análise realizada, ficando ele próprio, encarregue de realizar a apresentação, em *Power Point*.

Durante a época desportiva de 2015/ 2016, houve uma mudança de treinador, havendo manutenção da restante equipa técnica.

Quando há uma troca de treinador, existe frequentemente uma mudança das ideias e do modelo de jogo da equipa. Posto isto, é seguro dizer que houve apreensão quanto aos planos do novo treinador, relativamente às análises aos jogos.

Após apresentar o trabalho ao novo treinador, este aconselhou a continuar com as análises realizadas até então.

As minhas dúvidas e apreensões logo desapareceram porque a continuidade do trabalho estava assegurada. Porém, houve uma alteração relativamente à forma de trabalho a que se estava habituado com o primeiro treinador. O novo treinador decidiu fazer a apresentação à equipa usando os *PDF's* do estagiário, apresentando assim a análise realizada sem nenhuma alteração.

Este procedimento foi uma surpresa porque houve uma alteração da rotina onde se entregavam as ideias ao treinador anterior, sendo este quem elaborava o *Power Point*, realizando os ajustamentos que considerava necessários.

No final da primeira apresentação do relatório de análise de jogo transmitida pelo novo treinador aos jogadores, pôde-se constatar devido à posição do estagiário enquanto jogador, inúmeros comentários negativos, que de alguma maneira, também se mostraram como construtivos. Muitos desses comentários basearam-se no facto de a apresentação ser morosa e cansativa, pouco elucidativa e por apresentar imagens e esquemas demasiadamente descritivos.

Posto isto, decidiu-se alterar a forma como o conteúdo e as informações eram apresentadas. A apresentação passou a ser preparada em formato *Power Point*, em vez de *Pdf* e as imagens descritivas e os esquemas foram substituídos por segmentos de filme, retirados dos diferentes vídeos que continham os jogos inteiros dos adversários e da própria equipa (Anexo 4).

Ao longo do estágio continuou-se a ouvir as críticas e o *feedback* da equipa técnica e dos atletas, realizando-se pequenas alterações de semana a semana, de modo a que a apresentação da análise de jogo fosse cada vez mais representativa e esclarecedora acerca do modelo de jogo dos adversários e principalmente, que a qualidade de informação interiorizada por parte dos jogadores fosse maior.

3.7.5 Qual a constituição do relatório de observação/análise ao jogo?

O relatório de observação tem que conter um determinado volume de informação, que permita que o conhecimento necessário seja transmitido na sua totalidade sem ser exaustivo. Tendo em conta esta afirmação, no início do estágio houve uma preocupação com a estrutura e com o conteúdo que o relatório deveria ter.

Este relatório de observação baseou-se num documento *Power Point*, entregue todas as semanas à equipa técnica que continha todos os aspetos que se achava importante realçar e dignos de serem transmitidos.

Este documento era composto por um diapositivo introdutório que continha o Título: “Análise de Jogo” e a equipa adversária que o LFC iria defrontar no jogo seguinte.

Um segundo diapositivo continha o horário do jogo, bem como o tipo de relvado e as condições atmosféricas que se iriam sentir no dia do jogo em questão.

No terceiro diapositivo estava inserida a classificação da série D do CPP que se registava na altura da análise, bem como uma análise geral à equipa adversária.

No quarto diapositivo era apresentada uma análise coletiva à equipa, onde eram descritos os pontos fortes e os pontos mais débeis do adversário.

No diapositivo seguinte, poderíamos observar a constituição da equipa adversária, estando inseridos os jogadores do 11 provável, bem como os suplentes mais utilizados.

Os diapositivos seguintes tinham como principal função descrever e informar acerca do adversário, através de recortes de vídeo retirados de jogos completos que o adversário tinha efetuado com outras equipas no CPP, bem como os embates da equipa analisada com o LFC. Estes recortes de vídeo, tal como referido, encontravam-se divididos por diferentes momentos do jogo: Organização defensiva/ofensiva; Transição defensiva/ofensiva e; Esquemas tácticos defensivos/ofensivos.

Por último, esta análise continha ainda um diapositivo que descrevia uma análise mais individualizada de cada jogador que possuísse alguma qualidade técnico-tática digna de atenção particular.

3.7.6 Como organizar e estruturar a semana, tendo em conta as diversas funções realizadas?

Ao longo deste estágio profissionalizante desenvolveram-se diversas atividades que comportavam diversas funções e que na minha ótica, se mostraram ser de extrema importância, quer a nível de conhecimentos obtidos, quer a nível de um incremento de experiência.

Neste estágio, a atividade principal realizada foi a de análise dos jogos e elaboração de um relatório/*Power Point*, que incorporava os aspetos mais importantes característicos dos adversários e da própria equipa do LFC.

Após as primeiras semanas de desempenho desta função principal fiquei com a sensação de que conseguiria fazer algo mais para além da análise dos jogos.

Deste modo, em vez de me conformar e optar pela solução do menor esforço, decidi alargar os meus horizontes e realizar outros encargos que na minha ótica iriam contribuir para a minha evolução enquanto profissional, expandindo assim os meus conhecimentos sobre outras áreas, que não incorporassem a análise de jogo.

Essas atividades extra englobaram a realização do resumo dos jogos da equipa sénior do LFC para apresentar às redes sociais e a construção de uma crónica futebolística semanal, inserida no jornal desportivo da região de Viseu (DSport), intitulada: Alto Rendimento Desportivo no Futebol. Estas incumbências estão descritas com mais detalhe, no Capítulo 3.8.

De modo a que a concretização destes encargos extra fossem compatíveis com a realização da função principal de análise dos jogos, teria que ser efetuado um planeamento adequado.

Perante a informação descrita no parágrafo anterior surgiu-me a questão essencial que me apareceu durante o estágio e que está descrita no início deste subcapítulo: “como planear a semana, tendo em conta todas as atividades a realizar?”

O Quadro 6 mostra, de uma forma sumariada, a distribuição das atividades e funções realizadas, nos sete dias da semana. Nele englobam a

execução do relatório/análise de jogo, a redação da crónica ARDF e a realização dos resumos dos jogos.

Quadro 6 Estruturação e planificação semanal das tarefas, durante o estágio profissionalizante realizado no LFC.

2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Sábado	Domingo
Conclusão do resumo do jogo LFC	Conclusão relatório/análise de jogo	Conclusão da realização crónica ARDF	Dia de saída do jornal Dsport	Continuação observação e análise	Apresentação à equipa, da análise de jogo do adversário	Dia de competição
Relatório/Análise de jogo	Início da realização da crónica ARDF		Início de observação e análise			Resumo do jogo LFC

3.8 Problemas em estudo nas diversas atividades exercidas

Aceitei que, quando se tem um problema, há que enfrentá-lo e não disfarçá-lo.

Mandela, Néelson (1918,2013)

Ao longo do estágio foram surgindo certos problemas que tentaram sempre ser enfrentados e ultrapassados, nem sempre da forma que era pretendido, mas da forma que era possível dadas as situações apresentadas e os recursos disponíveis.

Um desses problemas decorreu da mudança de treinador. Como foi descrito em capítulos anteriores, o treinador que iniciou a época desportiva de 2015/ 2016, saiu do comando da equipa técnica do LFC, sendo substituído por outro técnico, ainda no decorrer da mesma época. Esta mudança de treinador apresentou-se como uma adversidade ao trabalho, porque estava-se habituado a trabalhar com base no modelo de jogo do primeiro técnico e quando houve a mudança de treinador, todo o modo de trabalho teve que ser alterado. Com a renovação de ideias por parte do novo treinador, ficou-se sujeito a um período de adaptação, que no início do estágio não entrava no pensamento.

Outra situação que se apresentou como um problema, foi o facto de se desempenhar funções concomitantemente, de jogador e *scouter*, na medida em que era impossível proceder às deslocações aos estádios para realizar as observações diretas dos jogos dos adversários. Apesar de realizar as observações indiretas através de suporte de vídeo, a deslocação ao estádio, para a observação do adversário oferece-nos uma visão diferente da indireta, permitindo visualizar o jogo no seu todo. Possibilita observar todos os aspetos que estão a ocorrer dentro e fora das quatro linhas, como as reações e indicações dos dois treinadores; proporciona uma visibilidade total no campo de jogo e dos 22 jogadores presentes; consegue-se perceber e analisar as

movimentações, organização e estrutura de toda a equipa e todos os jogadores, etc. Estas situações, por vezes eram impossíveis de ser observadas indiretamente porque a filmagem efetuada pelo *scouter* estava mais centrada na bola e no centro de jogo, impossibilitando a visualização do campo inteiro, bem como as movimentações e posições de todos os jogadores.

Outro problema com que o estagiário se deparou ao longo do estágio teve a ver com a influência que a sua análise de jogo iria ter no processo de treino. Um dos objetivos iniciais era auxiliar o treinador, na planificação e estruturação do treino através da análise de jogo aos adversários. Uma preparação adequada é fundamental para antecipar os comportamentos do adversário, em contexto de competição e por isso a sua apreensão relativamente à influência da minha análise de jogo no treino, era justificada.

Uma situação que se verificou e já foi descrita anteriormente, foi a mudança de treinador. Esta “passagem de testemunho” é sempre complicada e provoca em toda a estrutura do clube uma certa alteração e desconforto, muitas vezes denominado por um “abanão psicológico”. Pretende-se com este “abanão”, despertar nos atletas uma mudança de mentalidade e atitude, perante situações ou resultados menos conseguidos, no decorrer na época desportiva. Pessoalmente, o estagiário foi sujeito a este “abanão psicológico” em diferentes contextos: enquanto jogador e enquanto *scouter*. Apenas será digno de referenciar, as situações que ocorreram enquanto *scouter*. Por isso, enquanto *scouter* esta mudança de treinador apresentou-se um problema que se ramificou em diversas adversidades. Houve apreensão relativamente à realização da análise ao jogo, pois era incerto se o novo treinador iria querer ou beneficiar delas; não se sabia qual o suporte digital (*Pdf/ Power Point*), a utilizar de modo a transmitir com eficácia a informação desejada; havia a incerteza acerca da reação do novo treinador, relativamente à conjugação das suas funções, enquanto jogador e *scouter* e; por fim havia a dúvida relativamente ao modelo de jogo deste novo treinador e como articular e realizar as análises ao jogo, conforme as ideias deste técnico.

Por fim, um último problema que pairou sobre o pensamento do estagiário teve a ver com a crónica futebolística, realizada no jornal desportivo da região

de Viseu (Dsport). Houve a preocupação na medida em que, não sabia se o tema escolhido iria ser apelativo o suficiente para os leitores do jornal. O tema da crónica tinha ver com a fisiologia no Futebol e considerava certos aspetos relativos ao treino e à competição.

3.9 Atividades realizadas no contexto de estágio

Neste ponto irá ser caracterizado todo o trabalho efetuado no estágio profissionalizante inserido na equipa sénior do LFC. Vai ser dada uma descrição acerca do desempenho da atividade principal, bem como das funções secundárias exercidas durante este estágio.

Nos tópicos anteriores fez-se uma descrição sucinta acerca das diversas atividades desenvolvidas no estágio. Neste ponto, pretende-se realizar uma narração e uma reflexão mais aprofundada acerca das funções exercidas.

Análise de Jogo

A atividade principal e fundamental foi a observação e análise dos jogos, complementada com a realização do relatório/*Power Point* de observação. Procurava-se sempre realizar a observação dos jogos dos adversários que a equipa do LFC iria defrontar semanalmente, bem como jogos realizados anteriormente, entre o LFC e os adversários em questão.

Como já foi descrito previamente os vídeos dos jogos dos adversários eram facultados pelo *scouter* do LFC e os embates entre os oponentes e o LFC, eram entregues pelo diretor de comunicação.

A análise era realizada com base em conhecimentos obtidos por via académica em anos anteriores, tendo em conta que a experiência já adquirida, enquanto jogador de Futebol apresentou-se como fator muito importante na resolução desta análise de jogo.

O facto de ter sido orientado pelo técnico que iniciou a época durante vários anos, provou ser uma mais-valia, na medida em que havia uma familiarização com o conhecimento e o modelo de jogo, transmitido pelo treinador. Esta situação permitiu modelar e articular a análise, indo ao encontro das ideias e exigências do técnico. Apesar da mudança de treinador, as linhas orientadoras para a resolução das análises de jogo continuaram as mesmas, não por conformismo do estagiário, mas a pedido do novo treinador.

A análise de jogo era dividida pelos seis momentos de jogo: organização ofensiva/ defensiva, transição ofensiva/ defensiva e esquemas táticos ofensivos/ defensivos. Incorporava também uma análise geral, coletiva e individual acerca do adversário, bem como a classificação geral, atualizada à jornada correspondente. Outra componente que também era incorporada no *Power Point* tinha a ver com certas observações que fossem importantes referenciar, como por exemplo: jogadores que tivessem castigados/lesionados e que não pudessem defrontar o LFC nesse Domingo, ou jogadores que estavam lesionados/castigados e que já pudessem jogar contra o LFC. Por vezes, a pedido do treinador, era adicionada à análise de jogo alguma situação particular, que este quisesse que fosse transmitida ao plantel. Um exemplo de uma situação particular podia incorporar uma análise pormenorizada a um jogador específico, que fosse dotado de alguma característica anormal ou extraordinária, que pudesse comprometer o modelo de jogo da equipa do LFC.

De um modo geral, a semana de trabalho não variava muito relativamente à organização e às rotinas. No domingo de competição ou na segunda-feira subsequente eram entregues numa *pen drive*, o vídeo do jogo que o LFC desempenhou nesse mesmo dia (Domingo) e o vídeo do jogo do adversário, que o LFC iria defrontar na semana seguinte, observado diretamente pelo *scouter*.

Na segunda-feira/terça-feira posterior ao jogo, era realizada a análise de jogo. Para tal, procedia-se à deslocação à biblioteca municipal de Viseu, por se tratar de um espaço dotado de silêncio, permitindo assim uma concentração mais elevada. Na biblioteca, realizava-se a observação dos jogos, através do programa *BSplayer* (Anexo 6) e fazia-se o recorte dos vídeos que incorporavam os diferentes momentos de jogo que se queriam observar, através do programa *Windows Live Movie Maker*. Posteriormente, inseriam-se os vídeos moldados no *Power Point*, juntamente com uma descrição relativa ao momento de jogo observado. Relativamente aos outros aspetos constituintes do *Power Point* de análise de jogo: a análise geral, coletiva e individual, eram sintetizados, após serem observados os jogos na sua totalidade, com o hábito de ir realizando um registo de notas, no decorrer da visualização dos vídeos.

Após a conclusão do *Power Point*, este era entregue ao treinador, via correio eletrónico através da plataforma *We Transfer*. Esta entrega era realizada na segunda-feira ou terça-feira, ou seja no início da semana, de modo a que o treinador pudesse planear com antecedência o dia de competição, que se realizava ao domingo e articular os treinos, indo ao encontro das informações fornecidas acerca do adversário.

A semana de treinos podia variar conforme o número e o horário dos mesmos, mas uma característica que nunca variava, era a carga competitiva. É característico do CPP haver só um dia de competição por semana e este de modo geral, realizava-se ao Domingo.

A semana de trabalho do plantel sénior do LFC caracterizava-se por uma carga horária diária de 1h30min, todos os dias da semana, exceto à segunda-feira e por vezes ao sábado. Regra geral, o plantel apresentava sempre folga à segunda-feira e ao sábado de quinze em quinze dias. Os treinos ao sábado coincidiam sempre quando a equipa do LFC jogava no domingo seguinte, no seu reduto. Os treinos realizavam-se às 19h30min, nos dias da semana e às 10h no sábado, para que o processo de recuperação para o jogo não ficasse afetado. Posto isto, se a análise era recebida pela equipa técnica na segunda ou terça-feira, o treinador ainda teria quatro/cinco dias, tempo mais que suficiente para programar e planificar os treinos, com base nos aspetos analisados.

Um dos benefícios que adveio do desempenho de funções enquanto jogador foi a capacidade e oportunidade de presenciar a realização do processo de treino.

O treino em si encontra-se dividido por um dado número de exercícios, que permitem aos atleta treinar certos aspetos importantes à melhoria do desempenho. Quem pratica a modalidade de Futebol há algum tempo, tem o conhecimento de que existem treinos que acentuam e procuram desenvolver, capacidades/determinantes específicas como a recuperação, ou a força, ou a resistência aeróbia/anaeróbia, ou velocidade resistente, ou velocidade de reação, etc.

Além de compreenderem estas capacidades, os jogadores sabem de um modo geral quando estas devem ser exercitadas, no decorrer da semana, por

exemplo: deve ser efetuada uma recuperação, no treino subsequente ao dia competitivo, realizando um treino mais aeróbio; no final da semana de trabalho, é comum realizar-se treino de velocidade e evitar-se o treino intensivo de força, etc.

No que respeita ao treino de uma natureza mais tática, todos os jogadores parecem também ter a noção do objetivo inerente a esses exercícios.

Não obstante, o que parece que alguns exercícios táticos significam para certo jogador pode não ser, na sua plenitude, aquilo que o treinador queira que seja compreendido pelos atletas. Na maior parte das vezes, a execução de um determinado exercício pode oferecer aos jogadores muito mais daquilo que eles acham que estão a assimilar. Um treinador experiente e competente tenta não só trabalhar e articular os seus treinos, propondo e montando exercícios que permitam que este implemente o seu modelo de jogo, mas também tem que criar exercícios no treino que vão ao encontro das características, dos adversários.

A realização deste estágio enquanto *scouter*, articulando funções de jogador, fizeram com que se abrissem novos horizontes e se ganhassem novas perspetivas e conhecimentos, porque ao realizar as análises de jogo houve a constatação da forma, até então desconhecida de como os treinadores estruturavam o treino, indo ao encontro do modelo de jogo do adversário analisado.

Enquanto jogador passou a haver a constatação das “mensagens subliminares” que certos exercícios adquiriam, que em anos anteriores passavam despercebidas. Por exemplo: se a equipa do LFC iria, no Domingo subsequente, enfrentar uma equipa que jogasse num 4x4x2, o treino da semana anterior era direcionado nessa vertente, havendo exercícios onde por vezes, os dois centrais realizavam marcação a dois avançados; se a equipa adversária tivesse a característica de utilizar muito o jogo direto para o ponta-de-lança, havia exercícios onde a reposição da bola em jogo, através do pontapé de baliza era direcionada logo para o ponta-de-lança, ou mesmo que o guarda-redes saísse a jogar pelos centrais, o principal objetivo, mal recebessem a bola seria colocar no ponta-de-lança.

Por vezes, enquanto jogador estes exercícios em contexto de treino, não eram percebidos por tudo aquilo que o treinador tinha idealizado passar aos seus jogadores. O facto de realizar a função de *scouter* (analisando os adversários), permitiu de alguma forma, uma mudança de perspetiva, enquanto jogador, relativamente a estes objetivos “disfarçados”, passando a estar ciente daquilo que o treinador tinha em mente incorporar no pensamento dos seus atletas.

Porém, aquilo que deve estar aqui descrito e entendido é que, apesar dos atletas não perceberem por vezes, o “porquê?” de estarem a realizar determinado exercício, estes jogadores ao executarem uma repetição constante de certo exercício criam rotinas e especializam-se em certa determinante técnico-tática, que vai ao encontro daquilo que estava delineado pelo treinador.

Portanto, pode-se afirmar que, alguns jogadores sem se aperceberem de imediato, vão assimilando inconscientemente os objetivos que o treinador tinha pensado anteriormente e que na sua opinião servissem para uma preparação mais eficaz para o embate, com o adversário seguinte.

Posto isto, é seguro afirmar que em anos anteriores, enquanto jogador de Futebol, por vezes estava inserido neste leque de jogadores que assimilava os objetivos do treinador, inconscientemente. Porém, com a experiência adquirida enquanto *scouter* tudo isso mudou, passando a observar e a interpretar diversas situações através dum prisma completamente diferente.

Esta atividade principal de *scouter* e de realizar as análises ao jogo subdividiu-se em muitas outras funções. Algumas delas já foram descritas acima neste capítulo e noutros anteriores porém, um ponto que não foi explicado, foram as reuniões com o treinador.

Apesar de efetuar a entrega das análises ao jogo ao treinador, em formato *Power Point*, este não dispensava uma comunicação mais pessoal através de constantes reuniões.

Nestas reuniões eram discutidos aspetos relativos ao adversário, como o modelo de jogo, jogadores preponderantes, aspetos técnico-táticos, etc. Estas reuniões não tinham hora, nem lugar marcados e poderiam ocorrer quando o treinador achasse adequado.

Apesar de as reuniões não terem data, nem local marcado, quando aconteciam, eram discutidos diversos temas e cada tema era, geralmente, abordado num sítio específico. Quando as reuniões aconteciam fora do complexo desportivo do LFC, normalmente eram debatidos aspetos relativos ao adversário e que tipo de comportamentos padronizados apresentavam; as reuniões que por vezes, aconteciam imediatamente, antes do treino eram conduzidas do campo de treinos ou no balneário dos treinadores, onde eram discutidos alguns exercícios e como estes iriam ao encontro das informações observadas e analisadas acerca dos adversários; e por último, ainda havia a realização de reuniões, momentos antes do jogo de competição, onde eram debatidos aspetos do jogo, como o sistema de jogo e os jogadores que a equipa adversária iria usar, baseados na ficha de jogo, divulgada momentos antes do apito inicial.

Crónica Alto Rendimento Desportivo no Futebol

Adjacentemente à atividade principal desempenhada neste estágio, foram executadas diversas funções com o objetivo de complementar e acrescentar experiências e conhecimentos que pudessem oferecer um enriquecimento pessoal, académico e profissional

Uma dessas funções complementares foi a realização de uma crónica desportiva, intitulada “Treino de Alto Rendimento Desportivo no Futebol”.

Esta crónica estava inserida no jornal desportivo da região de Viseu (Dsport) e tinha como tema principal a fisiologia no Futebol (Anexo 7).

A oportunidade de realizar esta crónica desportiva surgiu já próxima do término da época desportiva, tendo sido abordado apenas 6 temas diferentes. O jornal saía semanalmente à quinta-feira, por isso a primeira crónica foi realizada a um mês e meio do final da época.

A ideia de realizar a crónica apareceu um dia após constatar que o jornal *Dsport* continha uma rubrica, realizada por dois *personal trainers*, onde debatiam situações muito generalizadas relativas à *performance*. Foi então que foi

interiorizada a ideia de realizar a rubrica de fisiologia no Futebol. Após esta situação, só faltava propor a ideia aos responsáveis do jornal.

O jornal *Dsport* costumava enviar um representante/jornalista ao complexo do LFC, que realizava as entrevistas aos treinadores e jogadores em contexto de conferência de imprensa. Cada vez que era necessário transmitir alguma informação ao público por parte dos representantes e constituintes do LFC, o jornalista encontrava-se sempre presente. Esta assiduidade resultou em alguma confiança que se começou a adquirir entre treinadores, direção e jogadores, com o mesmo jornalista. Devido a este entrosamento, propus realizar uma crónica desportiva que tinha como tema a fisiologia no Futebol. Esta ideia foi aceite com bastante entusiasmo por parte do jornalista que sugeriu que realizasse de imediato a crónica de modo a ser incorporada na edição seguinte do jornal.

Tal como a análise de jogo a rubrica ARDF era realizada na biblioteca municipal de Viseu. De um modo geral, requeria menos trabalho e tempo gasto que a atividade principal, mas era feita com o mesmo empenho e responsabilidade profissional.

Normalmente, esta crónica era concebida em dois dias, um primeiro para fazer uma pesquisa sobre o tema que iria abordar e pensar e organizar ideias acerca daquilo que iria escrever e um segundo dia, para estruturar e redigir o texto.

A pesquisa feita tinha muitas fontes de base como livros de fisiologia desportiva, *Power Points* de antigos professores de fisiologia, canais de *Youtube* relativos à fisiologia no Futebol, artigos científicos que explorassem os aspetos fisiológicos no desporto, etc.

O texto era redigido em formato *Word* e foi pedido que não se excedesse os 1500 caracteres, para que não ultrapassasse os limites da página do jornal. A rubrica continha o título “Alto Rendimento Desportivo no Futebol”, bem como o subtítulo do tema abordado, na respetiva semana. Em seguida apresentava-se o corpo da crónica, ou seja o texto; e por último, o nome do autor.

A entrega da crónica era feita via correio eletrónico em formato *Word*, para uma moldagem posterior por parte dos intervenientes no jornal *Dsport*.

Nesta rubrica eram discutidas diversas situações que afetam e estão sempre presentes durante a prática do Futebol. Alguns subtemas relativos à fisiologia explicavam o quanto era importante a recuperação a seguir à competição e ainda eram apresentadas algumas soluções que permitissem aos jogadores estarem mais aptos para o próximo jogo; foram discutidos temas como a importância do glicogénio no nosso organismo e como é importante recuperar totalmente as suas reservas para o jogo seguinte; foi ressaltada a importância da hidratação e os problemas que advêm quando não se realiza uma hidratação eficaz; foram debatidos os benefícios da realização de uma recuperação ativa, logo a seguir ao jogo; foram sugeridos exercícios que aumentassem a capacidade de resistência aeróbia do atleta e como este aumento seria importante para o aumento do rendimento do jogador; foi feita uma reflexão acerca dos alongamentos estáticos que estão presentes em quase todos os treinos, apresentando uma explicação científica que contraindica a realização deste tipo de alongamentos; e por fim foi dado um alerta relativamente à ingestão excessiva de anti-inflamatórios, após o treino e jogo.

Houve uma preocupação em explorar e estudar este tema da fisiologia no Futebol porque foi um assunto que sempre nos fascinou. Foi na licenciatura em Ciências do Desporto que foi apresentado pela primeira vez o tema de fisiologia no desporto. Captou imediatamente o nosso interesse porque a fisiologia de um modo geral, estuda o funcionamento do nosso organismo e sempre houve a curiosidade em saber o “porquê?” e “como?” funcionavam as coisas.

Outra razão que levou a realizar esta crónica foi o facto de ao longo deste tempo, cursando um percurso académico de 5 anos, ficou retida muita informação e sentia-se a necessidade de a libertar e partilhar com o público em geral, mais particularmente com o público inserido na modalidade de Futebol. Ficou a sensação de que ao alertar e explicar diversas situações fisiológicas, em contexto de treino e jogo, alguns treinadores pudessem alterar o seu modo de pensar, estruturando e melhorando o seu plano e hábitos de treino, para que os seus atletas sejam beneficiados, aumentando assim a sua *performance*.

Resumo dos Jogos

Adjacentemente a esta atividade secundária foi realizada uma outra função que se caracterizava pela modelação e encurtamento dos vídeos dos jogos do LFC, realizando assim um resumo do jogo para uma posterior apresentação às redes sociais.

De modo a tornar mais completo este estágio e abranger um maior número de áreas e adquirir o maior número de conhecimentos, foi proposto ao diretor de comunicação do LFC a coadjuvação na realização dos resumos dos jogos. O diretor aceitou a proposta e em Novembro de 2015 começaram o desempenho das novas funções.

Para tal, no final dos jogos de competição realizados aos domingos, procedia-se ao deslocamento à sede do clube para a realização do resumo com o auxílio do diretor de comunicação. Por vezes, este resumo dos jogos era feito na segunda-feira seguinte.

Para a modelação do vídeo do jogo do LFC, era utilizado o programa *Corel Video Studio Pro* e para a incorporação de imagens e descrições era utilizado o programa *Photoshop* (Anexo 5).

O produto final continha fragmentos do vídeo original do jogo do LFC, que demonstravam situações e lances considerados perigosos à baliza de cada uma das equipas, bem como os golos marcados pelas duas formações. Por vezes, também incluía expulsões que o árbitro tenha assinalado, bem como faltas perigosas que teriam dado origem a golos ou a lances muito perigosos. A duração do vídeo final variava consoante o número de casos de indisciplina, lances perigosos e golos marcados. Quantas mais situações destas se verificassem, maior seria o tempo de filme. Este tempo poderia variar entre os 3 e os 10 minutos.

Depois de realizado o resumo final, este era postado no *Facebook* do LFC, para que os seguidores, adeptos e sócios do clube pudessem ver ou rever os lances determinantes do jogo passado, estando também assim atualizados dos acontecimentos do clube.

Apesar de esta função ser diferente das outras, não deixa de apresentar alguns pontos em comum com a atividade principal de análise de jogo. Tal como na análise dos jogos, a realização do resumo dos jogos requer uma observação, identificação e corte de pontos-chave, que vão de encontro a um determinado objetivo apresentados num documento final dotado de fragmentos de filme, retirados de vídeos, com uma maior duração.

Não obstante, na atividade principal o ênfase iria para a identificação do modelo de jogo do adversário, dividido pelos seis momentos de jogo, descritos mais acima neste capítulo, enquanto na realização do resumo a análise era feita no sentido de identificar quais os momentos e lances de ditariam as estatísticas e o resultado do jogo.

3.10 Dificuldades

As dificuldades crescem à medida que nos aproximamos do nosso objetivo.

Goethe, Johann (1749/1832)

No que diz respeito às dificuldades experienciadas, importa referir que estas estiveram sempre presentes ao longo do estágio e ao serem ultrapassadas, permitiram evoluir e adquirir novos conhecimentos.

Considerando que para haver evolução tem que haver um questionamento, conflito de ideias e situações que põem em causa aquilo que está estabelecido, a reflexão daí gerada irá permitir uma resolução adequada, perante as adversidades apresentadas.

Durante este percurso de estágio tentou-se sempre reconhecer, entender e superar estas dificuldades com base no conhecimento e na opinião de outros e na maior parte das vezes utilizando o procedimento de tentativa-erro.

Posto isto, as dificuldades que mais se destacaram neste estágio foram:

Confronto entre o “jogar” e o “analisar”

Como já foi referenciado mais acima noutro capítulo, a conjugação destas funções de jogador e *scouter*, trouxe bastantes benefícios que tornaram toda esta experiência de estágio mais enriquecedora. Porém esta combinação de encargos veio acompanhada de diversas adversidades que se apresentaram, maioritariamente no início da atividade profissionalizante.

No início da época 2015/2016 o maior foco situava-se em desempenhar funções enquanto jogador, não realizando o trabalho de *scouter*. A preocupação prendia-se mais com os resultados individuais e coletivos, com a *performance* do jogo, aquilo que se podia ter feito e que não resultou na altura do treino/jogo, o que fazer da próxima vez para melhorar os resultados e o rendimento, etc. De

um modo geral, o pensamento era exclusivamente destinado ao rendimento enquanto jogador.

Esta situação apresentou-se como uma dificuldade porque a realização das análises de jogo começou atrasada, tendo só iniciado o trabalho enquanto *scouter* em Novembro de 2015.

O trabalho do scouter do LFC não era realizado assiduamente

O *scouter* do LFC tinha outras funções dentro do LFC enquanto treinador de um escalão das camadas jovens e pelo facto de desempenhar outras funções adjacentes, o *scouter* não se deslocava todos os Domingos ao campo dos oponentes para realizar as suas observações. Portanto, os vídeos que se tinha por base observar, por vezes não se encontravam atualizados, podendo assim perder alguma característica técnico-tática, modelo de jogo, ou sistema de jogo diferente, que o adversário pudesse apresentar, comprometendo assim a análise de jogo.

Adaptar a análise de jogo após mudança de treinador

Ao estar habituado às ideias e ao modelo de jogo transmitido pelo treinador inicial, esta mudança de técnico alterou um pouco a dinâmica de trabalho, porque quando o novo treinador chegou ao comando da equipa técnica não apresentava um modelo de jogo concreto. Esta situação fez com que nas semanas iniciais, já sob o comando técnico do novo treinador as análises aos jogos fossem realizadas com alguma incerteza acerca do conteúdo que estava a ser inserido.

Cumprir prazos

Todas as tarefas realizadas estavam divididas e estruturadas durante a semana. Estas eram cuidadosamente planeadas e tinham que estar resolvidas e entregues num determinado dia. A dificuldade que surgiu perante esta situação

foi o facto de os vídeos fornecidos para análise serem entregues com algum atraso. Essa demora na entrega implicava alterações no plano prévio da semana ficando com algumas atividades atrasadas. Normalmente aquela que sofria mais com estes atrasos era a realização do relatório de estágio, porque todas as outras funções tinham que ser entregues num curto espaço de tempo.

Predisposição para o trabalho realizado enquanto scouter

Em algumas situações os atrasos na realização de algumas tarefas deviam-se a fatores pessoais. O facto de ser jogador do plantel sénior do LFC, significava que também participava nos jogos de competição, ao domingo. Isso acarretava cansaço devido ao esforço físico e mental, agravado quando o resultado obtido nesse Domingo não fosse de acordo com os objetivos propostos. Este fator concorria desfavoravelmente para a energia necessária ao cumprimento atempado de todas as tarefas, havendo alguns atrasos na realização das análises enquanto *scouter*.

Perceber a melhor forma de transmitir informação

Uma análise de jogo realizada com sucesso não depende apenas de um bom conteúdo. Apesar de ser um fator muito importante, deve-se ter também uma preocupação acrescida relativamente à forma como a informação é transmitida, para que esta seja melhor compreendida pelo treinador e melhor assimilada pelos jogadores.

Compreender a melhor forma de filtrar a informação

Por vezes, a informação que é colocada no *Power Point* de análise de jogo não é aquela que o treinador quer que seja incluída. Quando se observa, existem muitos aspetos e pormenores que podem ser valorizados, mas não corresponderão na íntegra às ideias do treinador. Portanto, é importante perceber o tipo de informação que o treinador pretende, filtrando certos

conteúdos que o treinador considerar que possam ser prejudiciais se forem transmitidos à equipa.

Ultrapassar o número de caracteres

Quando me debruçava sobre um tema na realização da rubrica ARDF, por vezes nem toda a informação que se queria transmitir era publicada no jornal. O facto de apenas poder escrever 1500 caracteres provou ser um exercício difícil, de sistematização e síntese de conteúdos.

Impossibilidade da deslocação à Faculdade de uma forma mais assídua

Pelo facto de se residir em Viseu e ter treinos quase todos os dias da semana a deslocação à faculdade não ocorreu tantas vezes como era desejado. Tendo a noção de que as reuniões com o orientador de estágio deveriam ter ocorrido com mais frequência e a pesquisa literária e bibliográfica poderiam ter sido mais extensivas. Não obstante, tentou-se sempre ter um contacto assíduo com o orientador através de correio eletrónico, procurou-se sempre realizar uma pesquisa de diferentes artigos científicos sobre futebol através das diferentes bases de dados e consultar diferentes livros relativos aos temas abordados nas instituições académicas de Viseu.

3.11 Sistema de avaliação e controlo do trabalho desenvolvido

É excelente ser bem falado na saída. Melhor do que ser bem recebido na entrada.

Campos, Roberto (1917/2001)

Neste ponto pretende-se fazer um balanço de todo o processo de estágio, tentando perceber se os objetivos inicialmente propostos foram alcançados.

Durante todo este estágio ocorreram diversas situações consideradas negativas e outras que por alguma razão não foram concretizadas, porém pode-se dizer que os pontos positivos desta experiência, sobrepuseram-se aos negativos.

Podendo afirmar de antemão que nem todos os objetivos propostos foram realizados, como realizar as análises com base nos princípios táticos fundamentais do jogo, ou realizar a totalidade das atividades planeadas para a semana, etc., porque ou havia uma falta de recursos, ou incompatibilidade das funções exercidas, ou falta de tempo, porém, existiram outros pontos que vieram preencher algumas lacunas do conhecimento existente, permitindo ter, por vezes, uma visão totalmente diferente daquilo que era conhecido e experienciado anteriormente à realização deste estágio.

Destaca-se como ponto positivo deste estágio profissionalizante, a possibilidade de realizar um primeiro contacto com a realidade profissional que se possa se vir a desempenhar mais tarde, enquanto *scouter*.

Apesar de o LFC se tratar de um clube semiprofissional e o seu departamento de *Scouting* estar pouco desenvolvido, em termos de recursos materiais e humanos e de logística, permitiu adquirir novos conhecimentos na área de análise de jogo, que irão ser utilizados nos próximos cargos profissionais. Relativamente a este aspeto há ainda muito para aprender, visto que os clubes profissionais dispõem de ferramentas de qualidade superior que permitem observar e analisar aspetos do jogo dos adversários de forma mais

precisa, que lhes possibilitam ter o sucesso que os clubes amadores e menos desenvolvidos (em termos de *Scouting*) não têm.

Apesar de não terem sido propostos inicialmente, a realização da rubrica desportiva ARDF e o resumo dos jogos, ofereceram uma oportunidade enorme de evoluir profissionalmente em diferentes áreas do *Scouting* e adquirir novos saberes, que poderão vir a ser utilizados no futuro.

A mudança de treinador que ocorreu a meio da época apresentou-se como uma situação receosa e de alguma incerteza mas, como nos diz o ditado português, “*Depois da tempestade, vem a bonança*”. Inicialmente era encarado como um aspeto negativo contudo, permitiu ter o contacto com pessoas diferentes, dotadas de ideias distintas, com outros modos de estar e atuar, tornando toda esta experiência de estágio muito mais gratificante.

De um modo geral, pode-se afirmar que tanto pessoalmente como profissionalmente, a realização deste estágio foi concluída com bastante sucesso. Pessoalmente, houve um enriquecimento a nível de conhecimentos adquiridos e uma maior preparação para posteriormente, se enfrentar um novo desafio profissional. Profissionalmente, fica a garantia da realização de um bom trabalho, visto que ambos os treinadores durante a época elogiaram bastante o trabalho exercido pelo estagiário, estando sempre à espera das suas análises de jogo para “conhecer” melhor o adversário, alterando por vezes certos aspetos e exercícios do treino, para ir de encontro às características dos adversários analisadas. O trabalho realizado também parece ter sido reconhecido pela direção do LFC, visto que o presidente do clube propôs ao estagiário em questão a continuação da realização das funções de *scouter* na época desportiva seguinte de 2016/ 2017.

Independentemente de aceitar ou não a proposta do presidente, toda esta experiência foi gratificante pelo facto de sentir que o trabalho realizado foi reconhecido e pela sensação de estar mais capaz de entrar no mundo profissional nesta área de *Scouting*.

4 CONCLUSÕES E PERSPETIVAS PARA O FUTURO

4.1 Conclusão

*A melhor maneira de nos prepararmos para o futuro é
concentrar toda a imaginação e entusiasmo na execução
perfeita do trabalho de hoje*

Carnegie, Dale (1888/1955)

Findada esta etapa ficou a sensação de que foram adquiridos novos conhecimentos, ultrapassados diversos obstáculos e vividas novas experiências. Porém, as competências alcançadas não se cingiram apenas a um contexto profissional e académico, mas também a nível pessoal.

Apesar de nem todos os objetivos inicialmente propostos serem alcançados, este percurso permitiu adquirir ensinamentos e lições que vão persistir para a vida.

Destes destaca-se o contacto com diferentes modos de atuar, pensar e questionar, relativamente a situações que, por vezes, aconteciam sem serem planeadas, o que exigia também uma preparação e resposta rápidas. A partir de uma dada altura, todas as atividades desenvolvidas neste estágio, encontravam-se numa rotina constante, porém, pontualmente havia situações que escapavam a esta rotina e tinham que ser resolvidas rapidamente e com eficácia. Por isso, esta capacidade de identificar, resolver e superar obstáculos foi muito desenvolvida neste estágio.

Além destes aspetos, a interação e a capacidade de comunicação com diversas pessoas, inseridas no mundo do Futebol, foi melhorada significativamente. Se queremos aprender com os outros mas também fazer com que as nossas ideias sejam assimiladas por outros, temos que melhorar a capacidade de comunicação, aprendendo a ouvir e a falar de uma forma que

seja totalmente perceptível, ajustando a comunicação ao destinatário desta informação, para que no final haja sucesso, independentemente do objetivo.

Posto isto, podemos retirar algumas conclusões acerca de todas estas atividades e experiências realizadas, no processo de estágio, designadamente:

- A importância da conjugação das funções de *scouter* e jogador - desde o início do estágio houve uma tentativa de perceber e perceber as implicações de decorreriam de ser jogador e *scouter* ao mesmo tempo e como essa simbiose de funções, poderia aumentar o rendimento enquanto jogador e profissional do *Scouting*. Finda esta etapa, conclui-se que a integração destas duas funções teve as suas vantagens e virtudes, traduzindo-se num enriquecimento pessoal e numa melhoria do desempenho de ambos os cargos. Porém, o desempenho simultâneo destas funções num contexto profissional seria impraticável já que cada uma só por si é bastante exigente de recursos físicos e mentais. Por outro lado são também funções incompatíveis do ponto de vista relacional, já que a função de *scouter* exige algum distanciamento do plantel e ser jogador implica um determinado distanciamento da equipa técnica.

- Importância da observação e análise – tendo sido esta a principal atividade desenvolvida neste estágio, a preocupação central foi a de perceber se a observação e análise dos jogos é fundamental para o sucesso, baseadas nos objetivos de cada equipa. A ideia de que o *Scouting* é insubstituível para o Futebol e sem ela, não se conseguem atingir os objetivos, é errada. O Futebol já era praticado, muito antes do aparecimento do *Scouting*, e já se ganhavam, empatavam e perdiam jogos, tal como agora. Nos tempos primordiais do *Scouting*, equipas que não realizavam a observação e análises dos adversários, conseguiam vencer àquelas que utilizavam este sistema. Porém, o que esta experiência de *scouter* demonstrou foi que, apesar do *Scouting*, não ser condição absoluta para ganhar e atingir o sucesso, quem observa, analisa e utiliza o *Scouting*, situa-se mais próximo de antecipar, corrigir e anular certos aspetos, baseados no modelo de jogo do adversário, tendo assim mais garantias e estando mais próximo de atingir o sucesso e os seus objetivos de jogo.

- Influência do trabalho de observação e análise no treino – como foi descrito em capítulos anteriores, os treinadores baseavam-se nas análises de

jogo do estagiário em questão, para terem conhecimento acerca do modelo de jogo dos adversários. Pontualmente, os treinadores alteravam certos exercícios do treino, consoante as informações oferecidas acerca do oponente. Isto não quer dizer que os técnicos alteravam a sua forma de jogar, ou o seu modelo de jogo, perante adversários diferentes. O modelo de jogo implementado pelo treinador era o mesmo para todos os jogos, a única variante pautava-se pelo ajuste de determinadas situações que permitissem bloquear e anular alguns pontos fortes característicos das equipas adversárias. As análises de jogo também continham segmentos de filme de jogos já realizados na presente época entre o LFC e o adversário a defrontar no domingo subsequente, por isso as indicações dadas no treino e alguns exercícios também iam ao encontro das situações verificadas em embates anteriores entre as duas equipas em questão.

- Mudança de treinador – a equipa do LFC foi orientada por dois treinadores, em diferentes períodos do campeonato. Esta mudança de treinador costuma implicar uma alteração de ideias, da forma de pensar, atuar, planejar o macrociclo, gerir o plantel, bem como o modo como a equipa joga. Porém, quando o novo treinador chegou ao comando da equipa técnica, não quis alterar o modelo de jogo implementado pelo antigo treinador. Como a equipa estava habituada a trabalhar durante 4 meses sob as ideias do treinador anterior, a implementação de um modelo de jogo totalmente novo poderia apresentar-se como um “choque”, tendo a equipa que reter muita informação num curto espaço de tempo. De modo a contrariar esta situação, o novo treinador decidiu ir inserindo as suas ideias, aos poucos, no treino e no pensamento dos jogadores permitindo, assim, uma assimilação gradual das suas ideias. O mesmo se passou em relação ao nosso trabalho enquanto *scouter*. A realização análise de jogo continuou na linha orientadora característica do treinador inicial e aos poucos o novo técnico foi dando instruções relativamente a certos aspetos a alterar.

- Departamento de Scouting – pelo facto de não se tratar de um clube profissional, o LFC apresenta um departamento de *Scouting* não estruturado, não autónomo, carecendo de recursos humanos e materiais. Este departamento é constituído apenas por um *scouter* que faz as observações dos adversários,

através de uma camara de vídeo, que muitas vezes não regista o conjunto de ações que estão a ser desempenhadas em todo o campo, dificultando assim a identificação e análise de situações e aspetos importantes acerca dos adversários. Toda esta falta de recursos provocava uma sobrecarga de trabalho ao treinador que, para além de desempenhar as suas funções características, ainda teria que realizar a análise ao jogo dos adversários. Com este trabalho de estágio, conseguiu-se ajudar e libertar o treinador desta função de análise dos adversários, porém se o clube quiser evoluir para os escalões profissionais, irá necessitar de um departamento de *Scouting* mais evoluído a nível organizacional, de recursos pessoais e materiais.

- Análises de jogo – ao longo deste estágio procurou-se sempre realizar uma análise de jogo quase perfeita, que contemplasse todos os aspetos característicos do adversário e que servissem como “armas” para o treinador e os jogadores levarem de vencida o oponente. Na fase inicial da realização desta análise de jogo, havia um desânimo quando os resultados dos jogos não ocorriam conforme o esperado, porque havia a esperança que com as análises, os resultados fossem sempre ou quase sempre positivos. Findada esta etapa chega-se à conclusão que não existe uma análise perfeita. O futebol é um desporto que está repleto de situações imprevisíveis e por mais que se tente adivinhar, observar, analisar e planejar, nunca é totalmente representativo daquilo que pode acontecer num jogo, em contexto de competição. Após chegar a esta conclusão, reduziram-se as expetativas relativamente ao sucesso que as análises teriam no resultado do jogo, mas nunca a forma de trabalhar e o empenho demonstrado.

- Realização da rubrica ARDF – a realização desta crónica provou ser uma experiência totalmente nova e bastante rica na área do jornalismo desportivo. Porém, a maior satisfação adquirida pelo desempenho desta atividade adveio da capacidade de instruir o público em geral relativamente a conceitos relacionados com a nossa área académica. Passados tantos anos a aprender e ouvir os conhecimentos transmitidos pelos docentes, foi bom andar nos sapatos metafóricos dos professores e sentir o prazer e a felicidade que é de transmitir conhecimento.

4.2 Perspetivas para o futuro

Em relação ao meu futuro profissional, espero dar continuidade ao trabalho desempenhado neste estágio profissionalizante na área do *Scouting*. Os conhecimentos adquiridos, as oportunidades facultadas e os saberes transmitidos pelas diversas pessoas que fizeram parte desta experiência de estágio, permitiram-me ganhar experiência na área da análise de jogo, estando assim melhor preparado para desafios futuros que se apresentem nesta vertente do *Scouting*.

De momento tenho a “porta aberta” para continuar a desempenhar as funções de *scouter* na época de 2016/2017, mas o que é realmente pretendido, é a oportunidade de poder trabalhar com equipas profissionais, onde os departamentos de *Scouting* já se encontram mais desenvolvidos, permitindo adquirir ainda mais conhecimentos.

Isto não significa que abandone completamente o LFC, podendo regressar depois de realizar a experiência em clubes profissionais, sendo até uma mais-valia para o clube porque poderei transmitir e implementar a informação e conhecimentos adquiridos noutros clubes, melhorando assim o departamento de *Scouting* e o método de análise de jogo do LFC.

Atualmente pretendo continuar a jogar futebol, até porque é aquilo que mais gosto de fazer. Se puder complementar o “jogar” ao “analisar” seria perfeito, no entanto teria que ficar no LFC, porque é improvável haver clubes profissionais que permitam esta dualidade de funções. Se só desempenhar funções de jogador, as tarefas profissionais enquanto *scouter* terão que ficar para um futuro próximo, quando já não puder jogar, ou quando surgir uma oportunidade de trabalho irrecusável.

5 SÍNTESE FINAL

Introdução

O futebol é um dos desportos mais praticados no mundo e caracteriza-se pela sua dinâmica e complexidade resultante da interação permanente entre os seus constituintes (J Gréhaigne et al., 1999). Nesta perspetiva, uma das principais missões dos técnicos desportivos relaciona-se com a capacidade de sistematizar a dinâmica funcional da sua equipa, procurando potenciar as relações entre jogadores no sentido de melhorar a *performance* coletiva (Davids et al., 2008).

Apesar de ser uma linha orientadora, esta missão de sistematização da dinâmica funcional da própria equipa, só por si, não orienta o aumento de *performance* da equipa. Por mais que o treinador implemente as suas ideias e o seu modelo de jogo na equipa e nos treinos, será insuficiente se não houver o mínimo de conhecimento acerca da equipa adversária.

Assim, de modo a diminuir a incerteza e aumentar o conhecimento acerca das equipas adversárias, tem vindo a conceder-se cada vez mais relevância à análise de jogo. De forma particular no futebol, a observação das equipas adversárias tem tido um crescimento acentuado ao longo dos anos porque tem permitido, aos treinadores, preparar melhor a sua equipa e os seus treinos.

De acordo com (Carling et al., 2005), atualmente se um treinador não utiliza a Análise de jogo como ferramenta para seu auxílio, é considerado como negligente pela comunidade futebolística. É frequentemente referido que conforme se quer jogar assim se deve treinar, o que sugere uma relação de interdependência e reciprocidade entre a preparação e a competição (J Gréhaigne et al., 1999). Através desta relação, o que foi observado e analisado no jogo pode ser aplicado na organização, planificação, segmentação e estruturação do treino de modo a que o treinador possa orientá-lo para que os atletas saibam anular os pontos fortes dos adversários, bem como, explorar os seus pontos mais débeis.

A pesquisa de informação sobre os adversários, normalmente designada por *Scouting*, tem sido usada pelos treinadores para identificar características de jogo do próximo adversário e deste modo preparar a sua equipa para o confronto (Franks, 1997; McGarry & Franks, 2003).

O *Scouting* inclui a análise da *performance* da própria equipa e das equipas adversárias, individual e coletiva, dotando o treinador de informações que o capacitem para o desenvolvimento estratégico-tático de um jogo (M. Hughes & Franks, 2008)

De um modo geral, o *Scouting* permite traçar um perfil da equipa adversária de forma a explorar os seus pontos fracos e a contrariar os seus pontos fortes. (Carling, 2005; J. Garganta, 1998).

Os clubes de futebol profissionais têm vindo a utilizar esta ferramenta de *scouting* com uma maior frequência e o Lusitano Futebol Clube (LFC) apesar dos seus recursos materiais e logísticos reduzidos, tem procurado utilizar este instrumento de análise de jogo.

Assim no âmbito do estágio profissionalizante, pareceu-nos pertinente desenvolver atividades no departamento de *Scouting* do LFC enquanto *scouter* e jogador ao mesmo tempo, com os objetivos de verificar as implicações que a observação e a análise de jogo das equipas adversárias tem na preparação para o jogo de confronto direto entre essas mesmas equipas e

analisar as vantagens e desvantagens de realizar funções de jogador e *scouter* simultaneamente.

Enquadramento da prática profissional

Contexto legal, institucional e funcional

O Estágio Profissionalizante foi realizado no LFC, que atuou como a instituição acolhedora, incluído no prisma do Mestrado de Treino de Alto Rendimento da Universidade do Porto (FADEUP) e incorporou a função principal de observação e análise dos jogos, bem como a realização de uma rubrica desportiva e o resumo dos jogos.

Macro contexto

Análise de jogo e *feedback*

De acordo com J. Garganta (1997), a análise de jogo permite interpretar a organização das equipas, interpretar as ações que concorrem para a qualidade do jogo, planificar e organizar o treino, estabelecer planos táticos adequados em função do adversário, regular o treino, tendo sempre como intuito caminhar no sentido de melhor preparar a equipa para os confrontos com os demais adversários. Por isso, um dos papéis do treinador é o de instruir e ensinar aos jogadores o que fazer, como fazer e o que não se deve fazer. A instrução e a demonstração são normalmente fornecidas para melhorar a prática, garantindo ao atleta informação importante no que diz respeito à execução de uma ação específica, e/ou objetivo da ação. Isto implica providenciar informação em relação a padrões de movimento ótimo e *feedback* para os erros em relação a determinados objetivos (Franks et al., 1998).

Durante o treino, a instrução é crucial na busca de uma *performance* desportiva ótima e, quanto mais eficaz for a instrução mais a ação do treinador contribuirá para a melhoria do rendimento do atleta (Franks et al., 1998; Hodges & Franks, 2002)

Seguindo esta linha de pensamento, podemos afirmar que a análise de jogo desempenha um papel de extrema importância para o processo de treino, bem como a instrução por meio de *feedback*, sendo imperial serem utilizados e aplicados ao longo de toda a época desportiva.

Posto isto, podemos afirmar que existe uma relação de extrema dependência e convivência entre as noções de análise do jogo, *feedback* e processo de treino. Com a análise de jogo, procura-se a diminuição do desconhecido, permitindo aos treinadores estarem mais aptos para se adaptarem e contrariarem o modelo de jogo das equipas adversárias. Esse conhecimento acerca do adversário é posto em prática na sessão de treino pelo treinador, planificando os exercícios desenhados, tendo em conta as informações observadas. Cabe ao treinador, utilizar o *feedback*

durante o treino, que permitirá aos jogadores, interiorizar melhor a mensagem e os comportamentos que o treinador deseja implementar.

Análise de jogo e Scouting

O *Scouting* é uma modalidade particular de observação-análise que visa dotar o treinador de informações precisas sobre o adversário, que o capacitem para o desenvolvimento estratégico-tático de um jogo, tirando partido das informações recolhidas, ou seja, preparar a equipa para todas as ocorrências e com essa preparação desenhar soluções estratégicas que permitam resolver de uma forma cada vez mais eficaz os problemas de jogo (Lopes, 2005).

O *Scouting* é realizado através da observação. Um *scouter* tem que ser competente para observar e analisar situações que possam vir a ser vantajosas para a sua equipa, dignas de serem registadas e ser capaz de filtrar aquelas que vão ser prejudiciais ou que apenas não valem a pena ser mencionadas. Quanto mais dados sobre um adversário forem observados, armazenados, processados e recuperados, maior será a capacidade de prever aquilo que este irá fazer em termos estratégicos (Ariel, 1983)

Existe atualmente, concordância relativamente ao facto de cada equipa apresentar um modelo de jogo próprio e ter uma identidade e características que são diferentes de todas as outras e que se mantêm constantes ao longo da competição. Esta é uma das razões pela qual os *scouters* observam os adversários; procuram encontrar processos padronizados característicos das equipas que possam a ajudar a prever a sua *performance* (Franks et al., 1998).

Esta análise ao adversário é uma das partes mais importantes na vertente do *scouting* e pode ser interpretada e utilizada de diferentes formas por parte dos treinadores. Carling (2005) afirma que hoje em dia, os treinadores concedem mais importância à análise de jogo da sua própria equipa do que à análise da equipa adversária. Esta noção parece apresentar-se com validade lógica visto que, os treinadores preocupam-se mais em impor o seu modelo de jogo do que submeter-se ao das equipas contrárias. Assim, os treinadores, em primeira instância, têm como objetivo impor a sua forma de jogar, balizada pelo seu modelo de jogo, utilizando a análise de jogo como meio para perceberem se este está a ser implementado de forma correta ou se, pelo contrário, terão de reformular determinados aspetos (Ribeiro, 2009).

Análise de jogo – o que observar/avaliar?

A análise de jogo tem vindo a evoluir e a importância dos indicadores quantitativos de jogo têm vindo a diminuir ao longo dos anos. Alguns pesquisadores têm concentrado a sua atenção, na análise de variáveis relacionadas com os aspetos táticos do jogo de Futebol, com base na caracterização dos comportamentos dos jogadores, a partir da observação das equipas em confronto (Costa, Garganta, Greco, & Mesquita, 2009).

A análise tática é conseguida através da identificação, da organização espacial dos jogadores no campo face às circunstâncias da partida relativa às movimentações da bola e às alternativas de ação, tanto dos companheiros como dos adversários (Duprat, 2007).

A avaliação do comportamento tático no Futebol, baseada nos princípios fundamentais do jogo, compreende benefícios no que diz respeito à especificidade do jogo, à avaliação do desempenho do praticante em contexto de jogo, à sintonia com conteúdos desenvolvidos no processo de treino, à objetividade da medida, à consideração da oposição e à avaliação de jogadores de diferentes níveis de formação (Costa et al., 2009b).

J. Garganta and Pinto (1994) definem os princípios táticos como um conjunto de normas sobre o jogo que proporcionam aos jogadores a possibilidade de atingirem rapidamente soluções táticas para os problemas advindos das situações que defrontam. Uma vez entendidos e adotados pelos jogadores, os princípios táticos auxiliam a equipa no melhor controlo do jogo, na qualidade da posse de bola, na gestão do ritmo do jogo, nas tarefas defensivas, nas transições entre fases e, na procura facilitada do golo (Costa, Garganta, Greco, Mesquita, et al., 2009).

Por esta razão, podemos dizer que quanto mais eficaz for a implementação destes princípios táticos no jogo e quanto maior for a capacidade de assimilação destes princípios por parte dos jogadores e da equipa, maior irá ser o desempenho e a *performance* dos mesmos, no jogo.

Realização da Prática Profissional

Análise de Jogo

A atividade principal e fundamental realizada neste estágio foi a observação e análise dos jogos, complementada com a realização do relatório/ *Power Point* de observação. Procurava-se sempre, realizar a observação dos jogos dos adversários, que a equipa do LFC, iria defrontar semanalmente, bem como jogos realizados, anteriormente, entre o LFC e os adversários em questão.

A análise de jogo era dividida pelos seis momentos de jogo: organização ofensiva/ defensiva, transição ofensiva/ defensiva e esquemas táticos ofensivos/ defensivos. Incorporava também uma análise geral, coletiva e individual acerca do adversário, bem como a classificação geral, atualizada à jornada correspondente. Outra componente, que também era incorporada, no *Power Point*, tinha a ver com certas observações, que fossem importantes referenciar, como por exemplo: jogadores que tivessem castigados/ lesionados e que não pudessem defrontar o LFC nesse Domingo, ou jogadores que estavam lesionados/ castigados e que já pudessem jogar contra o LFC. Por vezes, a pedido do treinador, era adicionada à análise de jogo, alguma situação particular, que este quisesse que fosse transmitida, ao plantel.

A observação dos jogos era realizada através do programa *BSplayer*, e fazia-se o recorte dos vídeos, que incorporavam os diferentes momentos de jogo, que se queriam observar, através do programa *Windows Live Movie Maker*. Posteriormente, inseriam-se os vídeos moldados no

Power Point, juntamente com uma descrição, relativa ao momento de jogo observado. Relativamente aos outros aspetos, constituintes do *Power Point* de análise de jogo: a análise geral, coletiva e individual, eram sintetizados, após serem observados os jogos, na sua totalidade, com o hábito de ir realizando um registo de notas, no decorrer da visualização dos vídeos.

Crónica Alto Rendimento Desportivo no Futebol

Esta crónica estava inserida no jornal desportivo da região de Viseu (Dsport) e tinha como tema principal, a fisiologia no Futebol. Semanalmente, eram discutidos diversos subtemas da fisiologia no futebol, que afetam e estão sempre presentes, durante a prática deste desporto. Os diversos subtemas discutidos foram: a realização de alongamentos estáticos no final do treino; o uso constante de anti-inflamatórios depois do treino; a importância do glicogénio no futebol; a importância da hidratação no futebol; noções acerca do ácido láctico e recuperação ativa; e noções acerca da resistência aeróbia e o treino intervalado.

Resumo dos Jogos

Uma outra função desempenhada, caracterizava-se pela, montagem e encurtamento dos vídeos dos jogos, do LFC, realizando assim um resumo do jogo, para uma posterior apresentação, às redes sociais. Para a montagem do vídeo do jogo do LFC, era utilizado o programa *Corel Video Studio Pro* e para a incorporação de imagens e descrições era utilizado o programa *Photoshop*. O produto final continha fragmentos do vídeo original, do jogo do LFC, que demonstravam situações e lances considerados perigosos à baliza, de cada uma das equipas, bem como os golos marcados pelas duas formações. Por vezes, também incluía expulsões que o árbitro tenha assinalado, bem como faltas perigosas que teriam dado origem a golos ou a lances muito perigosos. A duração do vídeo final, variava consoante o número de casos de indisciplina, lances perigosos e golos marcados. Quantas mais situações destas se verificassem, maior seria o tempo de filme. Este tempo poderia variar entre os 3min e os 10min.

Conclusões

Findada esta etapa, podemos retirar algumas conclusões, acerca de todas estas atividades e experiências realizadas, no processo de estágio, designadamente:

- A importância da conjugação das funções de *scouter* e jogador houve um enriquecimento pessoal e uma melhoria do desempenho de ambos os cargos, mas o desempenho simultâneo destas funções, é impraticável, num contexto mais profissional, onde se requer uma concentração total em apenas uma das funções e algum distanciamento da equipa técnica e do plantel.

- Importância da observação e análise – quem observa, analisa e utiliza o *Scouting*, situa-se mais próximo de antecipar, corrigir e anular certos aspetos, baseados no modelo de jogo do adversário, tendo assim mais garantias e estando mais próximo de atingir o sucesso, dos seus objetivos.
- Influência do trabalho de observação e análise, no treino –os treinadores alteravam certos exercícios do treino, consoante as informações oferecidas acerca do oponente. O modelo de jogo implementado pelo treinador era o mesmo para todos os jogos, a única variante pautava-se pelo ajuste de determinadas situações que permitissem bloquear e anular alguns pontos fortes característicos das equipas adversárias.
- Mudança de treinador – a realização da análise de jogo continuou na mesma linha orientadora, característica do treinador inicial e aos poucos o novo técnico, foi dando instruções relativamente a certos aspetos a alterar.
- Departamento de Scouting – Este departamento é constituído apenas por um *scouter* que faz as observações dos adversários, provocando uma sobrecarga de trabalhos no treinador. Com este trabalho de estágio, consegui ajudar e libertar o treinador desta função de análise dos adversários.
- Análises de jogo – não existe uma análise perfeita.
- Realização da rubrica ARDF – foi uma experiência nova e bastante rica na área do jornalismo desportivo. Porém, a maior satisfação adquirida pelo desempenho desta atividade adveio da capacidade de instruir ao público em geral, conceitos relacionados com a minha área académica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anguera, M. (1992). *Metodologia de la observacion en las ciencias humanas* Madrid: Catedra.
- Ariel, G. (1983). Complete application to sports analysis. *Scholastic Coach*.
- Bacconi, A., & Marella, M. (1995). Nuovo sistema di analisi della partita in tempo reale. In N. Prhomos (Ed.), *Preparazione atletica, analisi e riabilitazione nel calcio* (Vol. 1, pp. 17-28). Città di Castelo: Convegno Nazionale A. I. P. A. C.
- Bangsbo, J., & Peitersen, B. (2002). Defensive soccer tactics: how to stop players and teams from scoring *Human Kinetics*. Champaign, IL.
- Bard, C., & Fleury, M. (1976). Analysis of visual search activity during sport problem situation. *Journal of Human Movement Studies*, 3, 214-222.
- Bauer, G., & Ueberle, H. (1988). *Fútbol*. Barcelona.
- Bayer, C. (1994). *O ensino dos desportos coletivos*. Lisboa: Dinalivro.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação*: Editora Gradiva.
- Bessa, P. (2009). *Singularidade e importância dos lances de bola parada no Futebol moderno*. (Licenciatura Dissertação), Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto.
- Blomqvist, M., Vanttinen, T., & Luhtanen, P. (2005). Assessment of secondary school student's decision-making and game-play ability in soccer. *Physical Education & Sport Pedagogy*, 10(2), 107-119.
- Caixinha, P. (2004). *A análise dos adversários. Da caracterização colectiva à individual*. UTAD, Vila Real.
- Carling, C. (2005). Applying match analysis to improve defending performance.
- Carling, C., Williams, A. M., & Reilly, T. (2005). Handbook of soccer match analysis : A systematic approach to improving performance.
- Castelo, J. (1994). *Futebol, modelo técnico-tático do jogo: identificação e caracterização das grandes tendências evolutivas das equipas de rendimento superior*. Lisboa.
- Castelo, J. (1996). Futebol, a organização do jogo: como entender a organização dinâmica de uma equipa de futebol e a partir desta compreensão como melhorar o rendimento e a direção dos jogadores e da equipa. 541.

- Castelo, J. (1999). Futebol - a organização do jogo. In F. Tavares (Ed.), *Estudos 2 - o estudo dos jogos desportivos, concepções, metodologias e instrumentos* (pp. 41-49). FADEUP: Multitema.
- Castelo, J. (2004). *Futebol - organização dinâmica do jogo*. Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa.
- Castelo, J. (2009). Futebol - Organização dinâmica do jogo. *Edições Universitárias Lusofonas*(3^a).
- Castro, F. (2014). *Do Treino ao Jogo e do Jogo ao Treino*. (Mestrado Relatório de estágio), Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto.
- Costa, I., Garganta, J., Greco, P., & Mesquita, I. (2009). Análise e Avaliação do Comportamento Tático no Futebol. *Revista da Educação Física/UEM*.
- Costa, I., Garganta, J., Greco, P., & Mesquita, I. (2009a). Princípios Táticos do Jogo de Futebol: conceitos e aplicação. *Revista Motriz*, 15(3), 657-668.
- Costa, I., Garganta, J., Greco, P., & Mesquita, I. (2009b). Proposta de avaliação do comportamento tático de jogadores de Futebol baseada em princípios fundamentais do jogo. *Revista Motriz*.
- Costa, I., Garganta, J., Greco, P., Mesquita, I., & Muller, E. (2009). Relação entre a Dimensão do Campo de Jogo e os Comportamentos Táticos do Jogador de Futebol. *Revista Brasileira de Educação Física e Desporto*.
- Costa, I., Garganta, J., Greco, P., Mesquita, I., & Seabra, A. (2010). Influence of relative age effects and quality of tactical behaviour in the performance of youth football players. *International Journal of Performance Analysis in Sport.*, 10(2), 82-97.
- Davids, K., Button, C., & Bennet, S. J. (2008). Dynamics of skill acquisition: A constraints-led approach. *Campaign, II: Human Kinetics*.
- Di Salvo, V., Baron, R., Tschan, H., Calderon Montero, F., Bachl, N., & Pigozzi, F. (2007). Performance characteristics according to playing position in elite soccer. *International Journal of Sports Medicine*, 28(3), 222-227.
- Duarte, R., Araújo, D., Freire, L., Folgado, H., Fernandes, O., & Davids, K. (2012). Intra- and inter-group coordination patterns reveal collective behaviour of football players near the scoring zone. *Human Movement Science*, 31(6), 1639-1651.
- Duprat, E. (2007). *Enseigner le football en milieu scolaire (collèges, lycées) et au club*. Paris: Editions ACTIO.

- Franks, I. (1997). Use of feedback by coaches and players. In T. Reilly, J. Bangsbo, & M. Hughes (Eds.), *Science and football III* (pp. 267-268). London: SponPress.
- Franks, I., Hodges, N., & McGarry, T. (1998). Observation and Instruction: Questions for established coaching practice.
- Franks, I., & McGarry, T. (1996). The science of match analysis.
- Franks, I., & Miller, G. (1986). Eyewitness testimony in sport. *Journal of Sport Behaviour*, 9, 38-45.
- French, K., & Thomas, J. (1987). The relation of knowledge development to children's basketball performance. *Journal of sport Psychology*, 9, 15-32.
- Garganta, J. (1996). Modelação da Dimensão Tática do Jogo de Futebol. 63-82.
- Garganta, J. (1997). Modelação Tática do Jogo de Futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. Dissertação de Doutoramento apresentada à FADEUP. .
- Garganta, J. (1998). Analisar o jogo nos jogos desportivos coletivos. Uma preocupação comum ao treinador e ao investigador.
- Garganta, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1, 57-64.
- Garganta, J., & Gréhaigne, J. (1999). Abordagem sistémica do jogo de futebol: moda ou necessidade. *Movimento*, Ano V(Nº10), 10.
- Garganta, J., & Pinto, J. (1994). O ensino do futebol. In A. Graça & J. Oliveira (Eds.), *O ensino dos jogos desportivos* (Vol. 1, pp. 95-136). FADEUP: Rainho & Neves Lda.
- Gréhaigne, J., Bouthier, D., & David, B. (1997). *A method to analyse attacking moves in soccer* (Vol. 3). London.
- Gréhaigne, J., & Godbout, P. (1998). Formative Assessment in Team Sports in a Tactical Approach Context. *Joperd*, 69(1), 46-51.
- Gréhaigne, J., Godbout, P., & Bouthier, D. (1999). The Foundations of tactics and strategy in team sports. *Journal of Teaching in Physical Education*(18), 159-174.
- Gréhaigne, J. F., Godbout, P., & Bouthier, D. (1997). Performance assessment in team sports. *Journal of Teaching in Physical Education*, 16(4), 500-516.
- Hainaut, K., & Benoit, J. (1979). *Enseignement des pratiques phsiques spécifiques: le football modern - tactique-technique-lois du jeu*
Bruxelas: Presses Universitaires de Bruxelles.

- Hodges, N., & Franks, I. (2002). Modelling coaching practice: the role of instruction and demonstration. *Journal of Sport Sciences*, 20, 793-811.
- Hughes, M. (1996). Notational Analysis. *Science and Soccer*, 343-361.
- Hughes, M., & Bartlett, R. (2002). The use of performance indicators in performance analysis. *Journal of Sport Sciences*, 20(10), 739-754.
- Hughes, M., & Franks, I. (2008). The essentials of performance analysis.
- Hughes, M., & Reed, D. (2007). Creating a performance profile using perturbations and momentum *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 7(1), 15-16.
- Júlio, L., & Araújo, D. (2005). Abordagem dinâmica da ação tática no jogo de futebol. In D. Araújo (Ed.), *O contexto da decisão - a ação tática do desporto* (pp. 159-178). Lisboa: Visão e Contextos Lda.
- Lames, M., & Hansen, G. (2001). Designing observational systems to support top-level teams in game sports. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 1(1), 83-90.
- Liebermann, D., Katz, L., Hughes, M., Bartlett, R., McClements, J., & Franks, I. (2002). Advances in the application of information technology to sport performance. *Journal of Sport Sciences*, 20, 755-769.
- Lopes, R. (2005). *O scouting em Futebol. Importância atribuída pelos treinadores à forma e ao conteúdo da observação do adversário*. FCDEF-UP, Porto.
- Mangas, C., Garganta, J., & Fonseca, A. (2002). Estudo comparativo do conhecimento declarativo de jovens praticantes de futebol em função do seu nível competitivo. In M. A. Janeira & E. Brandão (Eds.), *Estudos 3* (pp. 25-32). FADEUP: Saúde e Sá- Artes Gráficas.
- McGarry, T., Anderson, D. I., Wallace, S. A., Hughes, M. D., & Franks, I. M. (2002). Sport competition as a dynamical self-organizing system. *Journal of Sport Sciences*, 20(10), 771-781.
- McGarry, T., & Franks, I. M. (2003). The science of match analysis. In T. Reilly & M. Williams (Eds.), *Science and Soccer II*. London: Routledge.
- McPherson, S. (1994). The development of Sport Expertise: Mapping the Tactical Domain. *Quest*, 46(2), 223-240.

- Memmert, D. (2002). Diagnostik Taktischer Leistungskomponenten: Spieltestsituationen und Konzeptorientierte Expertenratings.
- Mendo, A. (1999). Observación y deporte
In M. Anguera (Ed.), *Observación en deporte y conducta cinésico-motriz: aplicaciones* (pp. 39-69). Barcelona: Universidad de Barcelona.
- Mesquita, I., Graça, A., Gomes, A. R., & Cruz, C. (2005). Examining the impact of a step game approach to teaching volleyball on student tactical decision making and skill execution during game play. *Journal of Human Movement Studies*, 48, 469-492.
- Metzler, J. (1987). Fondements théoriques et pratiques d'une démarche d'enseignement des sports collectifs. *Spirales*, N°1, 143-151.
- Moutinho, C. (1991). A importância da análise do jogo no processo de preparação desportiva nos jogos desportivos coletivos: O exemplo do voleibol. In J. Bento & A. Marques (Eds.), *As ciências do desporto e a prática desportiva* (pp. 265-275). Porto: Univ. Porto Editorial.
- Moutinho, C. (1993). *Construção de um sistema de observação e avaliação da distribuição em Voleibol para equipas de rendimento*. (Dissertação apresentada às provas de aptidão Pedagógica e Científica), FCDEF-UP, Porto.
- Murtough, J., & Williams, M. (1999). Using video in coaching. *Insight* 4(2), 38-39.
- Nevill, A., Balmer, N., & Williams, A. M. (2002). The influence of crowd noise and experience upon refereeing decisions in football. *Psychology of Sport and Exercise*, 3, 261-272.
- O'Donoghue, P. (1998). Validation of distance estimation in computerised time-motion analysis for association football. *Journal of Sports Sciences*, 15-18.
- Oliveira, J. (1993). Análise de jogo em basquetebol. *A ciência do desporto, a cultura e o homem* 297-306.
- Oliveira, J. (2004). *Conhecimento Específico em Futebol*. (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto.
- Olsen, E., & Larsen, O. (1995). Use of match analysis by coaches.
- Oslin, J., Michell, S., & Griffin, L. (1998). The Game Performance Assessment Instrument (GPAI): development and preliminary validation. *Journal of Teaching in Physical Education*, 17(2), 231-243.

- Pacheco, R. (2005). Segredos de Balneário: A Palestra dos treinadores de futebol antes dos jogos.
- Queiroz, C. (1983). Para uma teoria de ensino/treino do futebol. *Ludens*, 8(1), 25-44.
- Rampinini, E., Coutts, A., Castagna, C., Sassi, R., & Impellizzeri, F. (2007). Variation in top level soccer match performance. *International Journal of Sports Medicine*, 28(12), 1018-1024.
- Ribeiro, P. (2009). *A observação como ponto de partida para uma análise pormenorizada das características das equipas adversárias*. FADEUP, Porto.
- Rocha, T. (2009). *A Importância das "Situações de Bola Parada" na Finalização com Êxito no Futebol - Estudo realizado na 2ª volta da Liga Portuguesa de Futebol da época 2008/2009*. (Licenciatura Dissertação), Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto.
- Sampaio, J. (2000). *O Poder Discriminatório das Estatísticas do Jogo de Basquetebol: Novos Caminhos Metodológicos de Análise*. (Dissertação de Doutoramento), UTAD, Vila Real.
- Sampaio, J., & Maças, V. (2012). Measuring Football Tactic Behaviour. *International Journal of Sports Medicine*, 33, 1-7.
- Sarmiento, H. (2012). *Padrões de jogo ofensivo em equipas de alto rendimento: uma abordagem qualitativa*. Vila Real.
- Silva, O. (2006). Análise de Jogo em Futebol. Um estudo realizado num clube da *Liga Betandwin.com*. Dissertação de Mestrado apresentada à FMH.
- Solomenko, V. (1982). Juego sin balon. *El entrenador* (Vol. 14, pp. 72-75).
- Sousa, P., Garganta, J., & Fonseca, A. (2002). Perfil de prestação do ponta de lança de alto rendimento em futebol. Comparação do comportamento tático-técnico do jogador com a perceção do treinador.
- Suzuki, K., & Nishijima, T. (2004). Validity of a soccer defending skill scale (SDSS) using game performances. *International Journal of Sport and Health Science*, 2, 34-49.
- Teissie, J. (1969). *Le football*. Paris: Vigot Frères.
- Tenenbaum, G., & Lidor, R. (2005). Research on Desision-Making and the use of cognitive stratagies in sport settings. In D. Hackfort, J. Duda, & R. Lidor (Eds.), *Handbook of research in applied sport and exercise psychology: International Perspectives* (pp. 75-91). Morgantown: WV.

- Tenga, A., Kanstad, D., Ronglan, L. T., & Bahr, R. (2009). Developing a New Method for Team Match Performance Analysis in Professional Soccer and Testing its Reliability. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 9, 8-25.
- Teodorescu, L. (1977). Contributions au concept de jeu sportif collectif: Théorie et méthodologie dès jeux sportifs. *Lês Editeurs Français Reunis*.
- Teodorescu, L. (2003). *Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos* (2^a ed.). Lisboa.
- Travassos, B., Araújo, D., Vilar, L., & McGarry, T. (2011). Interpersonal coordination and ball dynamics in futsal (indoor football). *Human Movement Science*, 30, 1245-1259.
- Veal, M. (1993). The role of assessment and evaluation in secondary physical education: A pedagogical view. In E. J. Rink (Ed.), *Critical crossroads: Middle and secondary school physical education* (pp. 93-99). Reston, VA: National Association for Sport and Physical Education.
- Vilar, L., Araújo, D., Davids, K., & Travassos, B. (2012). Constraints on competitive performance of attack-defender dyads in team sports. *Journal of Sport Sciences*, 30(5), 459-469.
- Williams, A., & Davids, K. (1995). Declarative knowledge in sport: a by-product of experience or a characteristic of expertise? *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 17(3), 259-275.
- Worthington, E. (1974). *Learnig & teaching soccer skills*. California: Hal Leighton Printing Company.

ANEXOS

Anexo 1 Quadros relativos à avaliação do comportamento tático de jogadores de futebol baseada em princípios fundamentais do jogo.

Quadro 7 Categorias, sub-categorias, variáveis latentes e variáveis observadas relacionadas aos Princípios Táticos Fundamentais do Futebol (I. Costa et al., 2009b)

Categorias	Sub-categorias	Variáveis Latentes	Variáveis Observadas
Princípios Táticos	Ofensivo	Penetração	<ul style="list-style-type: none"> - Condução da bola pelo espaço disponível (com ou sem defensores à frente); - Realização de dribles que colocam a equipa em superioridade numérica em ações de ataque; - Condução de bola em direção à linha de fundo ou à baliza adversária; - Realizam de dribles que propiciam condições favoráveis a um passe/ assistência para o companheiro dar sequencia ao jogo.
		Cobertura Ofensiva	<ul style="list-style-type: none"> - Disponibilização de linhas de passe ao portador da bola; - Apoios próximos ao portador da bola que permitem manter a posse de bola; - Realização de tabelas e/ ou triangulações com o portador da bola; - Apoios próximos ao portador da bola que permitam assegurarem superioridade numérica ofensiva.
		Espaço	<ul style="list-style-type: none"> - Procura de espaços não ocupados pelos adversários no campo de jogo; - Movimentações de ampliação do espaço de jogo que proporcionam superioridade numérica no ataque; - Drible ou condução para trás/ linha lateral, que permitem diminuir a pressão adversária sobre a bola; - Movimentações que permitem (re)iniciar o processo ofensivo em zonas distantes daquela onde ocorreu a recuperação da posse de bola.
		Mobilidade	<ul style="list-style-type: none"> - Movimentações em profundidade ou em largura, “nas costas” do último defensor em direção à linha de fundo ou à baliza adversária; - Movimentações em profundidade ou em largura, “nas costas” do último defensor que visem ganho de espaço ofensivo; - Movimentações em profundidade ou em largura, “nas costas” do último defensor que propiciem receber a bola; - Movimentações em profundidade ou em largura, “nas costas” do último defensor que visem a criação de oportunidades para a sequência ofensiva de jogo.

		Unidade ofensiva	<ul style="list-style-type: none"> - Avanço da última linha de defesa permitindo que a equipa jogue em bloco; - Saída da última linha de defesa dos setores defensivos e aproximação da mesma à linha do meio-campo; - Avanço dos jogadores da defesa, propiciando que mais companheiros participem das ações no centro de jogo.
		Contenção	<ul style="list-style-type: none"> - Marcação ao portador da bola, impedindo a ação de penetração; - Ação de "proteção da bola" que impede o adversário de alcançá-la; - Realização da "dobra" defensiva ao portador da bola; - Realização de faltas técnicas para conter a progressão da equipa adversária, quando o sistema defensivo está desorganizado.
	Defensivo	Cobertura Defensiva	<ul style="list-style-type: none"> - Ação de cobertura ao jogador de contenção; - Posicionamento que permite obstruir eventuais linhas de passe para jogadores adversários; - Marcação de adversário(s) que pode(m) receber a bola em situações vantajosas para o ataque; - Posicionamento adequado que permite marcar o portador da bola sempre que o jogador de contenção for driblado.
		Equilíbrio	<ul style="list-style-type: none"> - Movimentações que permitem assegurar estabilidade defensiva; - Movimentações de recuperação defensiva feita por trás da linha da bola; - Posicionamento que permite obstruir eventuais linhas de passe longo; - Marcação de jogadores adversários que apoiam as ações ofensivas do portador da bola.
		Concentração	<ul style="list-style-type: none"> - Movimentação que propicia reforço defensivo na zona de maior perigo para a equipa; - Marcação de jogadores adversários que procuram aumentar o espaço de jogo ofensivo; - Movimentações que propiciam aumento do nº de jogadores entre a bola e a baliza; - Movimentações que condicionam as ações de ataque da equipa adversária para as extremidades do campo de jogo.
		Unidade Defensiva	<ul style="list-style-type: none"> - Organização dos posicionamentos defensivos após a perda da posse de bola, com o objetivo de reorganizar as linhas de defesa; - Movimentação dos jogadores, principalmente dos laterais e extremos, em direção ao corredor central quando as ações de jogo são desenvolvidas no lado oposto; - Compactação defensiva da equipa na zona do campo de jogo que representa perigo maior à baliza; - Movimentação dos jogadores que compõem a última linha de defesa, deforma a reduzir o campo de jogo do adversário.

Quadro 8 Indicadores de desempenho dos Princípios Táticos Fundamentais do jogo de Futebol (I. Costa et al., 2009b).

Princípios Táticos Fundamentais	Indicadores de Desempenho	Descrição dos Indicadores de Desempenho
Penetração	Bem sucedida(+) - Propiciar remate, passe ou drible.	Bem sucedida (+) - Quando a movimentação do portador da bola origina em remate, passe ou drible (ofensivo).
	Mal sucedida (-) - Permite o desarme adversário; - Dirigir o jogo para o espaço ocupado.	Mal sucedida (-) - Quando a movimentação do portador da bola permite ao adversário desarmá-lo; - Quando o portador da bola se dirige para um espaço já ocupado por outros jogadores, dificultando a ação ofensiva da própria equipa.
Princípios Táticos Fundamentais	Indicadores de Desempenho	Descrição dos Indicadores de Desempenho
Cobertura Ofensiva	Bem sucedida (+) - Garantir linha de passe; - Reduzir pressão ao portador da bola; - Permitir possibilidade de remate.	Bem sucedida (+) - Quando a movimentação do jogador garante linha de passe ao portador da bola; - Quando a movimentação do jogador propicia a redução do número de adversários sobre o portador da bola; Quando a movimentação do jogador permite possibilidade de rematar, a partir de ações originadas na linha de fundo.
	Mal sucedida (-) - Não garantir linha de passe; - Reduzir pressão ao portador da bola; - Não permitir possibilidade de remate.	Mal sucedida (-) - Quando a movimentação do jogador não garante linha de passe ao portador da bola; - Quando a movimentação do jogador não propicia a redução do número de adversários sobre o portador da bola; - Quando a movimentação do jogador não permite possibilidade de rematar, a partir de ações originadas na linha de fundo.
Princípios Táticos Fundamentais	Indicadores de Desempenho	Descrição dos Indicadores de Desempenho
Espaço	Bem sucedida (+) - Ampliar em largura o espaço de jogo efetivo (EJE); - Ampliar em profundidade o EJE; - Criar espaços para a movimentação dos colegas de equipa; - Ir para pontos de menor pressão; - Diminuir pressão (lado ou atrás do centro de jogo (CJ));	Bem sucedida (+) - Quando a movimentação do jogador permite ampliação do espaço de jogo em largura, da sua equipa, isto é, amplia o limite transversal do EJE; - Quando a movimentação do jogador propicia ampliação do espaço de jogo em profundidade até à linha do último jogador da defesa, isto é, amplia o limite longitudinal do EJE; - Quando a movimentação do jogador (mesmo para a zona de maior pressão), proporciona a criação de espaços para a

	<ul style="list-style-type: none"> - Manter a posse de bola. 	<p>movimentação de outros jogadores da sua equipa ou um passe de sucesso;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação do jogador lhe permite posicionar em pontos de menor pressão adversária (dentro do EJE); - Quando a movimentação do portador da bola (deslocamentos laterais ou para trás) permite a redução da pressão sobre a bola e assegura condições para dar sequência à ação ofensiva; - Quando a movimentação do portador da bola (deslocamentos laterais ou para trás) permita que a equipa mantenha a posse de bola.
	<p>Mal sucedida (-)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não ampliar em largura o EJE; - Não ampliar em profundidade o EJE; - Não criar espaços para a movimentação dos colegas de equipa; - Não ir para pontos de menor pressão; - Não diminuir pressão (lado ou atrás do CJ); - Permitir o desarme adversário. 	<p>Mal sucedida (-)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação do jogador não permite ampliação do espaço de jogo em largura, da sua equipa, isto é, não amplia o limite transversal do EJE; - Quando a movimentação do jogador não propicia ampliação do espaço de jogo em profundidade até à linha do último jogador da defesa, isto é, não amplia o limite longitudinal do EJE; - Quando a movimentação do jogador (mesmo para a zona de maior pressão), não proporciona a criação de espaços para a movimentação de outros jogadores da sua equipa ou um passe de sucesso; - Quando a movimentação do jogador não lhe permite posicionar em pontos de menor pressão adversária (dentro do EJE); - Quando a movimentação do portador da bola (deslocamentos laterais ou para trás) não permite a redução da pressão sobre a bola nem assegura condições para dar sequência à ação ofensiva; - Quando a movimentação do portador da bola, permite um desarme por parte do adversário.
Princípios Táticos Fundamentais	Indicadores de Desempenho	Descrição dos Indicadores de Desempenho
Mobilidade	<p>Bem sucedida (+)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Possibilitar passe em profundidade para o colega; - Ampliar EJE "nas costas" da defesa. 	<p>Bem sucedida (+)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação do jogador cria ao portador da bola, a possibilidade de passe em profundidade para um colega em ações de rutura em relação à defesa adversária; - Quando a movimentação do jogador possibilita o aumento de espaço de jogo efetivo da equipa "nas costas" da última linha de defesa.
	<p>Mal sucedida (-)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não possibilitar passe em profundidade para o colega; - Jogador fica em fora-de-jogo. 	<p>Mal sucedida (-)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação do jogador não cria ao portador da bola, a possibilidade de passe em profundidade para um colega em ações de rutura em relação à defesa adversária; - Quando a movimentação do jogador o coloca em fora-de-jogo.

Princípios Táticos Fundamentais	Indicadores de Desempenho	Descrição dos Indicadores de Desempenho
Unidade Ofensiva	Bem sucedida (+) <ul style="list-style-type: none"> - Aproximar a equipa ao CJ; - Participar na ação subsequente; - Contribuir para ações ofensivas atrás da linha da bola; - Auxiliar a equipa a avançar para o meio campo ofensivo. 	Bem sucedida (+) <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação do jogador permite que outros companheiros participem nas ações da equipa ou se aproximem do centro de jogo; - Quando a movimentação do jogador lhe faculta a possibilidade de participar numa ação ofensiva/defensiva subsequente; - Quando a movimentação do jogador contribui para a realização das ações ofensivas da equipa atrás da linha da bola; - Quando a movimentação do jogador auxilia no adiantamento da equipa para o meio campo ofensivo.
	Mal sucedida (-) <ul style="list-style-type: none"> - Não aproximar a equipa ao CJ; - Não participar na ação subsequente; - Não contribuir para ações ofensivas atrás da linha da bola; - Não auxiliar a equipa a avançar para o meio campo ofensivo. 	Mal sucedida (-) <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação do jogador não permite que outros companheiros participem nas ações da equipa ou se aproximem do centro de jogo; - Quando a movimentação do jogador não lhe faculta a possibilidade de participar numa ação ofensiva/defensiva subsequente; - Quando a movimentação do jogador não contribui para a realização das ações ofensivas da equipa atrás da linha da bola; - Quando a movimentação do jogador não auxilia no adiantamento da equipa para o meio campo ofensivo.
Princípios Táticos Fundamentais	Indicadores de Desempenho	Descrição dos Indicadores de Desempenho
Contenção	Bem sucedida (+) <ul style="list-style-type: none"> - Impedir o remate; - Impedir progressão; - Retardar a ação do oponente; - Direcionar o portador da bola para zonas de menor risco. 	Bem sucedida (+) <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação/oposição do jogador impede que o portador da bola remate à baliza; - Quando a movimentação do jogador impede que o portador da bola progrida em direção à baliza; - Quando a movimentação do jogador retarda a ação ofensiva adversária, permitindo que a sua equipa se organize defensivamente; - Quando a movimentação do jogador direciona o portador da bola para zonas de menor risco.
	Mal sucedida (-) <ul style="list-style-type: none"> - Não impedir o remate; - Não impedir progressão; - Não retardar a ação do oponente; - Não direcionar o portador da bola para zonas de menor risco. 	Mal sucedida (-) <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação/oposição do jogador não permite impedir que o portador da bola remate à baliza; - Quando a movimentação do jogador não permite conter a progressão do portador da bola em direção à baliza; - Quando a movimentação do jogador não permite retardar a ação ofensiva

		<p>adversária, não permitindo que a sua equipa se organize defensivamente;</p> <p>- Quando a movimentação do jogador não permite direccionar o portador da bola para zonas de menor risco.</p>
Princípios Táticos Fundamentais	Indicadores de Desempenho	Descrição dos Indicadores de Desempenho
Cobertura Defensiva	Bem sucedida (+) <ul style="list-style-type: none"> - Posicionar-se entre o jogador de contenção e a baliza; - Possibilitar a 2ª contenção; - Obstruir linhas de passe. 	Bem sucedida (+) <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação do jogador permite um posicionamento entre o jogador que realiza a contenção e a baliza, na metade mais ofensiva do centro de jogo; - Quando a movimentação do jogador permite constitua um novo obstáculo ao portador da bola, caso o jogador que esteja em contenção seja ultrapassado; - Quando a movimentação do jogador permite obstruir ou intercetar linhas de passe do portador da bola a outro adversário.
	Mal sucedida (-) <ul style="list-style-type: none"> - Não se posicionar entre o jogador de contenção e a baliza; - Não possibilitar a 2ª contenção; - Não obstruir linhas de passe. 	Mal sucedida (-) <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação do jogador não permite um posicionamento entre o jogador que realiza a contenção e a baliza, na metade mais ofensiva do centro de jogo; - Quando a movimentação do jogador não permite constitua um novo obstáculo ao portador da bola, caso o jogador que esteja em contenção seja ultrapassado; - Quando a movimentação do jogador não permite obstruir ou intercetar linhas de passe do portador da bola a outro adversário.
Princípios Táticos Fundamentais	Indicadores de Desempenho	Descrição dos Indicadores de Desempenho
Cobertura Defensiva	Bem sucedida (+) <ul style="list-style-type: none"> - Posicionar-se entre o jogador de contenção e a baliza; - Possibilitar a 2ª contenção; - Obstruir linhas de passe. 	Bem sucedida (+) <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação do jogador permite um posicionamento entre o jogador que realiza a contenção e a baliza, na metade mais ofensiva do centro de jogo; - Quando a movimentação do jogador permite constitua um novo obstáculo ao portador da bola, caso o jogador que esteja em contenção seja ultrapassado; - Quando a movimentação do jogador permite obstruir ou intercetar linhas de passe do portador da bola a outro adversário.
	Mal sucedida (-) <ul style="list-style-type: none"> - Não se posicionar entre o jogador de contenção e a baliza; - Não possibilitar a 2ª contenção; - Não obstruir linhas de passe. 	Mal sucedida (-) <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação do jogador não permite um posicionamento entre o jogador que realiza a contenção e a baliza, na metade mais ofensiva do centro de jogo; - Quando a movimentação do jogador não permite constitua um novo obstáculo ao

		<p>portador da bola, caso o jogador que esteja em contenção seja ultrapassado;</p> <p>- Quando a movimentação do jogador não permite obstruir ou intercetar linhas de passe do portador da bola a outro adversário.</p>
Princípios Táticos Fundamentais	Indicadores de Desempenho	Descrição dos Indicadores de Desempenho
Equilíbrio	Bem sucedida (+) <ul style="list-style-type: none"> - Estabilizar zonas laterais do CJ; - Obstruir linhas de passe; - Estabilizar movimentações ofensivas no CJ; - Interferir no portador nas movimentações ofensivas no CJ 	Bem sucedida (+) <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação do jogador permite criar estabilidade defensiva nas relações de oposição nas zonas laterais em relação ao CJ (através da marcação de jogadores que podem receber a bola ou da obstrução de linhas de passe), impedindo a progressão ofensiva adversária; - Quando a movimentação do jogador permite obstruir ou intercetar linhas de passe do portador da bola a outro adversário localizado nas zonas laterais ao CJ; - Quando a movimentação do jogador permite criar estabilidade defensiva nas relações de oposição na metade menos ofensiva do CJ, através da marcação de adversários que podem receber a bola ou da obstrução de linhas de passe; - Quando a movimentação de recuperação defensiva do jogador (metade menos ofensiva do CJ) interfere na ação do portador da bola criando dificuldades para a sequência ofensiva adversária ou facilitando a recuperação da bola por parte da sua equipa; - Quando a movimentação do jogador permite obstruir ou intercetar linhas de passe do portador de bola a outro adversário dentro da metade menos ofensiva do CJ.
	Mal sucedida (-) <ul style="list-style-type: none"> - Não estabilizar zonas laterais do CJ; - Não obstruir linhas de passe; - Não estabilizar movimentações ofensivas no CJ; - Não interferir no portador nas movimentações ofensivas no CJ 	Mal sucedida (-) <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação do jogador não permite criar estabilidade defensiva nas relações de oposição nas zonas laterais em relação ao CJ (através da marcação de jogadores que podem receber a bola ou da obstrução de linhas de passe), não impedindo assim, a progressão ofensiva adversária; - Quando a movimentação do jogador não permite obstruir ou intercetar linhas de passe do portador da bola a outro adversário localizado nas zonas laterais ao CJ; - Quando a movimentação do jogador não permite criar estabilidade defensiva nas relações de oposição na metade menos ofensiva do CJ, através da marcação de adversários que podem receber a bola ou da obstrução de linhas de passe; - Quando a movimentação de recuperação defensiva do jogador (metade menos ofensiva do CJ) não interfere na ação do portador da bola criando dificuldades para a sequência ofensiva adversária ou

		<p>facilitando a recuperação da bola por parte da sua equipa;</p> <p>- Quando a movimentação do jogador não permite obstruir ou interceptar linhas de passe do portador de bola a outro adversário dentro da metade menos ofensiva do CJ.</p>
Princípios Táticos Fundamentais	Indicadores de Desempenho	Descrição dos Indicadores de Desempenho
Concentração	Bem sucedida (+) <ul style="list-style-type: none"> - Diminuir profundidade adversária; - Direcionar o jogo adversário para zonas de menor risco. 	Bem sucedida (+) <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação do jogador auxilia a equipa a diminuir a amplitude ofensiva adversária (ou EJE adversário) na sua profundidade; - Quando a movimentação do jogador auxilia a equipa a direcionar o jogo adversário para zonas do campo de jogo que representem menor perigo à baliza.
	Mal sucedida (-) <ul style="list-style-type: none"> - Não diminuir profundidade adversária; - Não direcionar o jogo adversário para zonas de menor risco. 	Mal sucedida (-) <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação do jogador não auxilia a equipa a diminuir a amplitude ofensiva adversária (ou EJE adversário) na sua profundidade; - Quando a movimentação do jogador não auxilia a equipa a direcionar o jogo adversário para zonas do campo de jogo que representem menor perigo à baliza.
Princípios Táticos Fundamentais	Indicadores de Desempenho	Descrição dos Indicadores de Desempenho
Unidade Defensiva	Bem sucedida (+) <ul style="list-style-type: none"> - Diminuir amplitude adversária; - (Re)equilibrar a organização defensiva; - Contribuir para ações defensivas atrás da linha da bola; - Aproximar a equipa ao CJ; - Participar na ação subsequente. 	Bem sucedida (+) <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação do jogador promove a diminuição da amplitude ofensiva do adversário na sua largura e/ou profundidade; - Quando a movimentação do jogador permite equilibrar ou reequilibrar constantemente a repartição de forças da organização defensiva consoante às situações momentâneas do jogo (sector subsequente à metade mais ofensiva do CJ); - Quando a movimentação do jogador contribui para a realização de ações defensivas da equipa atrás da linha da bola (através da marcação de adversários que podem receber a bola ou da obstrução de linhas de passe); - Quando a movimentação do jogador propicia que outro jogador da defesa participe nas ações do CJ; - Quando a movimentação do jogador lhe faculta a possibilidade de participar numa ação defensiva/ofensiva subsequente.
	Mal sucedida (-) <ul style="list-style-type: none"> - Não diminuir amplitude adversária; 	Mal sucedida (-) <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação do jogador não promove a diminuição da amplitude

	<ul style="list-style-type: none"> - Não (re)equilibrar a organização defensiva; - Não contribuir para ações defensivas atrás da linha da bola; - Não aproximar a equipa ao CJ; - Não participar na ação subsequente. 	<p>ofensiva do adversário na sua largura e/ou profundidade;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quando a movimentação do jogador não permite equilibrar ou reequilibrar constantemente a repartição de forças da organização defensiva consoante às situações momentâneas do jogo (sector subsequente à metade mais ofensiva do CJ); - Quando a movimentação do jogador não contribui para a realização de ações defensivas da equipa atrás da linha da bola (através da marcação de adversários que podem receber a bola ou da obstrução de linhas de passe); - Quando a movimentação do jogador não propicia que outro jogador da defesa participe nas ações do CJ; - Quando a movimentação do jogador não lhe faculta a possibilidade de participar numa ação defensiva/ofensiva subsequente.
--	---	---

Quadro 9 Categorias, sub-categorias, variáveis latentes e variáveis observadas relacionadas à Localização e ao Resultado da Ação Tática (I. Costa et al., 2009b).

Categorias	Sub-categorias	Variáveis Latentes	Variáveis Observadas
Localização da ação no Campo de Jogo	Ofensivo	Meio Campo Ofensivo	Ações Táticas Ofensivas Ações Táticas Defensivas
	Defensivo	Meio Campo Defensivo	Ações Táticas Ofensivas Ações Táticas Defensivas

Resultado da Ação	Ofensivo	Eficácia Ofensiva	<ul style="list-style-type: none"> - Finalizar na baliza - Continuar com a posse de bola - Sofrer falta, ganhar lançamento lateral ou canto; - Cometer falta, ceder lançamento lateral ou canto; - Perder a posse de bola.
	Defensivo	Eficácia Defensiva	<ul style="list-style-type: none"> - Recuperar a posse de bola; - Sofrer falta, ganhar lançamento lateral ou canto; - Cometer falta, ceder lançamento lateral ou canto; - Sofre finalização na sua baliza.

Anexo 2 Definição de Análise de Jogo.

Quadro 10 Conceito, funções, características e objetivos da Análise de Jogo explicadas por diversos autores.

(Moutinho, 1993)	- Identificar e compreender os princípios estruturais do jogo, os critérios de eficácia de rendimento individual e coletivo, e a adequação dos modelos de preparação;
(Oliveira, 1993)	- Rentabilizar o processo de treino e as competições; - Aprofundar o conhecimento do jogo;
(Franks & McGarry, 1996)	- Analisar e inferir tendências ou padrões de jogo; - Realizar uma avaliação imparcial da <i>performance</i> desportiva e focar a atenção do treinador nos indicadores chave do comportamento desportivo; - Obter informações sobre o processo de treino e a partir daí tomar decisões;
(Bacconi & Marella, 1995)	<u>Treinador</u> - Descobrir os erros técnico-táticos condicionantes da prestação da sua própria equipa para tentar corrigi-los; - Determinar o nível técnico-tático do adversário e as suas debilidades; <u>Jogador</u> - Observar objetivamente a própria prestação sob as diretrizes orientadoras do treinador;
(O`Donoghue, 1998)	- Monitorizar a evolução dos jogadores; - Direcionar a atenção do treinador para os aspetos chave;
(M. Hughes & Reed, 2007)	- Identificar os pontos fortes e as fraquezas da sua própria equipa e do adversário;
(Sampaio, 2000)	- Aceder ao conhecimento da organização do jogo e aos fatores que concorrem para o sucesso desportivo; - Planificar e organizar o treino, tornando os seus conteúdos mais objetivos e específicos; - Regular a aprendizagem, o treino e a competição;
(J. Garganta, 2001)	- Configurar modelos de atividade dos jogadores e das equipas; - Identificar os traços da atividade cuja presença ou ausência se correlaciona com a eficácia de processos e a obtenção de resultados positivos; - Promover o desenvolvimento de métodos de treino que garantam uma maior especificidade; - Indiciar tendências evolutivas das diferentes modalidades desportivas;
(Caixinha, 2004)	- Avaliação e conhecimentos das variáveis estruturais e funcionais do rendimento em Futebol;

(Pacheco, 2005)	- Aprofundar conhecimentos acerca do desenvolvimento do jogo;
(Silva, 2006)	- Meio de evolução do processo de treino e das competições e de aprofundamento do conhecimento relativo ao jogo.

Anexo 3 Primeira Análise de Jogo realizada enquanto scouter, em formato PDF.



Análise de jogo

¶

Futebol Clube Cesarense



¶

Diogo Braz

Bolas Paradas Defensivas

• Marcação Mista (1 ou 2 jogadores marcam a zona, os restantes homem a homem)

• Defesa muito permeável (ponto a explorar), especialmente ao 2º poste onde não colocam nenhum homem (canto do braço no ombro). Através de constantes movimentações e bloqueios na área pode-se criar muito perigo.



Bolas Paradas Ofensivas

• Por vezes são rápidos na marcação, não colocando imediatamente na área. Primeiro passe a rasgar para o jogador cruzar.



Bolas Paradas Ofensivas

• Linha lateral perto da área tentam surpreender e meter rasteiro para o Batista finalizar. Batista sai da linha da pequena área e recebe o passe atrasado. **Atenção**



Bolas Paradas Ofensivas

• Canto curto. Eles marcam muito rápido e metem na área para apanhar de surpresa o adversário. Cuidado à entrada de área, têm sempre um homem sozinho pronto a finalizar a uma segunda bola. **Atenção** ao 2º poste. 2 homens para um jogador.



Bolas Paradas Ofensivas

• Livres frontais, o Batista marca (pé esquerdo) e remata à baliza.

• Livres meio campo defensivo, guarda-redes ou central marcam para Batista (referencial) pentear.

• Livres laterais, colocam bola não muito tensa para Batista.



Bolas Paradas Ofensivas: ¶

- ==> Cantos: Batsola é sempre a referência. Muito forte no jogo aéreo. ¶



Organização Defensiva: ¶

- ==> Muito espaço entre linhas. Fraca pressão. ¶



Organização Defensiva: ¶

- ==> 5 jogadores na mesma linha, antes do meio campo ofensivo. ¶
- ==> Muitas vezes há ausência de meio campo. Raramente ganham a 2ª bola. **Aproveita:** ¶
- ==> Objetivo: ganhar a bola, tentar meter no 2º avançados com bola nas costas da defesa. Quase sempre o Batista. ¶



Organização Defensiva: ¶

- ==> Se a bola está num corredor eles pressionam com quase todos os jogadores. ¶
- ==> Importante: Se conseguirmos sair de um corredor e circular a bola com rapidez e eficácia, apanhamos a equipe adversária em contrapé. ¶



Organização Defensiva: ¶

- ==> Guarda-redes fraco a reagir ao remate, largou duas bolas teoricamente fáceis resultantes de remates fora de área, que originaram os 2 golos do Gafanta. ¶



Organização Defensiva: ¶

- ==> Deixam sair a jogar, quer em casa quer fora! ¶



Organização Ofensiva:†

- Processo ofensivo processa-se com uma ausência constante de meio campo. Apenas se observa uma linha mais recuada e uma mais ofensiva.†



Organização Ofensiva:†

- Batista recebe, levanta sempre e cabeça e tenta meter nas costas com os 2 avançados a ir em.†
- Uma linha muito recuada e outra muito adiantada.†
- Consequência: grande espaço no meio campo. Aproveitar 2ªs bolas.†



Organização Ofensiva:†

- Batista tem a bola descoberta. Mauro sempre à espera do passe nas costas.†



Organização Ofensiva:†

- Colocam sempre muitos homens na área para aproveitar o cruzamento.†



- 2 bolas na área para o cruzamento.†



Organização Ofensiva:†

- Em construção curta, tentam sempre dar no trínco.†
- Ao receber a bola, orienta-se sempre para a frente para meter nos extremos ou nos avançados (entre linhas ou nas costas).†



Organização Ofensiva:†

- Executam e arrancam muitos passes entre linhas. Se a pressão for feita de imediato, pode originar contra-ataque perigoso.†



Organização Ofensiva:†

- Quando a bola chega ao extremo, este raramente flete para o meio para chutar, tenta sempre cruzar, aproveitando o elevado número de jogadores que o Cesariosa mete na área.†



→ Balista recebe bola, mete na área



Transição Defensiva

→ Muito permeável ao segundo poste e à entrada da área. Aproveitar 2ªs bolas



Transição Defensiva

→ Aproveitar o contra-ataque. Eles atacam com muitos jogadores, não encurtando as linhas.



Transição Defensiva

→ Logo que a bola esteja em posse da equipa adversária. Os 11 jogadores do Casaisosa baixam atrás da linha da bola, dando muito espaço para circular. (bleco muito baixo)



Transição Defensiva

→ Centrais não encostam logo em cima do poste de lança. Capacidade de receber e entregar fácil.



Transição Ofensiva

→ Balista recupera a bola e quase sem olhar mete a bola nas costas da defesa para a rapidez dos dois avançados.



Transição Ofensiva

→ Contra-ataque muito rápido



Anexo 4 Análise de Jogo em formato Power Point, que persistiu até ao final da época.

Análise de Jogo

Grupo Desportivo Oliveira de Frades



A VENCER DESDE 1916

Diogo Braz

Campeonato Portugal Prio Fase de Manutenção 15/16 Série D

Jornada Nº14 Condições Atmosféricas

Lusitano vs Oliveira de Frades

- Domingo, 15 de Maio
- 15h00
- Estádio dos Trambelos
- Relva natural



• Probabilidade de Precipitação - 0%

• Temperatura 21°C 9°C

Classificação

	P	V	E	D	GM	GS	Diff
1 AD Sanjoanense	45	13	9	3	1	25	9 +16
2 Cesarense	35	13	7	3	3	18	14 +4
3 Lusitano FCV	31	13	4	4	5	15	10 +5
4 Mortágua	29	13	6	1	6	13	14 -1
5 Gafanha	27	13	5	4	4	14	16 -2
6 Lusitânia Lourosa	26	13	4	4	5	11	14 -3
7 Oliv. Frades	22	13	3	3	7	15	21 -6
8 Bustelo	15	13	2	2	9	9	22 -13

Análise geral:

- Guarda-redes algo débil a segurar bolas;
- Defesa forte no jogo aéreo;
- Meio campo com qualidade técnica
- Alas rápidos;
- Ponta-de-lança segura e entrega bem o esférico

Análise Coletiva:

Pontos fortes:

- Bolas paradas ofensivas;
- A sua principal arma no ataque, é o contra-ataque;
- Colocam muitas bolas para a velocidade do Mikua;
- Este é o elemento que mais desequilibra na equipa do Oliveira de Frades;
- Os médios têm um bom remate de meia distância;
- Procuram muito o Nuñez, que segura e entrega bem, originando ataques muito perigosos;
- Realizam muitos cruzamentos para a área.

Pontos mais débeis:

- Bolas paradas defensivas;
- Executam uma pressão não muito eficiente;
- Débeis a atacar o esférico na sua trajetória aérea;
- Projetam-se muito no ataque, ficando suscetíveis a muitas transições defensivas;



Bolas Paradas Defensivas:

- Não são muito organizados na sua área defensiva;
- Ponto a explorar.



www.gdofrades.wordpress.com

Bolas Paradas Ofensivas:

- Batem muitas bolas ao 2º poste, para aproveitar o bom jogo aéreo do João Paulo.



Organização Ofensiva:

- Utilizam muito o jogo direto como arma de ataque;
- São muito rápidos e oportunos a chegar à 2ª bola.



Organização Defensiva:

- Defesa Central, João Paulo(99) arrisca muitos passes entrelinhas;
- Se ocorrer uma pressão imediata, a consequência é, quase sempre contra-ataque perigoso.



Transição Ofensiva:

- Causam muito perigo através das transições ofensivas;
- Colocam muitas bolas longas para o Nuñez segurar;
- Este entrega de frente, ou mete logo para a velocidade do Mikua.



Transição Defensiva:

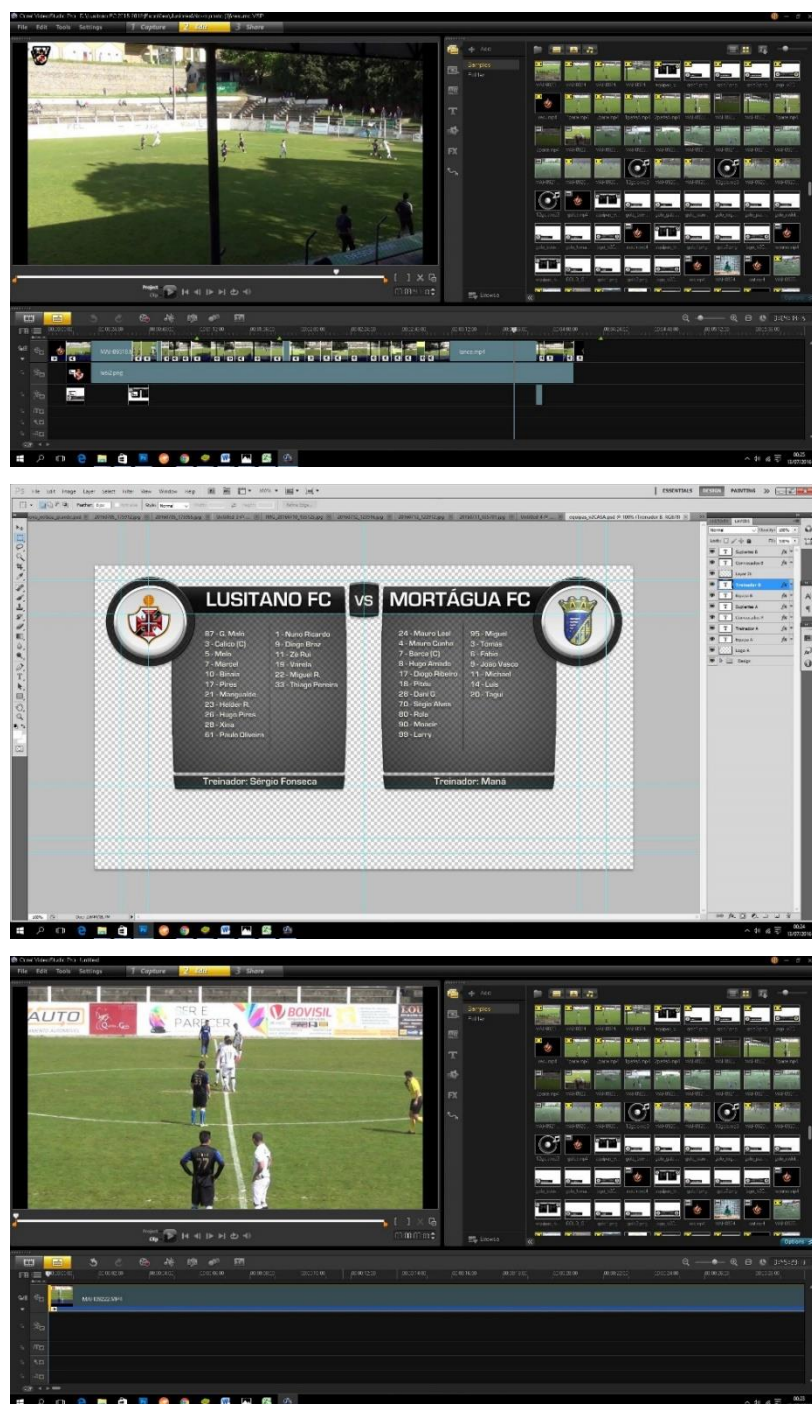
- Executam uma pressão aguerrida, mas pouco eficiente;
- Consequência: Sofrem contra-ataques perigosos.



Análise individual:

- **Mikua 11:**
 - Ala muito rápido
 - Finta curta
 - Provoca muito o 1x1
 - Muito solicitado pelos médios e centrais
- **Nuñez 15:**
 - Joga simples
 - Segura e entrega bem a bola
 - Muito estático, algo lento
- **Zé Henrique 10:**
 - Ala rápido
 - Joga simples
 - Procura muito bolas para as costas da defesa
- **Trinta 14:**
 - Médio bom tecnicamente
 - Não tem medo de ter bola no pé
 - Bom remate meia distância
- **Miquel Campos:**
 - Trinco
 - Aguerrido
 - Forte no jogo aéreo
- **Mauro 10:**
 - Médio
 - Bom tecnicamente
 - Rápido

Anexo 5 Imagens representativas dos programas utilizados na realização dos resumos dos jogos - Corel Video e Photoshop.



Anexo 6 Programa usado para reproduzir os vídeos observados (BsPlayer).



Anexo 7 Exemplo de 3 crónicas ARDF realizadas para o jornal Dsport.

14 ABR 2016

Alto
Rendimento
desportivo no
Futebol

Será produtivo
realizar alongamentos
estáticos depois de
uma sessão de
treino?

No mundo do futebol, podemos afirmar que os alongamentos realizados na parte final do treino são incluídos no plano de treino de muitos treinadores. Mas até que ponto estes são benéficos ao atleta? De um ponto de vista mais científico, o exercício físico provoca danos nas células musculares, havendo uma alteração ao nível das suas membranas, tornando-se estas, mais permeáveis à entrada de Cálcio (Ca^{2+}). Este excesso de Ca^{2+} dentro da célula provoca uma sobrecarga, levando à destruição da célula. Quando fazemos um alongamento estático estamos a ativar uns canais que respondem ao stress (exercício), que libertam ainda mais Ca^{2+} para o interior da célula, levando a uma destruição mais rápida destas células. Outro aspeto é o fato de, quando fazemos exercício há uma preocupação em eliminar os dejetos metabólicos e essa ação torna-se mais complicada com este tipo de alongamentos porque o fluxo sanguíneo é menor devido à posição estática. Posto isto, podemos afirmar que cientificamente, este tipo de alongamentos não faz muito sentido, mas há um aspeto que não podemos negligenciar que é o fato de após a realização destes alongamentos, nos sentirmos bem, mais soltos. Por isso podemos dizer que há uma contradição naquilo que é sabido cientificamente e aquilo que é sentido pelo atleta.

Diogo André Monteiro Braz

dsport.pt | 7

21 ABR 2016

Alto
Rendimento
desportivo no
Futebol


Uso benéfico (ou não)
dos anti-inflamatórios
depois do treino!

No Futebol o atleta está constantemente a sofrer agressões físicas, funcionais e ambientais de tudo o que está inerente ao processo de treino, e no final deste, o jogador costuma apresentar-se com dores musculares, com uma sensação de músculos doridos e uma perda da função muscular. De uma forma geral, sente-se cansado. Esta sensação é resultante do dano muscular induzido pelo exercício (DMIE). Para contrariar estes efeitos e evitar uma inflamação muito acentuada, é muito comum o atleta tomar anti-inflamatórios (ibuprofeno, paracetamol,...) a seguir à sessão de treino. Quando realizamos um exercício intenso, há um distúrbio a nível celular e subcelular de algumas células musculares, levando à sua morte. De modo a reparar os danos causados pelo exercício, o organismo procede à degradação de proteínas e à sinalização de umas células (satélite) que fornecem agentes necessários à reparação e subsequente crescimento de um novo tecido muscular. Vários estudos comprovam que a utilização constante destes anti-inflamatórios a seguir ao treino é prejudicial à formação de novas proteínas bem como à proliferação das células satélite, promovendo assim, uma recuperação mais tardia do jogador.

Diogo Braz

dsport.pt | 7

19 MAI 2016



ALTO
RENDIMENTO
DESPORTIVO
NO FUTEBOL

Importância da
Hidratação

Um atleta, ao desempenhar as ações técnico-táticas características do Futebol, está sujeito a um aumento da circulação sanguínea no organismo. Como são indivíduos treinados, o maior afluente de sangue, corre para as zonas mais utilizadas no exercício, neste caso, as pernas. Por isso, é que quando um jogador está a correr, não apresenta a face rosada, como acontece em indivíduos não treinados, onde o sangue circula para zonas, que não têm a necessidade de receber, quantidades tão avultadas de sangue. Com este aumento da circulação sanguínea, há também um incremento da produção de calor. Este calor é prejudicial, pois limita a produção de energia, necessária a uma performance desportiva adequada. O mecanismo utilizado, pelo nosso organismo, para a dissipação deste calor é o suor. Um atleta, ao suar, perde em média, 1 a 2 L de líquidos, e minerais, por hora de exercício, dependendo do ritmo e da intensidade do mesmo. Por isso, há que ter uma preocupação acrescida, em repor o que foi perdido, através da hidratação. Uma hidratação eficiente, irá permitir uma diminuição da temperatura corporal, permitindo ao organismo, não ter que realizar um esforço adicional, que para além do exercício, ainda tem que dissipar calor. Esta hidratação, passa, não só, pela ingestão de água, mas também de bebidas isotónicas, que contêm sais-minerais, permitindo, assim nivelar o balanço mineral.

Diogo Braz

dsport.pt | 13